



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS**

**PROMOÇÃO DO SUCESSO EDUCATIVO
UMA RESPOSTA PARA JOVENS
INSTITUCIONALIZADOS COM PROBLEMAS
ESCOLARES**

Ana Rita Monteiro Dias

Portalegre, abril, 2016



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS**

Projeto de Intervenção

Mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco

**PROMOÇÃO DO SUCESSO EDUCATIVO
UMA RESPOSTA PARA JOVENS
INSTITUCIONALIZADOS COM PROBLEMAS
ESCOLARES**

Ana Rita Monteiro Dias

Orientadora: Professora Doutora Maria Elisabete Mendes

Portalegre, abril, 2016

AGRADECIMENTOS

Ao longo do meu percurso acadêmico, existiram pessoas que me acompanharam sempre, ajudaram, acreditaram em mim e fizeram-me acreditar nas competências que tenho. A estas pessoas, um grande obrigado por me terem apoiado em momentos difíceis do meu percurso.

Relativamente ao projeto de intervenção, tenho a agradecer por me terem deixado realizar o projeto numa Escola Básica e Secundária, e me terem proporcionado a oportunidade de mostrar e ajudar alguns jovens no seu percurso de vida. Este projeto não teria sido bem-sucedido se não tivesse uma boa orientação da professora Maria Elisabete Mendes. À professora um grande obrigado pela sua paciência, dicas/estratégias de ajuda, por me ter feito acreditar que era capaz e sobretudo em acreditar que era capaz de lidar com determinadas situações.

À equipa do Gabinete de Intervenção Social e Psicológica tenho a agradecer pela boa integração que me proporcionaram por todas as dúvidas esclarecidas e disponibilidade para as esclarecer, por toda a documentação facultada, pela integração nas atividades do gabinete e pela paciência. Um especial agradecimento à Nádía Barreiros por me ter orientado na escola e ajudado no desenvolvimento do projeto.

A instituição por me ter ajudado na escolha dos jovens para implementar o projeto e por terem sido incansáveis no que precisava.

Aos diretores de turma e respetivos professores dos jovens, por me terem proporcionado a oportunidade para realizar as minhas atividades nas suas aulas e pela participação no projeto.

À diretora do Agrupamento, professora Manuela Espadinha, por ter aceite o meu pedido de realização do projeto.

Não posso também de deixar de agradecer aos jovens, por terem participado e colaborado nas atividades, por terem pedido a minha ajuda quando precisavam, por terem confiado em mim para desenvolver este projeto com eles e por muitas vezes me verem na rua e me dizerem um simples “Olá”.

Por último, não posso deixar de agradecer à minha família, especialmente aos meus pais, por me terem dado a oportunidade de poder frequentar este mestrado.

RESUMO

Em Portugal existe ainda um número significativo de crianças e jovens em situação de acolhimento residencial devido as situações de perigo em que esteja em causa o Direito à Educação. Uma realidade cada vez mais presente e que não pode ser ignorada, uma questão educativa que conduz à institucionalização. Na sequência desta situação, a Escola e o Lar de Infância e juventude têm a função de trabalharem em conjunto, para assim colmatarem fatores de risco, tornando-se os principais responsáveis pela educação das crianças e jovens.

Devido ao facto de o absentismo escolar e insucesso educativo serem um dos principais problemas das crianças e jovens, elaborou-se um projeto com o intuito de perceber quais os seus maiores problemas a nível escolar e intervir o sentido de promover o sucesso educativo.

Neste projeto participaram 3 jovens do sexo masculino, de uma instituição de acolhimento a frequentar anos escolares diferentes, mas da mesma escola. Refira-se ainda a participação dos 3 diretores de turma, de cada jovem. A metodologia utilizada neste projeto de intervenção foi: pesquisa documental (processos socioeducativos de cada aluno); sessões individuais (com cada aluno) e questionários (aos diretores de turma).

O facto da Escola e a Instituição manterem uma boa comunicação e as sessões terem um acompanhamento direcionado para o reforço da importância da escola permitiu um maior empenho por parte dos jovens. Os resultados obtidos neste projeto de intervenção apontam no sentido de que os jovens caminham para o sucesso educativo com vista a poderem voltar para as suas famílias.

Palavras – Chave: Institucionalização, Absentismo Escolar, Insucesso Educativo, Sucesso Educativo, Crianças e Jovens em Perigo.

ABSTRACT

In Portugal there is still a significant number of children and young people in residential care situation because of the danger that is involved the Right to Education. A reality ever more present and that can not be ignored, an educational issue that leads to institutionalization. Following this situation, the School of the Home Children and youth have the responsibility to work together, thus plugging risk factors, becoming primarily responsible for the education of children and youth.

Because truancy and educational failure are one of the main problems of children and young people, elaborated a project in order to understand what their biggest problems in schools and to intervene to promote educational success.

In this project we participated 3 young men, a host institution to attend different school years, but the same school. Refer also the participation of the third class of directors of each youth. The methodology used in this intervention project was: documentary research (socio-educational processes of each student); individual sessions (each student) and questionnaires (the class of directors).

The fact that the school and the institution maintain good communication and sessions have a follow-directed to the strengthening of the importance of school allowed a greater commitment by young people. The results of this intervention project point towards that young people go to educational success in order to be able to return to their families.

Keywords: Institutionalization, Absenteeism School, Educational Failure, Educational Success, Children and Youth in Danger.

ÍNDICE

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO | 4 |
| CAPÍTULO I- ENQUADRAMENTO GERAL | 5 |
| 1. EDUCAÇÃO | 5 |
| 2. ESCOLA | 8 |
| 3. ABSENTISMO, INSUCESSO E INDISCIPLINA | 9 |
| 3.1 <i>Absentismo</i> | 9 |
| 3.2 <i>Insucesso</i> | 13 |
| 3.3 <i>Indisciplina</i> | 14 |
| 4. CRIANÇAS E JOVENS EM RISCO | 17 |
| 5. INTERVENÇÃO EM SITUAÇÕES DE RISCO | 20 |
| 5.1 <i>Mediação de conflitos</i> | 20 |
| 5.2 <i>Negociação</i> | 21 |
| 5.3 <i>Prevenção</i> | 22 |
| CAPÍTULO II- ENQUADRAMENTO ESPECIFICO | 23 |
| 1. TERRITÓRIOS EDUCATIVOS DE INTERVENÇÃO PRIORITÁRIA | 23 |
| 2. PROMOÇÃO E PROTEÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS EM RISCO | 26 |
| CAPÍTULO III- PROJETO DE INTERVENÇÃO | 35 |
| 1. CARACTERIZAÇÃO DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS | 35 |
| 1.1 <i>Gabinete de Intervenção Social e Psicológica</i> | 37 |
| 2. CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO | 38 |
| 3. DIAGNÓSTICO SOCIAL | 39 |
| 3.1 <i>Avaliação dos problemas e necessidades</i> | 40 |
| 4. OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS DO PROJETO | 41 |
| 5. PÚBLICO-ALVO DO PROJETO | 42 |
| 6. METODOLOGIA | 44 |
| 7. ATIVIDADES IMPLEMENTADAS | 47 |
| CAPÍTULO IV- RESULTADOS DO PROJETO DE INTERVENÇÃO | 57 |
| 1. APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS | 57 |
| 2. DISCUSSÃO DE RESULTADOS | 65 |
| REFLEXÃO FINAL | 68 |
| ANEXOS: | 75 |
| ANEXO I- PEDIDO DE ESTUDO | 76 |
| ANEXO II- DECLARAÇÃO DE IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO..... | 77 |
| ANEXO III- FICHA “CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO” | 78 |
| ANEXO IV- FICHA “COMO CORREU A SEMANA” | 90 |
| ANEXO V- FICHA “REGISTO DOS SENTIMENTOS” | 91 |
| ANEXO VI- FICHA “MAIS ALGUMA PREOCUPAÇÃO?”..... | 92 |
| ANEXO VII- FICHA “MUDAR” | 93 |
| ANEXO VIII- FICHA “LOJA DA MUDANÇA”..... | 94 |
| ANEXO IX-” FICHA “EXERCÍCIO DE PENSAMENTO POSITIVO” | 95 |
| ANEXO X- FICHA “PERGUNTAS PARA COMPLETARES..... | 96 |
| ANEXO XI- FICHA “QUADRO DE REGISTO AUTO-AVALIAÇÃO” | 97 |
| ANEXO XII- GUIÃO | 98 |
| ANEXO XIII- HISTÓRIAS DE VIDA..... | 101 |

| | |
|---|-----|
| ANEXO XIV- FICHA “COISAS QUE ESTOU A TENTAR MELHORAR” | 110 |
| ANEXO XV- FICHA “UMA CARTA PARA MIM” | 111 |
| ANEXO XVI- FICHA “TEMPO DE FALAR” | 112 |
| ANEXO XVII- FICHA “CONFIANÇA” | 113 |
| ANEXO XVIII- FICHA “PROBLEMAS” | 114 |
| ANEXO XIX- FICHA “FALAR DE PROBLEMAS” | 115 |
| ANEXO XX- FICHA “ALGO MUDA” | 116 |
| ANEXO XXI- FICHA “MENOS UM PROBLEMA” | 117 |
| ANEXO XXII- FICHA “NOVO CAMINHO” | 118 |
| ANEXO XXIII- “FICHA DOS SMILES” | 119 |
| ANEXO XXIV- “FICHA DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES” | 119 |
| ANEXO XXV – QUESTIONÁRIO AOS DIRETORES DE TURMA | 120 |

ÍNDICE DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ASE- Ação Social Escolar

CAE- Caderno de Acompanhamento Escolar

CAT – Centro de Acolhimento Temporário

CASA - Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

CNCJP – Comissão Nacional de Crianças e Jovens em Perigo

CRP- Constituição da Republica Portuguesa

DT - Diretores de Turma

GIP- Gabinete de Intervenção Social e Psicológica

LIJ – Lares de Infância e Juventude

LPCJP – Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo

PIEF- Programa Integrado de Educação e Formação

SPDE- Situações de Perigo que esteja em causa o Direito a Educação

TEIP- Território Educativo de Intervenção Prioritária

ZEP- Zones d'Education Prioritaire

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade a construção e implementação de um Projeto de Intervenção, com vista à obtenção do grau de Mestre em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco. Este projeto tem como principal objetivo sensibilizar jovens institucionalizados para o sucesso educativo. O local escolhido para a sua realização foi uma escola sede de Agrupamento, o motivo da escolha deve-se a temática do projeto e ao facto de já existir contato direto com a Equipa do Gabinete de Intervenção Social e Psicológica no âmbito de um estágio curricular de licenciatura. A principal motivação para a realização deste projeto de intervenção prende-se com o modo como funciona o acompanhamento escolar de crianças e dos jovens em perigo que se encontram em situação de acolhimento, por esse motivo decidiu-se escolher para a sua implementação um Agrupamento Escolas TEIP -Território Educativo de Intervenção Prioritária, que presenteia cursos vocacionas e cursos profissionais o que leva a uma grande incidência de alunos institucionalizados a frequentar os mesmos.

Pretende-se com o desenvolvimento do projeto intervir na área de infância e juventude com jovens institucionalizados, analisar e compreender se a institucionalização é uma resposta para jovens com problemas de insucesso escolar, indisciplina e absentismo. Neste projeto participaram, inicialmente seis jovens do sexo masculino com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos, institucionalizados há mais de um ano.

O trabalho está organizado em duas partes: a primeira refere-se à parte teórica e a segunda à parte empírica. A parte teórica está estruturada em dois capítulos, no primeiro capítulo explicitam-se os principais conceitos relacionados com a educação, escola, insucesso escolar, absentismo, indisciplina, bem como, crianças e jovens em risco. No segundo capítulo explicita-se o enquadramento do TEIP, derivado ao facto de a escola sede do agrupamento escolhida para a realização do projeto pertencer a esse programa, bem como o enquadramento legal no domínio do acolhimento residencial.

A segunda parte diz respeito à parte empírica, na qual se faz uma caracterização do Agrupamento e da Instituição de Acolhimento, bem como, se identificam os objetivos do estudo, diagnóstico social, público-alvo, metodologia e atividades implementadas. Nesta parte realiza-se ainda a apresentação dos resultados, bem como a sua análise e discussão. O projeto de intervenção termina com uma reflexão, na qual se procura salientar as principais ideias e problematizar a institucionalização como uma respostas para os jovens com insucesso, absentismos e indisciplina.

CAPÍTULO I- ENQUADRAMENTO GERAL

Neste capítulo iremos abordar as temáticas da educação, escola, insucesso, indisciplina, crianças e jovens em risco, vulnerabilidade, perigo, resiliência, mediação de conflitos e prevenção.

1. Educação

“A natureza do homem, na sua dupla estrutura corpórea e espiritual, cria condições especiais para a manutenção e transmissão da sua forma particular e exige organizações físicas e espirituais, ao conjunto das quais damos o nome de educação” (Brandão, 2007, p.14-15).

A Educação é uma estrutura de relação interpessoal e não apenas um acontecimento intrapessoal, individual. Os processos educativos não se poem em movimento unicamente a partir do individuo. É uma ação reguladora e estimuladora do processo de desenvolvimento humano e da personalidade humana. Para Kant (1724-1804, citado por Araújo, s/d) “o ser humano só se torna verdadeiramente humano pela educação”

O termo educação tem origem latina *E-ducere*, que significa extrair o que está dentro, desenvolver as capacidades inatas, conduzir para fora. Outros sugerem a origem em *educare*, que significa a ação de formar, instruir, guiar. Educação é sempre uma prática, uma ação, não é possível compreendê-la como algo estável. Ela é uma ação social que tem em vista um fim. A educação é, também, um processo de teorização e de reflexão, pois, envolve consciência de um conhecimento e de uma ação.

“Ninguém escapa da Educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação” (Brandão, 2007, p.7).

Não há uma única nem único modelo de educação, também a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor. O ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante. Em diversas sociedades, a educação existe de forma diferente.

Segundo Brandão (2007), “a educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida”. Ela pode existir imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens, na divisão dos

bens, no trabalho, dos direitos e dos símbolos. O mesmo autor salienta ainda que, “a educação existe no imaginário das pessoas e na ideologia dos grupos sociais e, ali, sempre se espera, de dentro, ou sempre se diz para fora, que a sua missão é transformar sujeitos e mundos em alguma coisa melhor”.

Para o autor os contextos educativos abrangem a:

Educação formal

A Educação Formal é normalmente identificada com a educação escolar, é um processo educativo que tem currículos e regras de certificação bem definidas. Esta educação normalmente vai do pré-escolar ao ensino superior ou instituições de ensino acreditado.

Educação não-formal

A Educação Não Formal é uma educação que ocorre fora do sistema formal de ensino, sendo complementar a este. É um processo organizado, mas geralmente os resultados da aprendizagem não são avaliados formalmente, embora o seu valor possa ser apreciado por avaliações externas e ter o mesmo grau de credibilidade que o ensino formal. É voluntária, não hierárquica, e baseia-se na motivação intrínseca dos formandos, que voluntariamente procuram a aprendizagem. Toma em consideração as necessidades pessoais dos formandos e adequa-se a essas necessidades para responder às suas aspirações. Este tipo de ensino tem maior flexibilidade do que o ensino formal, é também referido como aprendizagem ao longo da vida, no caso dos adultos.

Educação informal

A Educação Informal pressupõe a realização de experiências e desenvolvimento de aprendizagens positivas durante a vida do indivíduo em contextos não formais, como por exemplo aspetos do nosso quotidiano, andar na rua, andar de transportes públicos, assistir a concertos, peças de teatro, entre outros, situações em que acabamos sempre por aprender mesmo não estando em contexto formal. Desta forma, este processo revela efetivamente a acumulação e aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes que através destas experiências e vivências do quotidiano acabam por ser essenciais e pertinentes em diversos contextos ao longo da vida de cada um.

A distinção que é feita entre os três sistemas de educação refere-se principalmente à forma como estão organizados. A educação formal é a que acontece nas escolas, universidades, politécnicos e escolas profissionais que atribuem graus; a educação não

formal é a educação organizada fora do sistema de ensino formal e a educação informal refere-se às restantes aprendizagens não organizadas, como interação com a família, amigos, e todas as experiências pessoais ao longo da vida.

Para Brandão (2007), a educação aparece sempre que surgem formas sociais de condução e controle da aventura de ensinar-e-aprender. O ensino formal é o momento em que a educação se sujeita à Pedagogia (teoria da educação), cria situações próprias para o seu exercício, produz os seus métodos, estabelece suas regras e tempos.

A palavra Pedagogia tem origem na Grécia Antiga, *paidós* (criança) e *agogé* (condução). O termo deriva da palavra *paidagogos*, nome dado aos escravos que conduziam as crianças à escola. Hoje em dia, a pedagogia é considerada como sendo o conjunto de saberes que compete à educação enquanto fenómeno tipicamente social e especificamente humano. Trata-se de uma ciência aplicada de carácter psicossocial, cujo objeto de estudo é a educação.

“O termo **“pedagogia social”** é de origem alemã tendo sido utilizado pela primeira vez em 1844, por Karl Mager; na revista *Pädagogische Revue* e pretendia inicialmente caracterizar o conceito de “ajuda à juventude”, isto é, ajuda educativa, profissional e cultural” (Casteleiro, 2008).

A pedagogia social corresponde à disciplina científica com carácter teórico e prático que fornece as ferramentas para a intervenção prática com e sobre os indivíduos, através da educação social. A pedagogia social implica um conhecimento do indivíduo para melhor poder atuar sobre ele, quer numa situação normalizada, quer numa situação de conflito ou de necessidade. O objetivo primordial é o de contribuir para a integração social do indivíduo estimulando a capacidade crítica, para que consiga melhorar e transformar o meio social em que vive.

A aprendizagem é o processo pelo qual as competências, habilidades, conhecimentos, comportamentos ou valores são adquiridos ou modificados, como resultado de estudo, experiência, formação, raciocínio e observação. Este processo pode ser analisado sob diversas perspetivas, pelo que existem diferentes teorias da aprendizagem. Ela designa não só a criação e a construção de modos de conduta desejáveis, ou mas também se aprende uma conduta indesejada. Além disso a aprendizagem ocorre em forma negativa como desaprendizagem e esquecimento (Hilgard, 1975).

O processo fundamental na aprendizagem é a imitação (a repetição de um processo observado, que requer tempo, espaço, habilidades e outros recursos). A

aprendizagem humana é uma mudança relativamente estável do comportamento de um indivíduo como resultado da experiência. Esta mudança resulta da sequência do estabelecimento de associações entre estímulos e respostas.

2. Escola

“A escola é o vínculo de formação dos membros de uma sociedade ou cultura de acordo com os valores porque se rege” (Navarro, 1998, p.43).

Desde sempre a escola ocupou um papel fundamental na formação dos indivíduos. A partir da Revolução Industrial e em consequência de novas exigências sobre os saberes e conhecimentos necessários ao desempenho profissional em postos de trabalho mais qualificados, as sociedades reorganizaram os seus sistemas educativos estabelecendo modelos de escolarização obrigatória de forma a proporcionar à generalidade dos indivíduos melhores níveis de formação.

A escola tem como objetivo criar condições e fornecer experiências que permitam o acesso dos alunos ao conhecimento e à aquisição de competências necessárias à futura inserção social e cidadania dos indivíduos. De acordo com Navarro (1998, p.68) “À escola cabe fundamentalmente dar a todos os alunos as maiores e mais qualificadas oportunidades de acesso e sucesso educativo”.

Canário (2005) considera que uma escola tem uma pluralidade de definições, que apela a uma distinção analítica em três dimensões: a escola é uma forma, uma organização e uma instituição.

“A **forma escolar** representa uma nova maneira de conceber a aprendizagem, em rotura com os processos de continuidade com a experiência e de imersão social que prevaleciam anteriormente. Esta modalidade de aprendizagem possui uma autonomia própria. A **organização escolar** corresponde a modos específicos de organizar os espaços, os tempos, os agrupamentos dos alunos e as modalidades de relação com o saber. A escola é também uma **instituição**, que a partir de um conjunto de valores estáveis e intrínsecos, funciona como uma fábrica de cidadãos, desempenhando um papel central na integração social, na perspetiva durkheimiana de prevenir a anomia e preparar a inserção no mercado do trabalho” (Canário, 2005, p.62).

Dada a perspetiva do que é a escola nas três dimensões, importa também demonstrar os três períodos distintos da educação, sendo esses: a escola das certezas, a escola das promessas e a escola das incertezas, referidos pelo mesmo autor.

A escola das certezas, é marcada pelo período forte da instituição, tendo como referencia o designado “Estado Educador”.

Este período ocorre entre a Revolução Francesa e o fim da Primeira Guerra Mundial, é considerado um período de harmonia entre a escola e o seu contexto externo,

funcionavam num registo elitista, constituindo para alguns um instrumento de ascensão social. O período seguinte foi a partir dos meados do século XX, com a construção do Estado Providência, que se assume como “Estado Desenvolvimentista” (Canário, 2005).

Ficou marcado pela viragem de uma escola elitista para uma escola de massas, houve uma expansão dos sistemas escolares alegando uma atitude otimista, de mobilidade social e de igualdade para todos, sendo designado de escola das promessas.

Até há algum tempo, a escola era entendida, como um lugar onde se adquiriam saberes e competências fundamentalmente de natureza académica e conhecimento, aceitando-se que os aspetos mais ligados à formação pessoal, cívica, moral e ética seriam da responsabilidade da ação educativa das famílias.

Atualmente, devido às mudanças sociodemográficas que se têm manifestado, verifica-se que a estrutura familiar tem vindo a sofrer alterações profundas que têm consequências importantes nas funções educativas, quer da instituição escolar, quer da instituição familiar.

Segundo Navarro (1998, p.70), “A escola é uma organização de responsabilidade coletiva, pelo que os seus responsáveis e professores devem partilhar dificuldades, ideias e sugestões” e confronta-se com as novas funções educativas, nomeadamente as decorrentes da necessidade de vir a responsabilizar-se por ministrar uma formação mais abrangente, concretamente a formação pessoal e social dos jovens.

3. Absentismo, Insucesso e Indisciplina

3.1 Absentismo

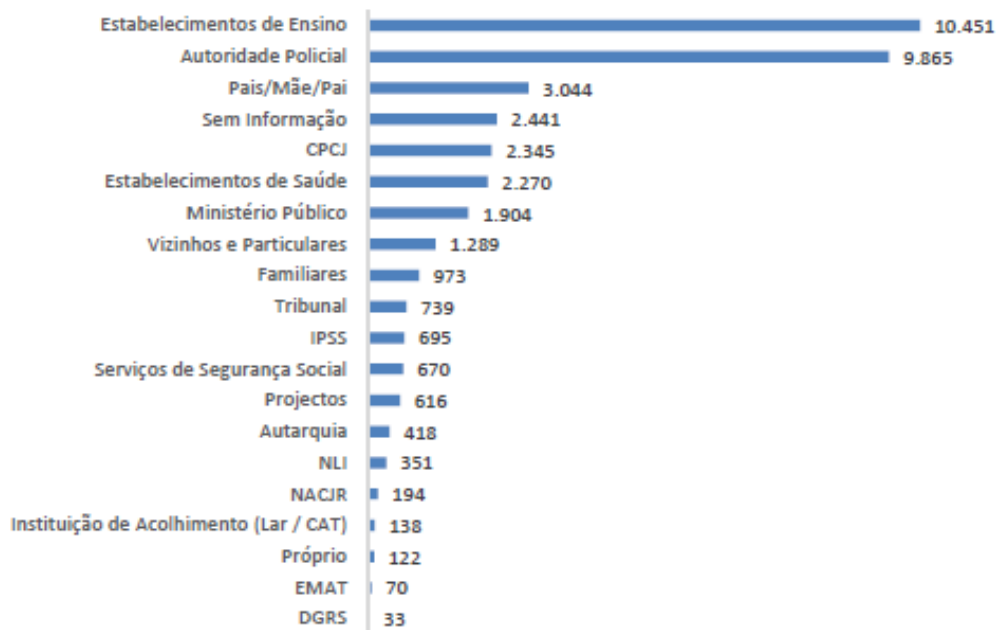
Diversos estudos aprofundam esta temática, e em geral quando se refere absentismo escolar faz-se referência a faltas às aulas, mas uma análise mais aprofundada da matéria remonta-nos a um conceito dúbio, daí a necessidade definir o conceito para melhorarmos o conhecimento sobre o mesmo e respetiva intervenção como refere González (2005). Para estes autores, o absentismo escolar tem diversas formas e intensidades, assim como as condições e circunstâncias que estejam relacionadas. De acordo com Sales (2005) em Portugal, nos casos de absentismo e abandono escolar, os professores articulam com as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) e outros serviços de apoio incluindo a polícia.

Encarnación (2009) faz referência ao “ambiente socioeconómico desfavorecido” e denota que uma grande percentagem de alunos com problemas de absentismo vive em locais onde a educação para a aprendizagem escolar não é uma prioridade, influenciando assim negativamente o seu desenvolvimento.

Os dados relativos à problemática absentismo escolar a nível nacional estão referidos nas sinalizações feitas à CPCJ no Relatório Anual da Avaliação da Atividade das CPCJ.

Numa análise feita às entidades que sinalizam as situações de perigo, pode-se verificar que a maioria são feitas por estabelecimentos de ensino com uma percentagem de 27,1% que corresponde ao total de 10451 sinalizações.

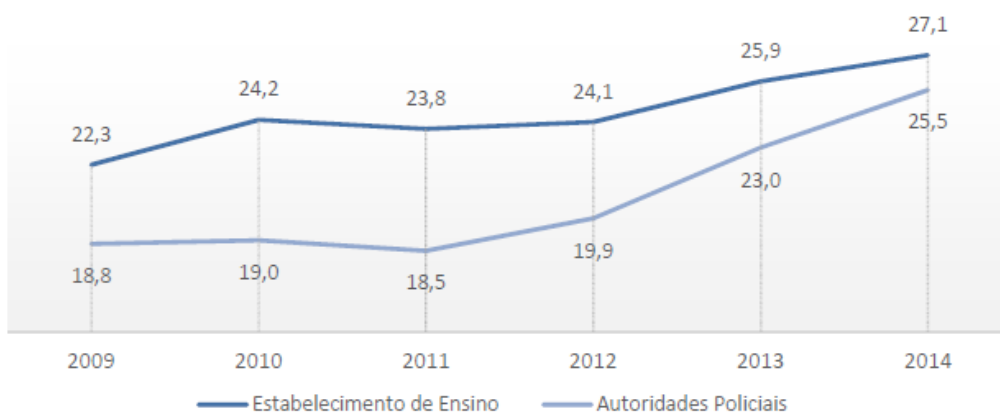
Gráfico 1 – Entidades Sinalizadoras



Fonte: Relatório Anual da Avaliação da Atividade das CPCJ (2014, p.63)

Em comparação aos valores registados desde 2009, podemos verificar no Gráfico 2 que os estabelecimentos de ensino apresentam um maior crescimento. Apesar de em 2011 ter tido uma pequena diminuição de 0,3% das sinalizações feitas. No ano 2014 teve o valor mais elevado dos últimos anos, com um aumento de 1,1% que corresponde a 636 sinalizações. Face a estes resultados o relatório refere que esta causa deve ser tida em consideração com o alargamento da escolaridade obrigatória para o 12ºano, em de 2012.

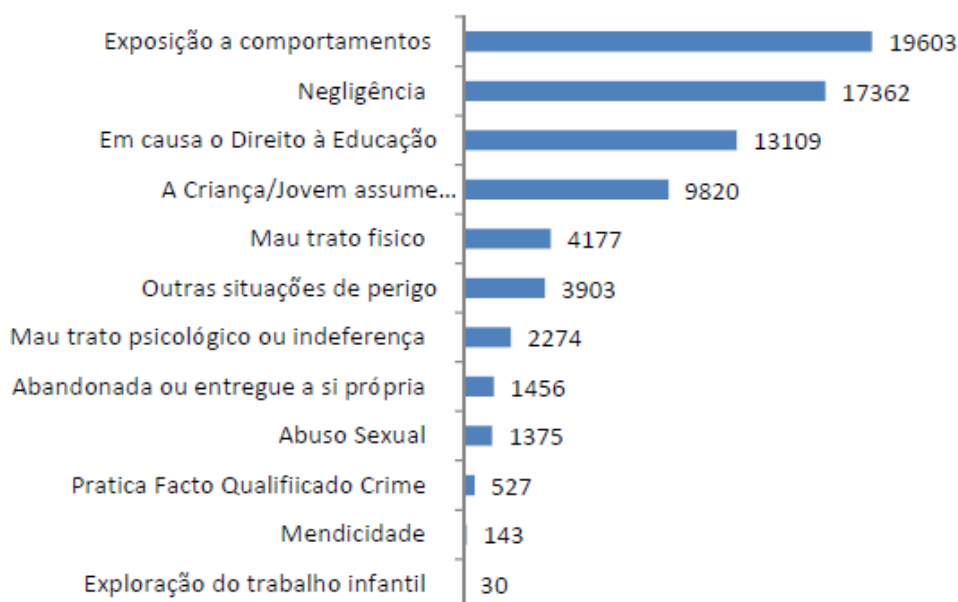
Gráfico 2 – Comparação de 2009 a 2014 das duas principais entidades sinalizadoras das situações de perigo



Fonte: Relatório Anual da Avaliação da Atividade das CPCJ (2014, p.65)

Dado a elevada sinalização ser feita pelos Estabelecimentos de Ensino podemos verificar que uma das principais sinalizações de perigo, que implicou a abertura de processos em 2014 nas CPCJ são situações de perigo em que está em causa o Direito à Educação (SPDE), devido a abandono, absentismo e insucesso escolar, com uma percentagem de 17,5% o que equivale a 13109 processos. Em comparação a 2013 a SPDE obteve com resultados 16,9% com 12152 processos, o que equivale um aumento de 0,6% com 957 processos relativamente a 2014.

Gráfico 3 – Situações de Perigo comunicadas a CPCJ

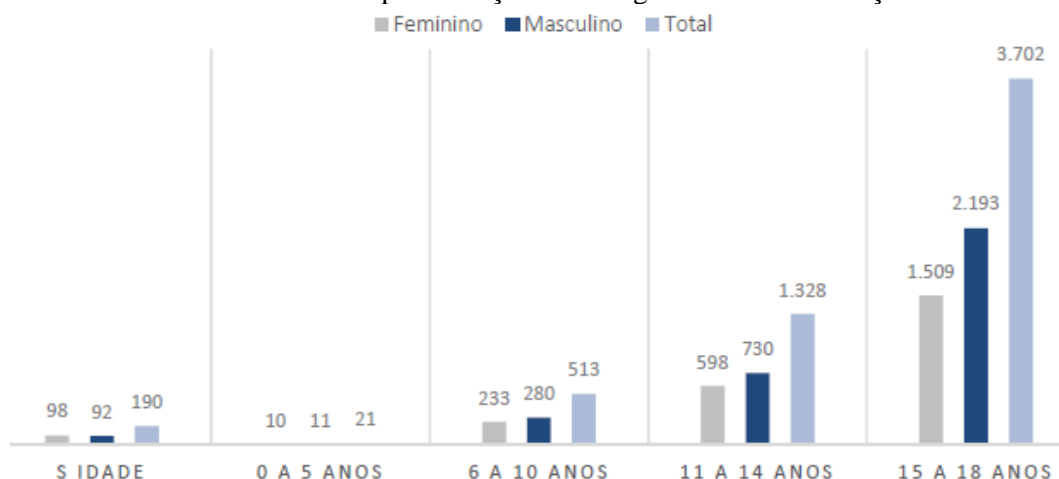


Fonte: Relatório Anual da Avaliação da Atividade das CPCJ (2014, p.82)

As Situações de perigo em que esteja em causa o Direito à Educação são a terceira causa que requer maior intervenção por parte das CPCJ, apesar de que a Negligência (a segunda causa) englobar 17,2% de 251 casos de **negligência ao nível Educativo**.

Na análise feita por escalão etário pode-se verificar que a idade predominante é a dos jovens dos 15 aos 18 anos, pelo que se pode voltar a referir o facto de a escolaridade obrigatória ser até ao 12º ano/18 anos.

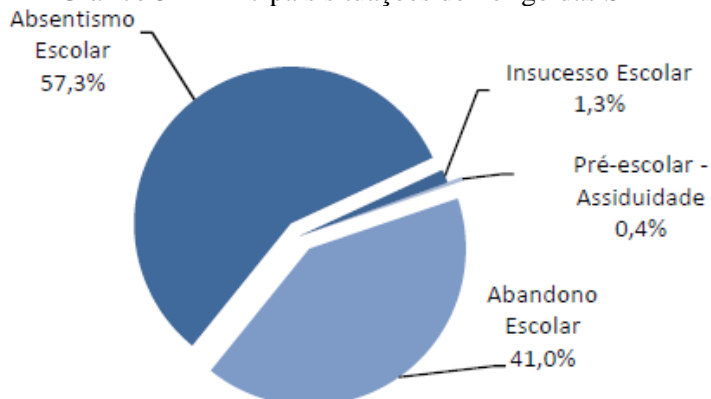
Gráfico 4 – Principais situações de Perigo - Direito à Educação



Fonte: Relatório Anual da Avaliação da Atividade das CPCJ (2014, p.88)

Devido a essa medida a CPCJ no relatório visa a importância de estratégias para a promoção e concretização do direito a educação: instrumento muito relevante da inserção social e profissional das crianças e jovens; promotor da igualdade de oportunidades e corretor de desigualdades sociais.

Gráfico 5 – Principais situações de Perigo das SPDE



Fonte: Relatório Anual da Avaliação da Atividade das CPCJ (2014, p.89)

A situação que mais se destaca é o Absentismo Escolar com 57,3% dos 3208 casos, em seguida o Abandono Escolar, com 41,0% dos 2296 casos, o Insucesso Escolar com 1,3% dos 75 casos e pela primeira vez com 0,4% dos 21 casos em idade Pré-escolar que corresponde à Assiduidade.

Segundo Reid (1981) o absentismo relaciona-se com o meio escolar (a perda de ligação afetiva à escola) e familiar. A escola deve contribuir para a integração de todos os alunos. A família não deve pôr em causa a escola quando eles mesmos não conseguem assegurar a ida dos seus educandos para a Escola. Para Tavares (2006) há outras questões que se devem ter em conta relativamente aos alunos, nomeadamente a falta supervisão por parte da Escola e da Família, a falta de motivação e estímulos e ainda a situação económica em que vivem.

3.2 Insucesso

O insucesso escolar traduz-se na falta de importância e motivação dada à Escola, deve-se a fracos resultados escolares, a dificuldade de aprendizagem (especificamente na realização da assimilação de matérias e realização das atividades propostas), e também se deve ao abandono precoce, à falta de assiduidade, à indisciplina e violência escolar.

Para Torres Santomé (1995) a generalização do acesso à educação gera insucesso escolar dos grupos socioeconómicos desfavorecidos “um modo de institucionalização e legitimação do insucesso”. Barroso (2003) entende a escola como sujeito responsável pelo insucesso escolar dos alunos, por falta de individualização, a escola não desenvolve “competências específicas” para cada um dos alunos.

Como o insucesso escolar é um problema social existem várias causas que podem explicar a mesma consequência, que vão desde a classe social, passando pela responsabilidade dos alunos e da escola.

Antigamente, as causas para o insucesso escolar, eram atribuídas às características cognitivas ou de personalidade próprias do aluno que impediam o seu sucesso e estas estavam ainda relacionadas com as relações interpessoais e as interações educativas.

Já Formosinho (1987) menciona cinco fatores sociais condicionantes do sucesso: a linguagem, os projetos e estilos de vida da família, as atitudes desta face ao saber e à escola, as condições de vida como os horários e a alimentação, o acesso a bens culturais como livros e computadores ou a formas de lazer ou de vida associativa. Bourdieu & Passeron (1970, citados por Saavedra, 2001, p.68) atribuem a causa do insucesso à escola, pois esta cria uma desigualdade entre as classes sociais e culturais.

Segundo Tavares (2006) são muitas as manifestações de insucesso escolar, por isso realça: o abandono da escola antes do fim do ensino obrigatório; reprovações sucessivas que levam a grandes desníveis entre a idade cronológica do aluno e o nível escolar; e a passagem para o tipo ou nível de estudo menos exigentes, que conduzem a aprendizagens profissionais imediatas, afastando-os assim do ingresso no ensino superior.

3.3 Indisciplina

“O conceito de indisciplina relaciona-se intimamente com o de disciplina e tende normalmente a ser definido pela sua negação ou privação ou pela desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas” (Estrela, 1997, p.15).

O termo indisciplina é de origem latina e caracteriza-se pela sua polissemia, assumindo diferentes significados em função do momento histórico-ideológico em que se faz essa apreciação. Assim, o conceito de indisciplina surge como desvio individual ou grupal, conflito, desajustamento, revolta, evasão, violência verbal e física, agressividade, maus tratos entre iguais. Este conceito varia ainda de acordo com o contexto a que se aplica (familiar, institucional, social e escolar) e com a relação que se instituiu entre aquele que define disciplina e aquele a quem esta é imposta ou aplicada.

“A indisciplina é uma situação em que frequentemente os professores se sentem desconsiderados, desprezados, questionados enquanto pessoas” (Carita & Fernandes, 1997, p.15).

A escola como sendo o lugar de transmissão de conhecimentos, de saberes, de competências, de normas e padrões comportamentais, desempenha, um papel determinante no processo de socialização e aprendizagem das crianças e jovens. Mas, esta é uma tarefa que, por vezes, é difícil de realizar com sucesso, devido a alguns problemas como a indisciplina.

A indisciplina escolar tem sido associada também ao aumento da escolaridade obrigatória, que alarga a permanência dos jovens na escola.

Segundo Amado (1998), a indisciplina na escola e na sala de aula é “um fenómeno relacional e interativo que se concretiza no incumprimento das regras que presidem, orientam e estabelecem as condições das tarefas na aula e, ainda, no desrespeito de normas e valores que fundamentam o são convívio entre pares e a relação com o professor, enquanto pessoa e autoridade” (cit in Pereira & Pinto, 2001, p.65).

Muitas das vezes, os comportamentos indisciplinares têm apenas por objetivo provocar o colega no sentido de medir até onde vai a sua capacidade de resposta, de reação e o tempo que este levou a reagir. Dentro da sala de aula este tipo de provocações afeta

fortemente o decorrer normal da aula, bem como desestabiliza e desconcentra a turma em geral.

A indisciplina caracteriza-se pelo seu elevado grau de complexidade e, com o intuito de melhor esclarecer a mesma, Amado (1998 cit in Pereira & Pinto, 2001, p.66) propõe três níveis de tipificação desta problemática:

- | | |
|--|--|
| Nível 1 – Desvio às regras da produção | Abarca aqueles incidentes a que é imputado um carácter “disruptivo”, em virtude da “perturbação” que causam ao “bom funcionamento” da aula (para utilizar uma expressão frequentemente usada pelos professores). |
| Nível 2 – Conflitos interpares | Abrange os incidentes que traduzem, essencialmente, as dificuldades de relacionamento entre os alunos da turma e não só, podendo traduzir-se, também, em fenómenos de violência e bullying. |
| Nível 3 – Conflitos da relação professor-aluno | É composto por comportamentos que, de algum modo, põem em causa a autoridade e o estatuto do professor, abrangendo também a violência e o vandalismo contra a propriedade da escola. |

A natureza e intensidade destes comportamentos podem implicar a passagem do foro escolar e institucional para o foro judicial.

“A tentativa de combater o analfabetismo e de democratizar o ensino, propagou a ideia de escola obrigatória, aumentando o número de alunos e conseqüentemente o aumento de professores, que na maioria das vezes não estavam preparados para lidar com tanta diversidade de crianças. Diante deste contexto, a escola deixou de ser percebida como um direito passando a ser encarada por muitos alunos como uma imposição, contribuindo para o aparecimento da desmotivação e do comportamento indisciplinado” (Ferreira, 2006, p.117 cit in Sapateiro; Szymanski; Ragazzan,2004).

As causas da indisciplina nos estudos de Estrela (2007) e Amado e Freire (2009) são os comportamentos que visavam o professor, verificavam-se em anos de escolaridade mais elevados. Contudo, os estudos mais recentes indicam que estes comportamentos

tendem a manifestar-se em níveis etários e anos de escolaridade mais baixos. As causas podem ser:

- Inerentes ao próprio indivíduo: “distúrbios de personalidade, instabilidade emotiva, baixa autoestima, desinteresse pelo trabalho escolar, falta de hábitos, falta de perspectivas e de projeto de vida, e tudo isso, frequentemente, argamassado com uma história de vida atribulada e um percurso escolar caracterizado por insucessos e frustrações” (Coulby & Harper, 1985; Slee, 1995; Veiga, 1995).

De acordo com Estrela (2007), a tomada de consciência da diversidade de situações que contribuem para a indisciplina é determinante para a análise da mesma. As explicações apresentadas nos estudos variam consoante o número de causas, verificando-se que a indisciplina deve ser analisada no seu todo, tendo em conta os diferentes fatores, para melhor se poder atuar.

- Sociais: “a criança, em especial a oriunda de grupos sociais explorados e excluídos é levada a “reproduzir” regras e valores diferentes, e ate opostos, aos padrões habitualmente exigidos na escola” (Willis, 1988).

A estes fatores Estrela (2007) adita a exclusão social e o alargamento da escolaridade obrigatória. Segundo Amado e Freire (2009) os fatores associados à indisciplina são políticas sociais e económicas que levam a problemas familiares, devido ao desemprego e pobreza.

- Familiares: “os disfuncionamentos familiares e os modelos inadequados de autoridade parental, geram crianças incompreendidas e revoltadas que libertam tensões sobre colegas indefesos e outros adultos pouco significativos” (Feldhusen,1979; WeisheW & Peng,1993, cit por Amado & Freire, 2009).

Amado e Freire (2009), consideram que os modelos de autoridade, comunicação e o ambiente do agregado familiar são determinantes no comportamento dos alunos.

- Escolares-pedagógicos: “fatores que dizem respeito à relação e à gestão pedagógica (Woods, 1990; Kounin, 1977), muitas são as causas que, do interior da escola, podem criar mal-estar generalizado e, como resposta, obter a contra violência dos alunos”.

Ao nível da escola os vários aspetos que podem contribuir para um clima de indisciplina não dependem diretamente da instituição e/ou organização interna, mas também do professor, da relação deste com os seus alunos e o espaço da sala de aula.

Associadas às causas da indisciplina estão as suas consequências na escola:

- Mau ambiente na escola;
- Implicações no trabalho do professor;
- Enfraquecimento na produtividade da turma;
- Dificuldades de aprendizagem do aluno indisciplinado.

Estas consequências são dos problemas que mais afetam as escolas, bem como a formação dos seus alunos. Contudo geram-se conflitos entre o alunos-professores e com isso prejudicam a aprendizagens dos alunos envolvidos e dos colegas.

4. Crianças e Jovens em Risco

“A criança é um organismo dependente, ou seja, não é capaz de, por si só, satisfazer todas as suas necessidades, assegurando a própria sobrevivência. É necessária, então, uma instituição social que assuma tal responsabilidade, que proporcione a esse ser humano, ainda imaturo, quer a satisfação das suas necessidades básicas, tais como alimentação, calor, abrigo e proteção, quer um ambiente no qual possa desenvolver ao máximo as suas capacidades físicas, mentais e sociais, para poder lidar de forma eficaz, em adulto, com o meio físico e social que a rodeia” (Bowlby, 1981, p.120).

Devido à existência de circunstâncias da vida familiar, económica ou social, as crianças podem estar expostas a situações de risco.

O nível socioeconómico baixo das famílias é uma das maiores causas notificadas para as várias circunstâncias consideradas de risco, estando ligado ainda ao fator de exclusão social que ainda inclui o facto de algumas famílias não usufruírem da melhor maneira das ajudas que lhes são disponíveis, como por exemplo instituições que ajudam com os fornecimentos de bens essenciais e instituições educativas de baixo custo.

Em Portugal existe um grande número de crianças e jovens em risco, o que leva a sociedade a uma preocupação em relação ao futuro. A maioria das situações que colocam as crianças e jovens em risco iniciam-se devido ao “mau” funcionamento da família. A família é muita das vezes a principal causa para situações de risco.

Segundo Reis (2009, p.124), “criança em risco é a criança que, pelas suas características biológicas e/ou pelas características da sua família, esta sujeita a elevadas probabilidades de vir a sofrer de omissões e privações que comprometem a satisfação das suas necessidades básicas de natureza material ou afetiva”.

Para muitos a expressão “crianças e jovens em risco” é sinónimo de dificuldades ou problemas que as crianças e jovens vivenciaram e podem dar origem a sérios problemas de adaptação à vida social dos mesmos. Qualquer criança durante o seu desenvolvimento também passa por dificuldades porque são muitos os riscos que estas estão expostas diariamente, por mais atentos que os parentes e educadores estejam, esta atenção pode não ser suficiente.

Para além dos fatores mencionados anteriormente, existem outros que também podem influenciar a estrutura e o funcionamento da família pondo em risco o desenvolvimento social e psicológico do agregado familiar, tais como: o alcoolismo, toxicod dependência, prostituição, pessoas ligadas à atividade criminal, abandono familiar,

peças com mais nível de escolarização, desemprego por parte dos progenitores, famílias numerosas, negligência, entre muitos outros.

A ligação destes fatores no seio familiar pode colocar a criança e o jovem que fazem parte dela, em situações de risco e vulnerabilidade.

De acordo com diversas pesquisas, verifica-se que existem vários motivos que estão na origem da institucionalização das crianças e jovens, nomeadamente, negligência, maus tratos físicos e psicológicos, abuso sexual, absentismo escolar, abandono escolar ou familiar, ausência temporária da família.

A negligência é uma situação em que as necessidades físicas da criança como alimentação, vestuário, cuidados médicos, proteção e vigilância, não estão asseguradas temporariamente ou permanentemente por nenhum elemento do grupo familiar da criança. Sendo que é este o motivo mais frequente e que determina que muitas crianças e jovens sejam encaminhados para um centro de acolhimento.

Podem verificar-se vários tipos de negligência, tais como negligência face a comportamentos de risco das crianças e jovens, negligência por exposição a modelos parentais desviantes (pais alcoólatras ou toxicodependentes), negligência a nível escolar ou de saúde e negligência por falta de supervisão e acompanhamento familiar.

O Risco é a possibilidade elevada de uma pessoa, grupo, ou população de sofrer uma perda ou dano, de ser submetido a um perigo ou exposto a uma ferida e disso ter consequências, nomeadamente uma probabilidade maior de se gerarem problemas de natureza emocional e comportamental

Geralmente as crianças e os jovens são institucionalizadas, devido a vários fatores que os colocam em risco, sendo que este resulta da combinação entre fatores ambientais e características individuais.

Qualquer pessoa, grupo ou população pode sofrer uma perda, ser submetido a um perigo, estar exposto a alguma adversidade inesperada, e através disso poderão surgir consequências como por exemplo problemas de natureza emocional ou comportamental.

Existem vários fatores de risco que estão ligados às coisas mais banais do nosso dia-a-dia. Os que são centrados na pessoa, são aqueles que tem a ver com o nosso foro pessoal e que estão ligados diretamente a nós. Exemplos disso são, as nossas características físicas ou psicológicas, e vários tipos de défices.

Os próximos dois fatores de risco abordados, dizem respeito a nós próprios, mas não estão relacionados diretamente connosco, dependem de terceiros para poderem

existir, são eles, os que são centrados na família, como violência doméstica, separação dos pais, acontecimentos traumáticos, falta de vinculação entre outros. E os que se definem como socio ambientais, que estão relacionados com fatores de desemprego, pobreza, imigração, institucionalização, isolamento social, exclusão, entre outros.

A palavra perigo deriva do latim *periculu*, é a situação que ameaça a existência de uma pessoa ou coisa, esta encontra-se também em risco.

De acordo com Carvalho (2015), uma criança ou jovem está em perigo quando:

- É abandonada ou está entregue a si própria;
- As necessidades básicas e a sua segurança não são atendidas;
- Abandona o ensino escolar obrigatório com idade entre os 6 e os 15 anos;
- Sofre maus tratos físicos, psicológicos, abuso emocional e sexual;
- É sujeita a prostituição ou pornografia infantil;
- São sujeitas a trabalho infantil, e esta é privada de participar nas atividades académicas da sua idade;
- Existe uso abusivo de poder paternal;
- Está sujeita à mendicância, e não a exerce por iniciativa própria;
- O seu comportamento revela entrega a atividades de consumos e uso de estupefacientes, e afetam a sua saúde, formação e educação, sem que os responsáveis pelos mesmos se oponham de modo adequado a os tirar dessa situação;
- Estejam sujeitos a corrupção de menores como tráfico, ou comportamentos que integrem a prática de fatos punidos pela Lei Penal como crimes qualificados por crianças com idades iguais ou inferiores a 12 anos.

Em 2014, no Relatório Anual de Avaliação de Atividades das Comissões de Proteção de Crianças e Jovens, as situações de perigo mais referenciadas são e exposição a comportamentos, negligência e estar em causa o direito à educação.

Assim, existem situações que colocam as crianças e jovens em perigo relacionadas com um ou mais fatores de risco, o que aumenta as situações de perigo devido á acumulação de fatores. A Vulnerabilidade é um estado onde existe menor resistência às contrariedades e agressões tendo em conta a instabilidade individual de alguém. Esta pode ser definitiva ou temporária, imediata ou diferida, ser generalizada ou estar limitada a um determinado setor, e normalmente resulta da interação entre diferentes

fatores, estes colocam a pessoa numa situação de carência, necessidade, ou mesmo de impossibilidade de responder com os seus próprios recursos a dada altura da sua vida e que as afeta tanto fisicamente, como psicologicamente e que as deixa em situação desprotegida (Anaut, 2005).

Existem vários tipos de vulnerabilidade, mas será abordada a vulnerabilidade social, uma vez que se enquadra no contexto o presente projeto de intervenção, e é um dos muitos fatores que leva as que as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens tendam a institucionalizar as mesmas.

A vulnerabilidade social refere-se à condição das pessoas ou grupos em situação de fragilidade, que estão expostas a riscos e a níveis de extrema pobreza e desagregação social. Normalmente, são pessoas excluídas e discriminadas pela sociedade onde estão inseridas, dependem de favores de outros cidadãos, têm poucas ou nenhuma posses económicas, níveis de escolarização muito baixos e vivem em situações de precariedade.

Subentende-se excluída qualquer pessoa que se encontre desnutrida, viva em condições precárias, tenha falta de saneamento, não tenha família a quem recorrer, não tenha emprego, porque é um cidadão que não está dentro dos padrões normais de vida de uma sociedade. Mais evidenciado na situação das crianças e jovens nas primeiras faixas etárias, quase sempre por fatores relacionados com a família (sendo estes os mais determinantes) (Ximenes, s/d).

Quanto à resiliência, na psicologia utiliza-se este termo para definir a capacidade que uma pessoa tem para combater os momentos mais adversos da sua vida, bem como a forma que a mesma encontra para recuperar o equilíbrio emocional, o ser humano fornece a si próprio as condições para enfrentar e superar os seus próprios problemas.

As pessoas que são menos resilientes poderão tornar-se mais vulneráveis e alvos mais fáceis de sentimentos como a tristeza, angústia e revolta porque apresentam dificuldades no ato de se reconstruir interiormente.

5. Intervenção em Situações de Risco

5.1 Mediação de conflitos

“A mediação é uma variante da negociação, uma forma sofisticada de realização da interação entre pessoas, a que chamamos de negociação” (Sousa, 2002, p.19).

A mediação é um meio de procura de acordo em que as pessoas envolvidas são ajudadas por um especialista. Esta procura de acordo consiste num processo de negociação, direta ou indireta.

Segundo Sousa (2002), a mediação é aplicável a todas as situações onde a negociação é utilizável: decisões conjuntas, decisões participadas, estabelecimento de consensos, alinhamento de opiniões ou de programas, transações comerciais, interações de parceiros em negócios ou na economia em geral, relações entre poderes públicos e privados, relações nas famílias, nas organizações e nas comunidades, resoluções de conflitos, de desacordos, de desavenças, de disputas, de diferenças e de litígios e em todas as situações em que os intervenientes procurem chegar a um acordo mantendo nas suas mãos o poder de decisão quanto a aceitar ou não esse mesmo acordo.

“Conflito é uma situação de diferença de critério, de interesses ou de posição pessoal face a uma situação que afeta mais do que um indivíduo” (Ortega Ruiz, 1998 citado por Amado & Freire, 2002, p.24). Isto é, o conflito geralmente é o confronto de ideias entre indivíduos ou grupos em que há desentendimento.

Os conflitos normalmente vêm acompanhados com sentimentos negativos que são prejudiciais aos intervenientes (pessoas, grupos, etc.). Normalmente um conflito começa com uma insatisfação de uma das partes, tal como diferentes pontos de vista ou disputa pelo poder. Muitas vezes os conflitos são considerados negativos, mas nem sempre o são, pois numa situação de conflito, embora a tensão entre os intervenientes, pode surgir a oportunidade de mudança que é fundamental para o desenvolvimento social. A entreajuda, a cooperação e a interdependência têm muito mais possibilidade de êxito na superação de conflitos.

A mediação é uma das formas de superar o conflito. Isto é uma pessoa imparcial à situação (ex: um professor), que tem por objetivo promover a comunicação entre ambas as partes. Ela cria um sistema em que ambos os intervenientes têm protagonismo, permitido assim cimentar os estímulos de tolerância, solidariedade, juízo crítico e a capacidade de inovar. A mediação escolar abrange conflitos entre estudantes, entre estudantes e adultos e entre adultos. É um processo voluntário e confidencial em que um indivíduo imparcial ao conflito tenta por termo ao mesmo tornando-o uma coisa natural estimulando os valores de solidariedade, tolerância e igualdade.

5.2 Negociação

A mediação de conflitos e a negociação têm o objetivo comum de resolver os conflitos. A negociação é outra forma de superar o conflito, pois implica cedências e exigências para se chegar a um acordo de ambas as partes. Para a comunicação resultar entre ambas as partes é preciso saber ouvir, gerindo os conflitos. Por exemplo, através de

um conjunto de medidas ou atividades realizadas, também com o intuito de antecipar consequências, a fim de evitar ou minimizar risco(s), corrigindo ou redirecionando as ações na negociação entre as partes.

A negociação cooperativa promove uma solução em que as partes que estão implicadas ganham ou obtém um benefício e que não é direcionado apenas a uma delas por isso considera-se uma via não adversarial com isso evita-se uma situação de vencedor-perdedor. Por isso é considerado um método ideal para trabalhar o conflito e o confronto para assim se manter uma relação entre as partes (Seijo,2003).

5.3 Prevenção

Segundo Sousa (2002), existem quatro tipos de prevenção, a Primária ou Universal, a Secundária ou Seletiva, a Terciária ou Indicada e a Quaternária.

A Primária ou Universal são atividades ou programas direcionados à população em geral, sem qualquer fator associado ao risco, normalmente são utilizadas estratégias de abrangência geral como os meios de comunicação social, palestras públicas, distribuição de panfletos, etc.

A Secundária ou Seletivo, é aquela em que o conjunto de ações tem por principal objetivo identificar e corrigir o mais precocemente possível o contato com o risco ou diminuir a prevalência desse risco. Ajuda a realizar um diagnóstico precoce, e a delinear a intervenção, minimizando um eventual dano, para tal, programam-se atividades dirigidas a populações ou grupos com um ou mais fatores de risco associados.

A Prevenção Terciaria ou Indicada é o conjunto de ações que tem como objetivo principal prevenir a continuidade do risco, e a reinserção da pessoa em questão num desses fatores de risco. É normalmente dirigida a pessoas com comportamentos de risco ou padrões acentuados de risco.

A Prevenção Quaternária, é um conjunto de ações ou atividades que permitem a identificação de pessoas em risco sobre diagnóstico ou sobre tratamento com o objetivo de os proteger de uma nova intervenção.

CAPÍTULO II- ENQUADRAMENTO ESPECIFICO

Neste capítulo aborda-se o programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritário (TEIP), visto que o presente projeto foi implementado num Agrupamento TEIP, bem como o enquadramento da lei de promoção e proteção das crianças e jovens em risco, visto que tem medidas aplicadas com base neste normativo legal.

1. Territórios Educativos de Intervenção Prioritária

“A criação dos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária representa, em articulação com os “Currículos Alternativos”, uma das medidas de política educativa que, ... tem como principal objetivo promover a integração social das populações socialmente mais fragilizadas” (Canário, 2004, p.48).

Em Portugal, o Ministério da Educação perante estas situações tem vindo a tomar algumas medidas, sendo uma delas a criação do programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP) para as escolas que se encontrem localizadas em zonas de risco. Com o objetivo de garantir a universalidade da educação básica e o sucesso educativo de crianças e jovens em risco de exclusão social, é implementado o programa TEIP nas escolas inseridas em contextos sociais complicados.

A territorialidade, a descentralização e a autonomia das escolas, para que desta forma sejam as mesmas que definam, com orientação, quais as prioridades face às características e às problemáticas da sua população escolar, e não um modelo do Ministério da Educação que sirva para todos os contextos escolares.

Assim, agrupam-se os vários ciclos conforme a semelhança de características, com o intuito de criar mecanismos geradores de sucesso escolar e educativo destes alunos, intensificando desta forma as relações entre as escolas e a comunidade.

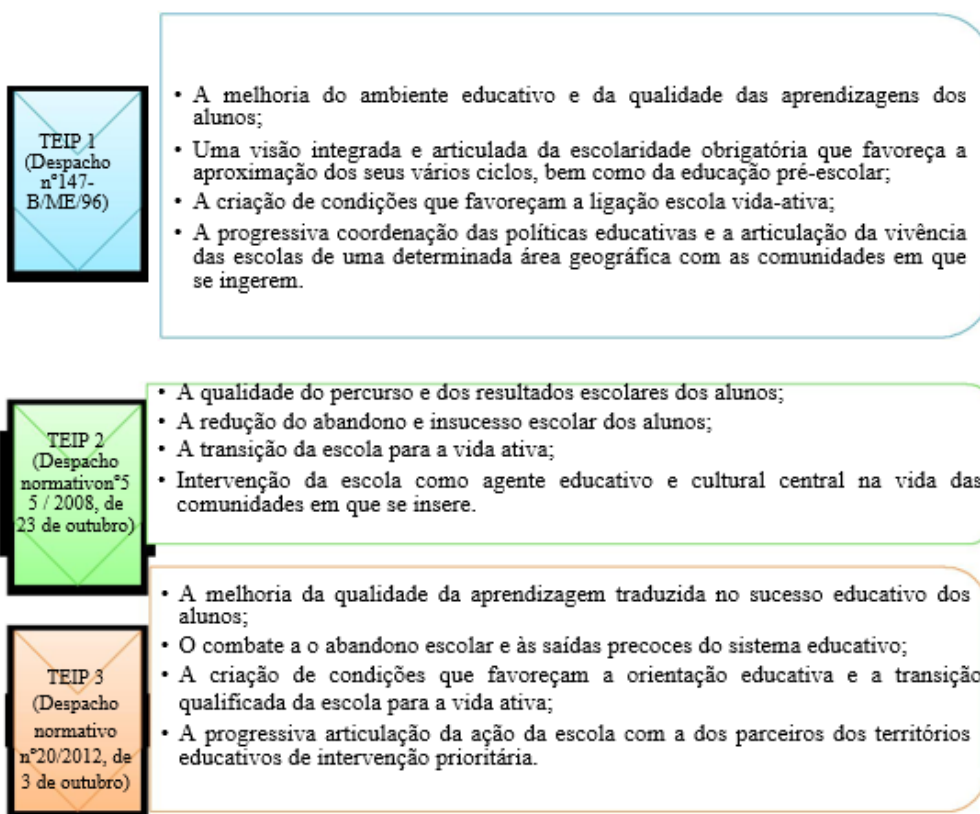
Verificam-se situações, como a criação de um conjunto de parcerias com outras entidades locais, visando a escola como organização. Nesta perspetiva, pretende-se que exista uma relação entre todos os ciclos do ensino básico e uma cooperação entre várias instituições, dentro da comunidade. A escola trabalha em conjunto para um objetivo comum (diminuição de desigualdades).

Em Portugal os TEIP surgem em 1996 com o Despacho 147- B/ME/96 de 8 de julho de 1996 como uma política educativa que visa combater a exclusão social e escolar numa determinada zona geográfica, criando parcerias de forma a proporcionar igualdade de Escola que engloba todos os outros projetos que visa alcançar os objetivos delimitados desde logo no combate às desigualdades.

“As competências desenvolvidas e atribuídas aos estabelecimentos de ensino têm, assim a função de adaptar as características locais, particulares e específicas contribuindo para criar condições de promover tanto a justiça social, como a democratização das instituições.” (Barbieri, 2003, p.49).

A criação dos TEIP inspira-se numa medida idêntica, a política das Zonas d'Education Prioritaire (ZEP) iniciada em 1981 pelo governo Socialista Francês.

Segundo o Ministério da Educação os objetivos centrais do TEIP, são:



Fonte: Elaboração própria a partir da Caracterização do Programa TEIP.
<http://educar.files.wordpress.com/2012/10/teip-3-apresenta.pt>

A resolução dos problemas educativos, requer uma intervenção que ultrapasse a dimensão escolar, por esse motivo assume um carácter territorializado, onde existe uma articulação entre a escola e as instituições da comunidade, formando uma rede de parcerias locais, de modo a diminuir as desigualdades existentes.

Importa referir que a criação dos TEIP reorganizou a rede e os parques escolares, agrupando escolas geograficamente. Na primeira fase da sua criação em 1996, o programa abrangeu 35 agrupamentos de escolas, em áreas de exclusão social da Lisboa e do Porto. A partir de 2006, desenvolveu-se o segundo programa (TEIP2), tendo-se produzido uma nova regulamentação e incluído, num primeiro momento, outros 24 agrupamentos de

diversos pontos do país, tendo-se alargado em 2009 a outros 49 agrupamentos, num total de 105 unidades de gestão. No ano letivo de 2012/2013 foi relançado o Terceiro Programa de Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP3) materializado no alargamento do Programa a mais agrupamentos de escolas. Atualmente, o programa TEIP está a ser desenvolvido em 137 Agrupamentos, distribuídos pelas 5 Direções Regionais de Educação: 49 no Norte, 11 no Centro, 49 em Lisboa e Vale do Tejo, 17 no Alentejo e 11 no Algarve.

De acordo com Canário (2004) existem duas dimensões fundamentais que conduziram à criação dos TEIP: a dimensão de “territorialização” e a dimensão “prioritária”. A **territorialização** relaciona-se com os modos de regulação das políticas e práticas educativas e a dimensão **prioritária** com a discriminação positiva de recursos, visando a resolução de problemas educativos cuja origem radica na sociedade.

Segundo Amaro (1990, citado por Barbieri, 2003, p.50) “falar em território... implica falar de uma identidade de pertença territorial, uma solidariedade territorial e uma vontade de autonomia territorial e também, da importância de articular diferentes perspetivas espaciais, tais como, espaço económico, espaço social, espaço cultural, espaço histórico, espaço de comunicação e informação, espaço político e administrativo, espaço jurídico, espaço ideológico e espaço geográfico. (...). Estas formas espaciais são permeáveis a desarticulações e contradições que possibilitam a emergência de outras logicas, outras identidades e solidariedades originando, provavelmente, novas formas territoriais.”

Do ponto de vista de Barroso (1991, citado por Barbieri, 2003, p.49), a territorialização das políticas educativas consiste numa alteração das relações e papéis do estado, relativamente às formas de decisão política e de administração da educação, e à transferência de poderes e funções do nível nacional e regional para o nível local, reconhecendo a escola como um lugar central de gestão e a comunidade local com um parceiro essencial na tomada de decisão.

O Programa TEIP procura a promoção do sucesso educativo de todos os alunos e, em particular, das crianças e dos jovens da comunidade, um território educativo de intervenção prioritária. De acordo com Espadinha (2009, p.27) os objetivos centrais são: “a melhoria da qualidade das aprendizagens traduzida no sucesso educativo; o combate ao abandono escolar e às saídas precoces do sistema; a orientação educativa e a transição qualificada da escola para a vida ativa; a coordenação da ação dos parceiros educativos com a escola e as instituições de formação; a disponibilização por parte da escola dos recursos culturais e educativos necessários ao desenvolvimento integrado da educação, da qualificação, do reconhecimento e certificação de competências e ainda da animação cultural” .

2. Promoção e Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Ao longo dos anos, a promoção dos direitos e a proteção das crianças e jovens em risco tem vindo a colocar novos desafios no que diz respeito à intervenção dos serviços de saúde e das instituições de acolhimento, relativamente aos maus tratos. Não é conhecida a verdadeira dimensão deste fenómeno, nas suas várias formas de expressão, mas todos os esforços são feitos e diversas iniciativas tanto nacionais como à escala internacional para que este modelo diminua, uma vez que o impacto negativo nas vítimas pode atingir os domínios do bem-estar físico, psíquico, comportamental, sexual, reprodutivo e social, e grande parte das vezes pode persistir na vida adulta (Gomes, 2010).

Segundo a Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens, o modelo de proteção de crianças e jovens em risco, em vigor desde janeiro de 2001, apela à participação ativa da comunidade, numa relação de parceria com o Estado, concretizada nas Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), capaz de estimular as energias locais potenciadoras de estabelecimento de redes de desenvolvimento social.

As Comissões de Proteção de Menores, fundadas no seguimento do Decreto-Lei n.º 189/91 de 17/5 foram reorganizadas de acordo com o novo enquadramento legal, Lei de Promoção e Proteção, que implicou que a Lei n.º 147/99, de 1 de setembro, fosse alterada pela Lei n.º 142/2015, de 8 de setembro e a Lei Tutelar Educativa n.º 166/99, de 14 de setembro, fosse alterada pela Lei n.º 4/2015, de 15 de janeiro.

Definem-se as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens como instituições oficiais não judiciárias com autonomia funcional que propendem promover os direitos da criança e do jovem e reajustar ou colocar marco a situações que possam afetar a segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento integral dos mesmos.

A intervenção para a promoção dos direitos e proteção da criança e do jovem em perigo obedece, tal como preconizado pela Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens, aos seguintes princípios:

- Interesse superior da criança - a intervenção deve atender prioritariamente aos interesses e direitos da criança e do jovem;
- Privacidade - a promoção dos direitos da criança e do jovem deve ser efetuada no respeito pela intimidade, direito à imagem e reserva da sua vida privada;
- Intervenção precoce - a intervenção deve ser efetuada logo que a situação de perigo seja conhecida;
- Intervenção mínima - a intervenção deve ser desenvolvida exclusivamente pelas entidades e instituições cuja ação seja indispensável à efetiva promoção dos direitos e à proteção da criança e do jovem em perigo;

- Proporcionalidade e atualidade - a intervenção deve ser a necessária e ajustada à situação de perigo e só pode interferir na sua vida e na vida da sua família na medida em que for estritamente necessário a essa finalidade;
- Responsabilidade parental - a intervenção deve ser efetuada de modo a que os pais assumam os seus deveres para com a criança e o jovem;
- Prevalência da família - na promoção dos direitos e na proteção da criança e do jovem deve ser dada prevalência às medidas que os integrem na sua família ou que promovam a adoção;
- Obrigatoriedade da informação - a criança e o jovem, os pais, o representante legal ou a pessoa que tenha a guarda de facto têm direito a ser informados dos seus direitos, dos motivos que determinaram a intervenção e da forma como esta se processa;
- Audição obrigatória e participação - a criança e o jovem, bem como os pais, têm direito a ser ouvidos e a participar nos atos e na definição da medida de promoção dos direitos e proteção;
- Subsidiariedade - a intervenção deve ser efetuada sucessivamente pelas entidades com competência em matéria de infância e juventude, pelas comissões de proteção de crianças e jovens e, em última instância, pelos tribunais.

O sistema Nacional de Acolhimento em Portugal trabalha com as várias respostas sociais para crianças e jovens em perigo:

- Acolhimento familiar para crianças e jovens;
 - Centro e Apoio Familiar e Acolhimento Parental;
 - Equipa de Rua de Apoio a Crianças e Jovens;
 - Centro de Acolhimento Temporário (CAT);
 - Lar de Infância e Juventude (LIJ);
 - Apartamento de autonomização,
 - Lar residencial;
 - Centro de apoio à vida;
 - Lar de apoio
 - Atividades Socioeducativas (CPL- a aguardar enquadramento normativo)
- Carvalho (2013, p. 14)

De acordo com Gomes (2010), as instituições que fazem este tipo de acolhimento podem ser públicas, cooperativas, sociais e privadas, caso tenham acordo de cooperação com o estado. Funcionam em regime aberto, isto é, os pais podem visitar a criança de acordo com as regras e horários de funcionamento da instituição, salvo decisão judicial em contrário.

Refira-se que a LPCJP foi revista em 2015, mas por ser recente, no presente projeto não foi alterado o Artigo 50º, na referência ao tipo de acolhimento institucional.

Segundo o Art.º 50º da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, o acolhimento pode ser de curta duração ou prolongado.

O acolhimento de curta duração acontece em centros de acolhimento temporário por um período que não seja superior a 6 meses, este tempo pode ser excedido quando não se encontrem as condições reunidas para que seja feito o regresso à sua família.

O acolhimento prolongado é realizado num lar de infância e juventude quando as circunstâncias do caso ditam necessário o acolhimento da criança por um período superior a 6 meses com idades compreendidas entre os 12 aos 18.

Estas decisões são sempre tomadas tendo em conta o interesse superior da criança ou do jovem, de acordo com os procedimentos judiciais, e devem ser sempre realizados por técnicos especializados nesta área para que possam planear uma intervenção e fazer a avaliação do caso. Esta análise é feita através das características pessoais e particulares da criança, do seu grau de desenvolvimento, antecedentes culturais, religiosos, étnicos, meio familiar e social, historial médico, e eventuais necessidades especiais, devendo ser acompanhada por uma equipa especializada de psicólogos, educadores, assistentes sociais entre outros profissionais. No plano de intervenção a criança ou jovem deve ser sempre envolvido, e sempre que possível a família também, e deve ser sempre realizado visando a qualidade o bem-estar e a segurança dos mesmos.

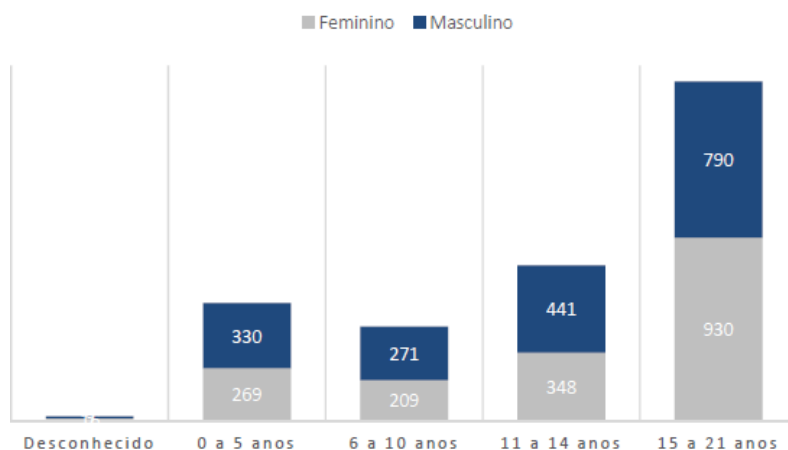
O perfil das instituições em Portugal é caracterizado por instituições de grandes dimensões com cerca de 40 crianças acolhidas, fruto de uma cultura institucionalizada indiscriminada. Devido à conjuntura social do país este número tem tendencialmente vindo a aumentar, chegando a ser de 60 crianças por instituição. Estas pretendem salvaguardar os direitos das crianças e dos jovens, uma vez que os pais ou os responsáveis pelas suas atitudes, comprometem a saúde, o desenvolvimento, a educação, colocando as crianças e os jovens em perigo. Ao mesmo tempo, hoje em dia, assiste-se a uma grande mudança, no sentido em que as instituições e os técnicos que nela trabalham sentem necessidade de se qualificar para conseguirem responder às necessidades das crianças e jovens que as integram, e que trazem com elas uma realidade cada vez mais “pesada”. Na maioria, ao contrário do que acontecia anteriormente (as instituições serviam para dar apoio nas necessidades básicas, formação escolar ou laboral, as famílias sem recursos), hoje a realidade é bem diferente, as crianças ou jovens foram vítimas de abusos sexuais, maus-tratos, negligência, têm problemas de aprendizagem, apresentam problemas de relação com os pares ou com as pessoas que cuidam delas, comportamentos violentos e problemas ao nível da saúde mental (Gomes,2010).

Os centros de acolhimento temporário são uma resposta social, desenvolvida em equipamento, destinada ao acolhimento urgente e temporário de crianças e jovens em perigo, de duração inferior a seis meses (embora geralmente, acabem por ficar mais tempo

que o estipulado pela lei, devido à conjuntura social do país), com base na aplicação de medida de promoção e proteção.

No Relatório Anual da Avaliação da Atividade das CPCJ, nas medidas aplicadas às crianças/jovens por escalão etário em 2014 verifica-se que o acolhimento institucional foi a terceira medida mais aplicada que teve 10,5% de 3613 medidas de acolhimento.

Gráfico 6– Medida de acolhimento institucional por escalões etários e sexo

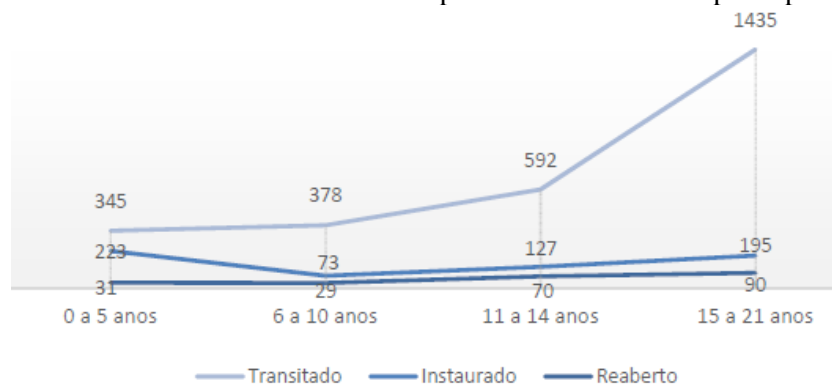


Fonte: Relatório Anual da Avaliação da Atividade das CPCJ (2014 p.124)

O acolhimento institucional em 2014, no escalão etário dos 15 aos 21 anos é onde encontram mais medidas aplicadas. Visto que representa 47,6% do total de medidas de acolhimento institucional. Em comparação 2013 obteve um resultado com 46,2%, o que equivale a um aumento de 146 medidas de jovens de acolhimento em instituição

Em 2014, com 76,5% das medidas de acolhimento institucional aplicadas ou em execução correspondem a processos transitados de anos anteriores, o que equivale a 17,2% dos processos instaurados no ano em análise, e 6,3% dos processos reabertos.

Gráfico 7 – Medida de acolhimento institucional por escalões etários e tipo de processos



Fonte: Relatório Anual da Avaliação da Atividade das CPCJ (2014, p.125)

O acolhimento institucional teve como o escalão dos 15 aos 21 anos o segundo com mais processos instaurados, que registou 195 medidas que representam 31,4%, neste escalão.

Nos processos reabertos o acolhimento institucional teve uma subida no escalão dos 15 aos 21 anos de 39,8%. Já no escalão etário dos 11 aos 14 anos teve aplicado 31,0%.

No relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens (CASA, 2014) existiram 7.271 crianças e jovens em idade de escolaridade obrigatória (12ºano/18anos), com apenas 0,2%. A não frequentar escola, cursos de formação profissional e se desconhece a situação escolar de 1,7% de 144.

A taxa de insucesso escolar entre as crianças e jovens em situação de acolhimento tem uma relação entre a idade e o nível de instrução:

- 40,8% (274) crianças entre os 10 e os 11 anos que frequentaram o 1º ciclo (35 das quais em currículo alternativo);
- 6% (75) crianças entre os 12 e 14 anos que frequentaram o 1º ciclo e 31% de 237 crianças no 2º ciclo e 3ºciclo;
- 1% (30) jovens entre os 15 e os 17 anos que frequentaram o 1º ciclo, 12% de 364 a frequentar o 2º ciclo e 53% de 1575 frequentaram o 3º ciclo, sendo que apenas 38% destes no ensino regular.

As ofertas formativas específicas nos ciclos de ensino que são o encaminhado para estes alunos são com maior incidência no 3º ciclo do ensino básico as seguintes:

- o ensino regular corresponde apenas a 20% das matrículas dos alunos entre os 15 e os 17 anos de idade;
- os Cursos de Educação e Formação, corresponde a 13%;
- os Percursos Curriculares Alternativos, corresponde a 9%;
- o Programa Integrado de Educação e Formação(PIEF), corresponde a 5%.

Somando os valores podemos verificar que o Ensino Profissional ultrapassa o Ensino Regular na faixa etária dos 18-20.

Os lares são os meios facilitadores para o desenvolvimento, mas para que tal trabalho seja feito com sucesso implica que existam meios adequados e estruturas capazes de produzir e manter relações efetivas estáveis e de boa qualidade. Quando se trata de institucionalizar uma criança ou jovem, as instituições têm de ser capazes de acolher com

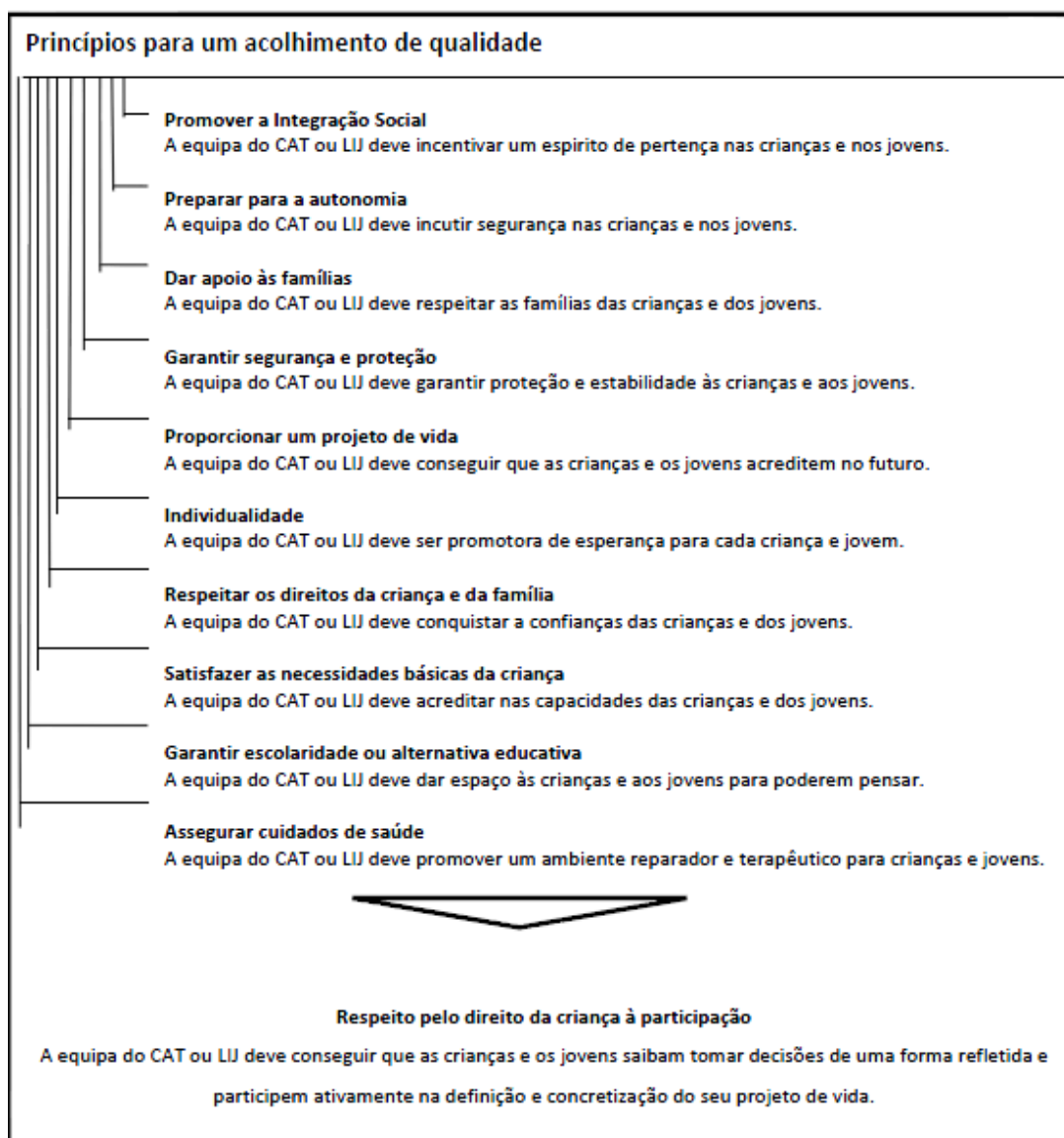
qualidade e dignidade, assegurando capacidades para efetuar um diagnóstico e promover um acolhimento adequado às necessidades de cada pessoa que a integra.

“Com base na teoria desenvolvida por Del Valle & Fuertes (2000), podemos identificar como princípios fundamentais para promover um acolhimento em instituição de qualidade: a individualidade; o respeito pelos direitos da criança e das suas famílias; a adequada cobertura das necessidades básicas da criança; a escolarização e alternativas educativas; os cuidados da saúde; a integração social; o apoio às famílias; a segurança e proteção; o projeto de vida e o respeito pelo direito da criança à participação” (Gomes, 2010, p.93).

De acordo com o autor acima citado, estes princípios têm como objetivo: promover a esperança para cada criança e jovem; conquistar a confiança das crianças e dos jovens; acreditar nas capacidades das crianças e dos jovens; dar espaço às crianças e aos jovens para poderem pensar; promover um ambiente reparador e terapêutico para as crianças ou para os jovens; incentivar um espírito de pertença; inculcar segurança; respeitar as famílias; garantir proteção e estabilidade às crianças e aos jovens; conseguir que as crianças e jovens acreditem no futuro.

O estado assume o compromisso de garantir acesso a serviços de qualidade que promovam a satisfação das necessidades dos cidadãos. Para isso tem de criar respostas sociais para dar apoio aos cidadãos, garantindo assim a igualdade de oportunidades, o bem-estar e a melhoria das condições de vida e o direito a uma vida com dignidade, são fatores determinantes que ajudam na construção de uma sociedade moderna, justa e cuja sua participação e responsabilidade são muito importantes para a prática de uma cidadania ativa.

Tabela 1: Princípios para um acolhimento de qualidade



Fonte: Gomes, 2010, p.113

A Declaração Universal dos Direitos da Criança foi proclamada pela Resolução da Assembleia Geral da ONU em 20 de novembro de 1959, esta foi aprovada por unanimidade e foi criada com o fim de integrar as crianças na sociedade e zelar pelo seu convívio e interação social, cultural, financeiro, dando-lhes condições de sobrevivência até a sua adolescência. Tem como base e fundamento os direitos à liberdade, aos estudos, à brincadeira e ao convívio social, estes devem ser respeitados tendo em conta os princípios consignados nesta declaração.

Esta Declaração Universal dos Direitos da Criança ratificada pelo Estado Português no sentido de garantir que os direitos acima referidos sejam garantidos com o fim de integrar as crianças na sociedade e zelar pelo seu convívio social, cultural e

financeiro, dando-lhes condições de sobrevivência até á sua adolescência. Assim, segundo a atual Constituição da República Portuguesa (CRP), o art.º 67º reconhece a família como o elemento fundamental da sociedade e o art.º 68º determina que os pais e as mães têm direito à proteção da sociedade e do Estado na realização da sua ação em relação aos filhos, nomeadamente quanto à sua educação, garantindo aos próprios uma realização profissional e participação na vida cívica do país.

De acordo com Gomes (2010), no sistema de proteção existem vários níveis de intervenção, são elas, as Entidades, as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens e os Tribunais. As Entidades são aquelas que têm competências a nível da infância e a juventude, e segundo o Art.º 5º, alínea d) da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJP), são pessoas singulares, coletivas ou públicas, cooperativas sociais ou privadas que, por desenvolverem atividades nas áreas da infância e juventude, têm legitimidade para intervir na promoção dos direitos e na promoção, exemplo disso são as escolas e os centros de saúde, entre outros. Estas devem de ter técnicos especializados para trabalhar a família, utilizando os recursos da comunidade. Muitas situações de risco não requerem medidas formais podendo ser trabalhadas por estas entidades de modo a ensinar e apoiar a família a criar medidas que protejam a criança e pondo fim à situação de perigo.

As Comissões de Proteção de Crianças e Jovens são instituições oficiais não judiciárias, com autonomia funcional, que visam promover, com imparcialidade, os direitos da criança e do jovem, e prevenir ou por fim, a situações suscetíveis de afetar a sua segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento integral. As CPCJ exercem as suas funções junto das famílias, movimentando os recursos necessários junto da comunidade de modo a por fim á situação de perigo a que a criança ou jovem estão expostos, em norma estas exercem as suas competências nos municípios onde estão sediadas, e são fiscalizadas pelo Ministério Público.

Os Tribunais são os órgãos jurisdicionais que atuam sempre que as CPCJ não consigam por oposição dos pais, dos representantes legais ou de quem tenha a guarda de fato da criança ou do jovem, bem como em outras instâncias sejam incapazes de por fim à situação de perigo em que a criança ou o jovem se encontre.

Segundo o art.º 38 da LPCJP, está a cargo das Comissões de Proteção e dos Tribunais, a aplicação das medidas de promoção dos direitos de proteção de crianças e

jovens, esta intervenção requer consentimento dos pais e não oposição das crianças maiores de 12 anos.

As medidas aplicadas pelas comissões de proteção ou em processo judicial, por decisão negociada, integram um acordo de promoção (Art.º 36º), e o acordo de promoção e proteção inclui obrigatoriamente:

- A identificação do responsável da comissão de proteção ou técnico a quem cabe acompanhar o caso;
- O prazo por que é estabelecido e a sua revisão;
- As declarações de consentimento ou não oposição necessárias;
- Outras especificações, consoante as medidas adotadas para o caso.

Os objetivos das medidas de promoção dos direitos e de proteção das crianças e jovens em perigo, designadamente no art.º 34 da LPCJP, são:

- Afastar o perigo em que estes se encontrem;
- Proporcionar-lhes as condições que permitam proteger e promover a sua segurança, saúde, formação, educação, bem-estar e desenvolvimento integral;
- Garantir recuperação física e psicológica das crianças e jovens vítimas de qualquer forma de exploração ou abuso.

Para fazer cumprir estes objetivos, está previsto diversas medidas (art.º35 da LPCJP) estas são aplicáveis no âmbito de um processo de promoção e proteção:

- Apoio junto dos pais;
- Apoio junto da família;
- Confiança a pessoa idónea;
- Apoio para autonomia da vida;
- Acolhimento familiar;
- Acolhimento residencial;
- Confiança a pessoa selecionada para a adoção, a família de acolhimento ou a instituição com vista à adoção.

A LPCJP baseia-se nos princípios de igualdade de oportunidade, cidadania, responsabilidade, participação, integração e intervenção local. Tem por objetivo a promoção dos direitos e a proteção das crianças e dos jovens em perigo, por forma a garantir o seu bem-estar e desenvolvimento integral.

CAPÍTULO III- PROJETO DE INTERVENÇÃO

Neste capítulo passamos a apresentar o projeto de intervenção que foi implementado num Agrupamento de Escolas TEIP frequentado por vários jovens institucionalizados. Assim, efetuamos a caracterização do mesmo, bem como a instituição onde se encontram acolhidos os jovens que participaram no projeto. Também se apresentam os objetivos gerais e específicos do projeto, bem como o diagnóstico social, para se caracterizar o meio em que o projeto foi implementado e o público-alvo. Posteriormente, explica-se a metodologia utilizada para a implementação e dinamização das atividades.

1. Caracterização do Agrupamento de Escolas

O Agrupamento de Escolas, em que foi realizado este estudo, assume-se como o principal polo cultural na comunidade em que está inserido e tem uma oferta formativa diversificada, desde a educação pré-escolar, ao ensino Secundário e à Educação e Formação de Adultos.

Implementando estratégias de partilha de saberes e de saber-fazer, de uma relação social e afetiva, de solidariedade e cooperação, atento às realidades concretas da sociedade atual, este Agrupamento pauta-se por ajudar a desenvolver crianças e jovens, preparando-os tanto para o prosseguimento de estudos, como para o ingresso no mundo do trabalho. Assim, e de acordo com o Projeto Educativo (ASEA,2015):

“É um Agrupamento que tem os seus alicerces nos valores de cidadania, numa articulação e dinâmica pedagógica de qualidade, que assenta na articulação entre o saber, o “saber ser” e o “saber fazer”, e que se imponha na comunidade em que se insere”. É nesta perspetiva que se define a sua Visão e a sua Missão.

“Ser o Agrupamento de referência para os jovens e respetivas famílias das freguesias [...], pela formação cívica e sucesso académico e profissional dos alunos, pela satisfação de alunos e famílias e pela qualidade do serviço prestado à comunidade”. “Dotar todas as crianças e jovens do Agrupamento das Competências e conhecimentos que lhes permitam aceder ao ciclo de escolaridade seguinte ou ao mundo de trabalho, integrar-se ativamente na sociedade e dar um contributo para a vida económica, social e cultural do País como cidadãos dignos e portadores de valores estruturantes como a solidariedade, a tolerância, a responsabilidade, a justiça, a disciplina e o respeito pelos outros” (AES, 2015, p. 22).

Para dar consecução à Visão e à Missão do Agrupamento, foram estabelecidos os seguintes Princípios Orientadores:

- Construção de uma escola para todos, que garanta a igualdade de oportunidades no acesso e no sucesso educativo;
- Aceitação da diversidade e empenhamento na procura de resposta para as necessidades

- de todos os alunos, de acordo com o seu mérito, o seu esforço e as suas capacidades;
- Promoção de uma cultura de rigor, de exigência de responsabilidade;
- Prestação à comunidade de serviço público de qualidade;
- Aprofundamento das relações com as famílias;
- Estreitamento das relações com a comunidade. (AESAs, 2015, p. 23)

Assim, todos os estabelecimentos de ensino que integram o Agrupamento deverão orientar a sua ação de modo a:

- Preparar as crianças e os jovens para o exercício de uma cidadania plena, assente nos pilares da democracia;
- Contribuir para a aprendizagem e a interiorização de regras comportamentais e cívicas indispensáveis a uma correta inserção na sociedade;
- Promover uma cultura de respeito pelo próprio e pelos outros;
- Preparar e assegurar que as crianças e os jovens adquirem as competências para concluírem com êxito a escolaridade obrigatória de 9 anos, motivando-os a prosseguir os seus estudos para elevação das suas qualificações para 12 anos de escolaridade;
- Reforçar a igualdade de oportunidades, combatendo o absentismo e o abandono escolar;
- Proporcionar informação e apoio aos jovens que possibilite escolhas criteriosas e esclarecidas no que respeita ao seu futuro escolar e/ou profissional.

O Agrupamento tem parcerias estabelecidas na área social com a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens, Equipa Multidisciplinar de Assessoria ao Tribunal, Centro de Assistência à Terceira Idade, Associação para o Desenvolvimento das Mulheres Ciganas Portuguesas, Centro comunitário.

O Agrupamento tem também estabelecidas parcerias com o Projeto de Educação para a Saúde, Centro de Recursos para a Inclusão, as duas últimas constituindo importantes recursos no apoio aos alunos com Necessidades Educativas Especiais e aos docentes de Ensino Especial.

No âmbito dos Cursos de Educação e Formação de Jovens e dos Cursos Profissionais são anualmente estabelecidos protocolos de cooperação entre o Agrupamento e várias empresas e entidades, com a finalidade de assegurar a formação em contexto de trabalho para os jovens que frequentam estes cursos.

A fim de dar cumprimento ao Plano Anual de Atividades no âmbito da segurança, desenvolvem-se anualmente na escola atividades estabelecidas em parceria com a Escola Segura e GNR.

A escola sede do Agrupamento tem 105 professores, sendo 33 diretores de turma, 25 funcionários auxiliares de ação educativa, uma psicóloga, uma mediadora sociocultural, uma assistente social. O conselho executivo é constituído por uma diretora, uma subdiretora e dois adjuntos. Só referimos a caracterização da escola sede do

Agrupamento, pois é nela que vamos implementar o projeto.

1.1 Gabinete de Intervenção Social e Psicológica

Pelo facto do agrupamento estra inserido no programa TEIP implementou, no âmbito de uma das ações, o Gabinete de Intervenção Social e Psicológica (GISP), que tem como objetivo promover e desenvolver competências pessoais e sociais dos alunos e das famílias para contribuir para o bem-estar da comunidade. Este gabinete é formado por uma equipa pluridisciplinar, contando com uma assistente social, uma psicóloga educacional, uma mediadora sociocultural e uma coordenadora que é docente na escola sede do agrupamento. As funções do gabinete estão direcionadas para o serviço de intervenção social. Tem como objetivos centrais: “o combate ao insucesso, absentismo, abandono e indisciplina e baseiam-se na intervenção junto dos alunos, das famílias e de instituições” (AESAs,2015, p.15).

No terreno esta equipa procura apoios e colabora ativamente na comunidade a nível local, regional e mesmo nacional, em diversos projetos. O seu intuito é diminuir o insucesso, o absentismo e a indisciplina, para isso diariamente criam relações com os alunos, famílias, docentes, não docentes e parceiros. Promovem dinâmicas, com o objetivo de melhorar a intervenção. Em seguida damos exemplos das suas boas práticas.

Os projetos que atualmente estão a desenvolver são, entre outros, os seguintes:

- “Turma Top”, tem como objetivo recompensar as turmas com melhores resultados no Agrupamento ao nível do comportamento e da assiduidade.
- “Atina-te” que visa um acompanhamento individual ou em grupo, com o objetivo de reforçar o saber estar, mediar conflitos, promover hábitos e métodos de estudo.
- “Embaixadores da Disciplina”, a nível de 2º e 3º ciclo, é composto por 3 embaixadores que tendo em conta o perfil destes alunos e o seu relacionamento com os pares, é promovida uma relação de tutoria favorecendo a assiduidade dos alunos e a melhoria dos comportamentos. A relação decorre entre os alunos embaixador e os colegas, encarregados de educação e diretores de turma.

2. Caracterização da Instituição de Acolhimento

Considerando que o público-alvo do projeto são jovens institucionalizados, passamos a realizar a caracterização da instituição onde estes estão acolhidos, procurando-se explicitar o seu funcionamento.

É uma Instituição particular de solidariedade social e destina-se a acolher crianças e jovens em situação de risco/perigo, que incorpora o Lar de Infância e Juventude e o Centro de Apoio Preventivo de Crianças e Jovens.

O LIJ é um serviço de apoio em regime de internato para 40 crianças/jovens que tem atualmente 2 vagas de reserva. Destina-se a crianças/jovens do género masculino, com idades compreendidas entre os 6 aos 18 anos. A faixa etária predominante é de 14/15 anos. No lar há 4 jovens com mediada prolongada até aos 21 anos. Essa medida só é aplicada quando é pedida pelo jovem, para poder prolongar o seu projeto educativo.

Os casos são encaminhados através da Segurança Social, referentes a situações acompanhadas pela Equipa Multidisciplinar de Assessoria ao Tribunal ou pelas Comissões de Proteção de Crianças e Jovens.

O Centro de Apoio Preventivo de Crianças e Jovens é um serviço de apoio em regime de semi-internato para 14 crianças e jovens de ambos os sexos com idades compreendidas entre os 4 e os 15 anos.

No Lar de Infância e Juventude desempenham funções três equipas de profissionais: uma equipa de apoio geral que faz a “lida da casa”, uma equipa educativa composta por 12 pessoas, com turnos rotativos, esta equipa tem como função acompanhar as crianças e jovens na vida diária, como por exemplo na área da saúde, e são os cuidadores diretos dos mesmos nas suas rotinas; e, a equipa técnica é composta por 1 diretor técnico, 1 psicólogo, 1 assistente social, 2 educadores sociais, 1 animador sociocultural. Esta equipa está dividida em 3 áreas de atuação:

- Intervenção familiar (perceber a família e acompanhá-la);
- Acompanhamento psicólogo ou pedagógico (centrado na criança e no seu projeto individual educativo);
- Ocupação dos tempos livres (atividades lúdicas).

Como se pode verificar a instituição dispõe de vários funcionários com funções diferentes. Estas interligam-se para a boa funcionalidade que um lar necessita para dar resposta as necessidades das suas crianças e jovens.

3. Diagnóstico Social

O Agrupamento está situado num bairro social, daí a vulnerabilidade socioeconómica e cultural das famílias ser significativa e estar refletida em indicadores importantes como: rendimento social de inserção, escolaridade e alunos com apoio da <Ação Social Escolar (ASE). O número de beneficiários do Rendimento Social de Inserção perfaz um total de 330 famílias. O nível de escolaridade da população da freguesia é baixo, sendo que 12,49% não tem nenhum nível de ensino e 29,42% têm o 1º ciclo do ensino básico. O número de alunos apoiados pela ASE é elevado (43,12%) o que corresponde a 746 alunos, e ao longo dos anos tem vindo aumentar cada vez mais; na tabela 2 podemos verificar a situação da totalidade dos alunos apoiados.

Tabela 2: Alunos apoiados pela Ação Social Escolar

| Escola | Nº de alunos | Escalão A | Escalão B |
|----------------------------|---------------------|------------------|------------------|
| Escola sede do agrupamento | 844 | 251 | 120 |
| EB1 nº1 | 270 | 39 | 29 |
| EB1 nº2 | 91 | 34 | 13 |
| EB1/JI nº3 | 254 | 125 | 47 |
| EB1/JI nº3 | 50 | 10 | 6 |
| EB1/JI nº5 | 145 | 27 | 12 |
| EB1 nº6 | 76 | 21 | 12 |
| Total | 1730 | 507 | 239 |

Fonte: Adaptado de AESA, 2015, p.11

O número de alunos sinalizados na Comissão de Proteção de Crianças e Jovens e pela Equipa Multidisciplinar de Assessoria ao Tribunal é cada vez mais elevado, o que se deve muitas vezes ao enquadramento socioeconómico e cultural das famílias. Muitas das crianças e jovens vivem em contextos familiares complicados, desestruturados, com comportamentos violentos e com hábitos de vida pouco saudáveis. Por causa dessas questões demonstram graves problemas de socialização, dificuldades de relacionamento, problemas ao nível do desenvolvimento psicológico, cognitivo e afetivo e com uma responsabilidade social reduzida (AESA, 2015, p.11).

Devido a mudanças constantes, tanto a nível, económico, social, político e cultural, que se repercutem nas escolas, e o facto de os pais terem cada vez menos tempo para estar com os filhos, os problemas que enfrentam são cada vez mais complexos. As crianças e jovens, não têm noção dos caminhos mais corretos que deverão tomar, refletindo-se em determinadas situações com comportamentos desviantes. Proveniente dessa problemática surge o insucesso, o absentismo, a indisciplina e a interrupção precoce

do percurso escolar.

3.1 Avaliação dos problemas e necessidades

“Um diagnóstico de qualidade é a primeira condição de um bom projeto, ao permitir determinar com precisão os problemas a resolver, os recursos disponíveis e os fatores que serão determinantes no contexto” (Capucha, 2008, p.17).

De modo a realizar uma correta análise dos problemas e necessidades antes da realização do projeto, foi necessário proceder a uma recolha de dados e informações através de várias metodologias que foram utilizadas ao longo de todo o processo de observação e sistematização da informação.

Foi necessária a utilização de algumas metodologias de investigação como: análise documental, observação não participante e participante e conversas informais junto da equipa técnica e direção.

Com base na recolha de dados efetuada, no âmbito da estruturação deste projeto de intervenção, foi possível detetar as principais necessidades/problemas, tais como: Abandono Precoce, Violência dentro e fora das aulas, Desvalorização da escola, Insucesso Escolar e Indisciplina. Segundo a Coordenadora do Gabinete de Intervenção Social e Psicológica, a Indisciplina é a principal problemática, no momento, da escola porque os alunos não respeitam os professores, não cumprem o horário estipulado, não realizam as atividades propostas.

No sentido de se realizar uma caracterização mais detalhada, apresenta-se em seguida a Análise SWOT:

| S (Strengths – Pontos Fortes) | W (Weaknesses – Pontos fracos) |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none">• Existência de um Agrupamento que integra todos os níveis de ensino, desde o Pré-Escolar à Educação de Adultos;• Grande diversidade de faixas etárias, ao nível dos alunos do Agrupamento;• Ofertas formativas diversificadas, alternativas destinadas ao combate ao insucesso e abandono escolar;• Agrupamento multicultural; | <ul style="list-style-type: none">• Elevados níveis de indisciplina/violência;• Grande taxa de insucesso escolar dos alunos;• Falta de pessoal não docente (assistentes técnicos e operacionais);• Elevado número de docentes que manifestam intenção de concorrer para fora do Agrupamento, por insatisfação pessoal; |

| | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> • Inclusão do Agrupamento no Programa TEIP; • Criação do Gabinete de Intervenção Social e Psicológica. | <ul style="list-style-type: none"> • Imagem pouco positiva de algumas escolas do Agrupamento junto da comunidade. |
| O (Opportunities – Oportunidades) | T (Threats – Ameaças) |
| <ul style="list-style-type: none"> • Articulação com as instituições locais no combate ao insucesso escolar por parte do Gabinete de Intervenção Social e Psicológica; • Disponibilidade de Associações de Pais e Encarregados de Educação para o envolvimento nas dinâmicas do Agrupamento; • Partilha de informação entre o Agrupamento e a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens. | <ul style="list-style-type: none"> • Problemas socioculturais existentes no meio envolvente do Agrupamento; • Pouca participação dos encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos. |

Fonte: Adaptado de AESA, 2015, p.21

O principal problema detetado no Agrupamento na base do desenvolvimento do projeto é a indisciplina, que é um problema que contribui muito para uma crescente imagem negativa da escola, “martirizando” pais e professores dos diversos níveis de ensino. Este problema não é um fenómeno recente nas escolas, mas tem vindo a assumir novas dimensões, devido à frequência com que ocorre, bem como à sua gravidade e também pela visibilidade que tem vindo a ganhar.

4. Objetivos gerais e específicos do Projeto

Com a realização deste projeto pretende-se dar resposta a algumas necessidades verificadas através da análise SWOT feita na escola sede do agrupamento. Estes problemas são a base para este projeto tendo assim uma grande relevância a indisciplina/violência e a grande taxa de insucesso escolar dos alunos. Considera-se, assim, pertinente o desenvolvimento de algumas competências necessárias para a promoção da autonomia pessoal e social dos jovens.

Os objetivos do presente projeto de intervenção estão divididos em gerais e

específicos. No que se refere aos **objetivos gerais** pretende-se:

- Conhecer como os jovens institucionalizados vivenciam a escola;
- Sensibilizar os jovens institucionalizados para o sucesso educativo;

Os **objetivos específicos** estão relacionados com uma definição mais pormenorizada do que se pretende com os objetivos gerais referidos anteriormente:

- Promover a disciplina;
- Sensibilizar para assiduidade;
- Promover comportamentos adequados ao contexto;
- Promover o aproveitamento escolar;

Com a definição destes objetivos, pretende-se reforçar o desenvolvimento das competências necessárias para o crescimento pessoal e social de cada um dos jovens institucionalizados. Tornando-se essenciais para se conseguir uma melhor relação e convívio entre todos, bem como para o seu sucesso educativo e futuro retorno à família.

5. Público-alvo do Projeto

O Agrupamento reúne um total de nove estabelecimentos de ensino, com níveis de ensino repartidos entre o pré-escolar, primeiro, segundo e terceiro ciclos do ensino básico, ensino secundário e, ainda, percursos curriculares alternativos, cursos de educação e formação, cursos profissionais e cursos de educação e formação de adultos (nos últimos anos). Integra 5-Jardins-de-infância com 266 alunos; 6-Escolas Básicas do 1º Ciclo com 580 alunos e 1-Escola Básica do 2º e 3º Ciclo e Secundário com 748 alunos. A faixa etária dos alunos varia entre os 3 e os 22 anos.

Nesse número de alunos estão incluídas as crianças e jovens em situação de perigo, num total de 30 (sem contar com os alunos dos cursos de educação e formação e dos cursos vocacionais do 3º ciclo e secundário) reforçando o indicador da fragilidade social dos alunos e das suas famílias, que são acompanhados pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens e pela Equipa Multidisciplinar de Assessoria ao Tribunal.

O Agrupamento tem no total 10 alunos institucionalizados que estão a frequentar o 2º e 3º ciclo no ensino regular e vocacional sendo que a maioria escolheu a vertente vocacional. E, são estes os alunos que constituem o público-alvo do presente projeto. O grupo está inserido em cursos vocacionais, salvo à exceção de um que está no ensino regular, e é composto por 12 jovens, com idades compreendidas entre 14-19 anos. Do grupo de jovens institucionalizados, 2 não participaram no projeto, 2 deles voltaram para

a casa das famílias e 2 não quiseram participar.

A partir de uma reunião, com a assistente social do Gabinete de Intervenção Social e Psicológica (GISP) e a diretora técnica do Lar de Infância e Juventude, foi sugerido acompanhar um grupo de 6 alunos com idades compreendidas entre 14-19 anos.

O grupo-alvo da intervenção são, como anteriormente referido, alunos com medida de institucionalização, que têm insucesso educativo devido a problemas de abandono, absentismo e/ou indisciplina e comportamentos desviantes.

Passamos a caracterizar o grupo de jovens participantes no projeto, sendo de referir que dos 6 participantes iniciais apenas os dois primeiros da tabela e o último permaneceram no projeto até ao seu final.

| Idade | Motivos de institucionalização | Entidades sinalizadoras | Tempo de institucionalização | Ano escolar | Nº de Retenções |
|--------------|---------------------------------------|--------------------------------|-------------------------------------|-------------------------|------------------------|
| 14 | Negligência | CPCJ | 10 meses | 7º | 2 |
| 14 | Absentismo | CPCJ | 2 anos | Curso vocacional básico | 3 |
| 15 | Absentismo | EMAT | 1 ano | Curso vocacional básico | 2 |
| 16 | Insucesso escolar e negligência | CPCJ | 1 ano e 7 meses | Curso vocacional básico | 1 |
| 17 | Absentismo | EMAT | 9 meses | Curso vocacional básico | 4 |
| 19 | Absentismos e negligência | EMAT | 1 ano e 10 meses | Curso vocacional básico | 4 |

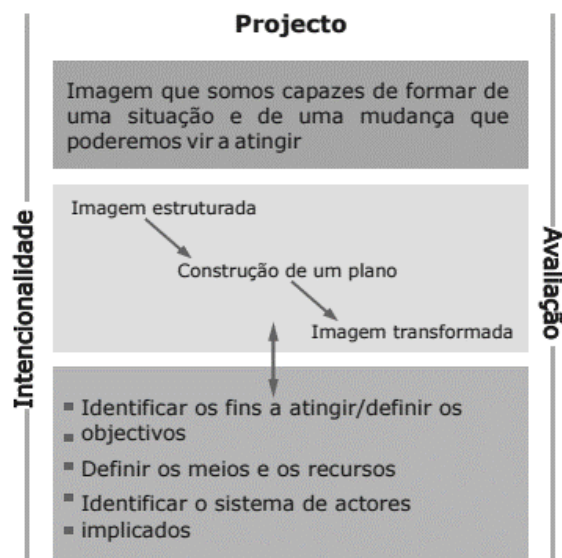
No decurso da implementação do projeto três dos jovens acabaram por abandonar o projeto, um deles decidiu desistir devido a não se sentir bem a falar dos seus problemas pessoais, e em relação aos outros dois jovens voltaram para casa da família

6. Metodologia

A metodologia de projeto tem como fim uma mudança de um problema/situação num prazo de tempo limitado. Sendo que o planejar é definir ações/etapas para atingir a mudança/objetivos do mesmo. O planeamento é um conjunto de procedimentos que tem o plano de ação como base para a sua realização, bem como estabelecer objetivos, prioridades e funções dos agentes responsáveis pelas ações, tendo em vista a mudança da situação. As várias etapas do planeamento têm de ser coerentes, pois a dinâmica gera desvios sendo que a avaliação ao longo do projeto serve para detetar os desvios e perceber de que forma os afetam e como os corrigir. A avaliação é um processo em que os intervenientes no projeto pensam de forma crítica sobre o plano e analisam os resultados e a qualidade da intervenção (Capucha, 2008).

A escola é uma organização com cultura própria, cultura essa que é diferente de escola para escola. Cada interveniente tem conhecimentos próprios e há que recrutar os conhecimentos e as competências que melhor se adequam numa resposta ao meio sendo que é preciso fazer a gestão orientada para a metodologia do projeto. Cada vez mais as escolas têm mais necessidade em desenvolver projetos em diferentes setores, nomeadamente as atividades para diminuir o insucesso escolar ou as atividades de promoção da saúde e bem-estar dos alunos.

É importante salientar a importância do diagnóstico e do seu rigor, pois é o diagnóstico que vai identificar quais os problemas a que o projeto se irá destinar a mudar, portanto é preciso ter uma ideia precisa do problema e do contexto. Depois do diagnóstico há que elaborar o projeto, definindo os objetivos, período de tempo, recursos necessários e a população alvo. É importante também definir os indicadores para a avaliação sendo que são esses indicadores que vão servir de referência para os vários momentos de avaliação e análise do decorrer do projeto (Capucha, 2008).



Fonte: Capucha (2008, p. 9)

A metodologia qualitativa não procura testar hipóteses, mas sim compreender o ponto de vista dos sujeitos, dando grande relevância às percepções individuais, descrevendo pessoas, locais, conversas, processos, etc. E, é neste âmbito que se insere o trabalho de projeto.

Nas Ciências Sociais existem três tipos de procedimentos para recolha de dados, que se enquadram nas metodologias qualitativas:

- Entrevistas/Histórias de vida;
- Observação;
- Análise documental.

As histórias de vida são um procedimento de investigação adotado pela Sociologia e pela Antropologia, que consiste, numa recolha intensiva de dados de carácter biográfico, sobre uma ou mais pessoas, sendo que o próprio ou os próprios são a fonte principal da informação, embora não necessariamente a única. Pressupõe, regra geral, a realização de uma série de entrevistas, cujo objetivo é reconstituir o percurso biográfico da pessoa em causa ou episódios e etapas particulares desse mesmo percurso, de acordo com os critérios pré-estabelecidos pelo investigador (Guerra, 2006).

Com base na metodologia qualitativa, pretende-se utilizar as entrevistas, análises documentais, como procedimento para a recolha de dados junto dos jovens e dos diretores de turma. Com a realização das sessões individuais e histórias de vida, tem-se intenção de perceber qual é a visão dos jovens, o que eles pensam, quais são as suas expectativas e perceber qual é o seu comportamento, sempre com a finalidade de promover o aproveitamento escolar e a aquisição de competências pessoais e sociais.

Após a definição do âmbito do projeto realizou-se uma reunião com a coordenadora do GISP e a equipa técnica para saber se era possível implementá-lo no Agrupamento. Nessa mesma reunião, o projeto foi aprovado e solicitada autorização à direção do Agrupamento.

Em seguida realizou-se um levantamento dos alunos institucionalizados e agendou-se uma reunião com a diretora técnica do Lar de Infância e Juventude. Depois da marcação da mesma, realizou-se uma reunião, com a assistente social do GISP e a diretora técnica do LIJ, na qual foi sugerido acompanhar um grupo de alunos com a problemas de abandono, absentismo e/ou indisciplina e comportamentos desviantes.

Numa primeira fase, para além de conhecer as instalações, passou por conhecer os técnicos, docentes e alguns alunos. Como já era conhecido o funcionamento do GISP começou-se a consultar os documentos utilizados nas intervenções e os relatórios da equipa técnica do gabinete para obter informação dos casos, métodos, instrumentos utilizados na intervenção.

Numa segunda fase, selecionaram-se e adaptaram-se os instrumentos a usar nas sessões individuais nomeadamente:

- Caracterização do aluno [elaboração própria];
- Fichas de avaliação das sessões “Ficha dos Smilies”, “Ficha de avaliação” [adaptadas dos instrumentos da equipa técnica do GISP];
- Fichas semanais “Como correu a semana”, “Registo dos sentimentos” utilizadas pela equipa técnica nas suas intervenções, para se trabalhar os sentimentos semanais;
- Fichas “Mais alguma preocupação”, “Mudar”, “Loja da mudança”, “Coisas que estou a tentar melhorar” “Uma carta para mim”, “Tempo de falar”, “Confiança” e “Problemas”, “Falar de problemas”, “Algo muda”, “Menos um problema”, “Novo caminho”, [retiradas e adaptadas a partir de Plummer (2012)];
- Ficha “Exercício do pensamento positivo”, “Perguntas para completares” [elaboração própria];
- Quadro de registo auto-avaliação, [retirado de Costa; Heleno & Pinhal (2010)];
- Guião de histórias de vida [adaptado de Quintãns (2009)];
- Questionário passado aos Diretores de Turma [elaboração própria].

7. Atividades Implementadas

Passamos a descrever as atividades e os métodos utilizados, bem como os instrumentos utilizados no projeto.

Para se implementar as atividades foi estabelecido com os Diretores de Turma (DT) um horário de acordo com a disponibilidade dos jovens bem como o número de sessões semanais. O acordo foi realizarem-se as sessões individuais no horário de Oferta Complementar lecionada pelos respectivos DT, salvo raras exceções quando havia algo importante a tratar nessa unidade curricular sendo então agendada a sessão em disciplinas lecionadas pelo DT ou outro docente.

| | |
|---------------------|---|
| Tema | Caracterização dos alunos |
| Duração | 45 minutos |
| Objetivos | Caracterizar o aluno, no que diz respeito, idade, género, ano e turma; Compreender o contexto familiar dos alunos caracterizando o agregado familiar; Conhecer o percurso escolar dos alunos; Identificar as dificuldades escolares e os métodos de estudo; Conhecer eventuais problemas de saúde; Conhecer as suas expectativas futuras; Compreender como ocupam os tempos livres. |
| Material | Ficha “Caracterização do aluno” (Anexo III). |
| Procedimento | (Iniciei as sessões) com a ficha de caracterização do aluno (para poder realizar um levantamento de dados relativos as suas vidas escolares, métodos de estudo, ocupação dos tempos livres, saúde e expectativas futuras). |

| | |
|---------------------|--|
| Tema | Sentimentos Semanais |
| Duração | Em todas as sessões |
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none">• Explorar os sentimentos;• Desenvolvimento de valores;• Favorecer a expressão de sentimentos.• Promover comportamentos adequados ao contexto. |
| Material | Fichas “Como correu a semana” (Anexo IV) e “Registo dos sentimentos” (Anexo V). |
| Procedimento | Semanalmente foram aplicadas estas duas fichas para poder trabalhar como correu a semana e como se sentiram nessa semana. Na ficha de como correu a semana nas observações registou-se os seus comportamentos nas aulas, com base no caderno de acompanhamento escolar (CAE), onde os professores colocam se o aluno levou o material e o seu comportamento na aula, que é registado numa escala de mais (+) mais ou menos (+-) e menos (-). |

| | |
|---------------------|--|
| Tema | Preocupações |
| Duração | 45 minutos |
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none">• Explorar e identificar as suas preocupações;• Identificar os seus recursos de autoajuda;• Desenvolver formas para lidarem com as preocupações. |
| Material | Fichas “Mais alguma preocupação?” (Anexo VI). |
| Procedimento | Trabalhou-se a caixa das preocupações, uma vez que as preocupações são um tema constante nas suas vidas. Um dos factos que se teve em conta foi perceber se têm alguém que os ajude com as suas preocupações. |

| | |
|---------------------|---|
| Tema | Mudança |
| Duração | 45 minutos |
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none">• Sensibilizar para a mudança;• Encorajar a serem quem são. |
| Material | Fichas “Mudar” (Anexo VII) e “Loja da mudança” (Anexo VIII). |
| Procedimento | Na ficha “Mudar” trabalhou-se o que gostariam de mudar e de que forma os iria mudar porque por vezes as coisas não correm como nós pretendemos. Esta ficha destina-se a completar a ficha “Loja da mudança” onde se dá importância a reconhecerem o que não gostam neles próprios, para assim se poder trabalhar a sua aceitação e o que são capazes de fazer para mudarem. |

| | |
|---------------------|---|
| Tema | Sentimentos pela escola |
| Duração | 45 minutos |
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none">• Promover a disciplina;• Promover o aproveitamento escolar;• Desenvolvimento de valores e regras;• Incentivar para o respeito. |
| Material | Fichas “Exercício do pensamento positivo” (Anexo IX) e “Perguntas para completares” (Anexo X) |
| Procedimento | Na ficha “Exercício do pensamento positivo” abordou-se os pensamentos negativos e positivos que se geram através de diversas situações, principalmente relacionadas com a escola, que por vezes os fazem sentir ansiosos. O que vem complementar a ficha “Perguntas para completares” em que se trabalhou a importância da escola e a empatia entre os colegas e professores. |

| | |
|---------------------|---|
| Tema | Autoavaliação |
| Duração | 45 minutos |
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none">• Trabalhar as áreas mais problemáticas;• Construção de competências. |
| Material | Ficha “Quadro de registo auto-avaliação” (Anexo XI) |
| Procedimento | Na ficha “Quadro de registo auto-avaliação”, os jovens tiveram que realizar a sua autoavaliação para compreenderem através de 6 etapas o que pretendem melhorar e as formas de como devem melhorar. |

| | |
|---------------------|--|
| Tema | Histórias de Vida |
| Duração | 45 minutos + 45 minutos (2 sessões) |
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none">• Recolha de informação;• Analisar os processos de mudança nas circunstâncias escolares, familiares e institucionais. |
| Material | Guião (Anexo XII) e Histórias de vida (Anexo XIII) ¹ |
| Procedimento | Nas histórias de vida recolheu-se informação através de uma entrevista estruturada com base no guião. |

¹ Transcrição detalhada das **histórias de vida** dos jovens que participaram no projeto.

| | |
|---------------------|---|
| Tema | Coisas a melhorar |
| Duração | 45 minutos |
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none">• Estabelecer objetivos regulares;• Noção de construção de objetivos;• Favorecer a expressão de sentimentos;• Incentivar para o respeito;• Formas de supervisionar o seu progresso. |
| Material | Fichas “Coisas que estou a tentar melhorar” (Anexo XIV) e “Uma carta para mim” (Anexo XV) |
| Procedimento | <p>Na ficha “Coisas que estou a tentar melhorar” analisámos os objetivos que queriam alcançar para poderem refletir na forma de os atingir e para isso utilizou-se a ficha “Uma carta para mim” para escreverem o que precisaram de trabalhar para atingirem as suas metas pois estes objetivos afetam a forma como se sentem consigo próprios.</p> <p>Através destas duas fichas conseguiu-se proporcionar uma oportunidade aos jovens para projetarem os seus objetivos e a forma de os alcançar no futuro; permite-lhes reconhecer onde estão naquele momento e descobrirem algumas das coisas que podem ultrapassar para atingir os seus objetivos.</p> |

| | |
|---------------------|---|
| Tema | Mais que uma simples convença |
| Duração | 45 minutos |
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none">• Identifica alguns componentes que compõem um sentimento de confiança;• Promover a confiança;• Desenvolvimento de valores;• Explorar a forma de aceitar elogios;• Sensibilizar para a escuta ativa;• Identificar os diferentes elementos que ajudam para uma comunicação bem-sucedida. |
| Material | Fichas “Tempo de falar” (Anexo XVI) e “Confiança” (Anexo XVII). |
| Procedimento | Na ficha “Tempo para falar” sensibilizou-se para a compreensão do facto de não ser fácil eles falarem de algumas coisas que são importantes, devido às circunstâncias e isso gera, por vezes, baixa autoestima porque pensam que os rejeitam. Esta ficha pretende completar a ficha “Confiança” que desenvolve a confiança que por vezes nestes jovens é de difícil compreensão e, no processo de identificação da mesma, procura trabalhar a forma de agir no sentido de os jovens adquirirem este sentimento. |

| | |
|---------------------|---|
| Tema | Resolver problemas |
| Duração | 45 minutos + 45 minutos |
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none">• Explorar os seus problemas.• Compreenderem as diversas formas de resolução de problemas;• Desenvolver competências na resolução dos seus problemas;• Aprenderem diversas formas de controlar o seu progresso pessoal. |
| Material | Fichas “Problemas” (Anexo XVIII), “Falar de problemas” (Anexo XIX), “Algo muda” (Anexo XX), “Menos um problema” (Anexo XXI) e “Novo caminho” (Anexo XXII). |
| Procedimento | Estas fichas têm uma sequencia por isso começou-se na ficha” problemas” por fazer um apanhado sobre os seus problemas. Na ficha “Falar de problemas” explorou-se os problemas, a forma de os poderem resolver, e se tinham ajuda para os resolver. Depois trabalhou-se a ficha “Algo muda” para pensarem nas diversas soluções que podem utilizar para resolver os problemas. Na ficha “Menos um problema” identificarem os problemas que podem resolver sozinhos para assim criarem novas oportunidades de resolver outros problemas. A ficha “Novo caminho” consiste num registo no final das sessões para que se possa trabalhar num futuro distante e assim conseguir-se compreender em que situação estão e se existe algo que esteja a impedi-los de atingirem os seus objetivos finais que são resolver os seus problemas. |

Indicadores de avaliação do projeto

De forma geral, a avaliação do projeto será feita de acordo com os seguintes critérios:

- Grau de desenvolvimento e participação nas atividades propostas;
- Avaliação das atividades desenvolvidas;
- Comportamento na sala de aula [através do Caderno de Acompanhamento Escolar];
- O interesse e a participação nas diversas atividades;
- Evolução de aprendizagens [através das notas];
- Reunião final com os professores para balanço da evolução observada e apresentação formal da avaliação contínua e participada da qualidade do trabalho realizado.

As sessões individuais iniciaram-se em dezembro com a explicação do projeto e terminaram no final de abril, visto os alunos em maio terem que recuperar módulos escolares e depois irem para estágio. No total realizaram-se dezassete sessões individuais com cada um dos jovens. Todas as sessões foram realizadas numa sala individualmente.

Em todas as sessões realizou-se uma avaliação com base em duas fichas de avaliação: “Ficha dos Smilies” (Anexo XXIII) e “Ficha de avaliação” (Anexo XXIV); estas fichas serviram para monitorizar as atividades.

CAPÍTULO IV- RESULTADOS DO PROJETO DE INTERVENÇÃO

Neste capítulo são apresentados os resultados da aplicação dos instrumentos utilizados para a recolha de dados. Inicialmente apresenta-se a análises das sessões individuais e dado obtidos bem como e os questionários efetuados aos diretores de turma. Para finalizar discutem-se os resultados alcançados.

1. Apresentação de Resultados

De acordo com a cronologia das atividades implementadas nas sessões semanais realizadas com os jovens passamos a apresentar os resultados mais relevantes das temáticas abordadas. Sendo de referir que os nomes atribuídos aos jovens são fictícios.

- Em relação ao tema “**Caraterização do aluno**”:

Análise de grupo: Todos têm mesmo encarregado de educação (psicólogo do LIJ), que vem a escola falar com os diretores de turma. Todos têm irmãos, sendo que o António e o Lucas têm as suas irmãs também institucionalizadas. Vão de transportes públicos para a escola e demoram 30 minutos. Todos têm antecedentes escolares, o António reprovou quatro vezes (duas no 1º Ciclo e duas no 3º Ciclo), o Lucas ficou mais um ano no pré-escolar e perdeu um ano porque foi viver com a tia, o Miguel reprovou três vezes no 2º Ciclo.

O António e o Miguel têm como disciplina preferida a Educação Física, enquanto o Lucas prefere Ciências Naturais. Apresentam todos dificuldades a Português. Têm dificuldades sobretudo por não estarem com atenção nas aulas. O António e o Miguel têm em comum não compreenderem a explicação do professor, terem dificuldades em compreender textos escritos e retirar as principais ideias dos textos. O Lucas e o Miguel dizem que sentem dificuldades em memorizar a matéria, enquanto o António e o Lucas têm dificuldades a efetuar cálculos mentais. O António refere ainda que as dificuldades devem-se à forma como decorrerem as aulas e o Lucas não estuda o suficiente. Para combater essas dificuldades precisam de apontamentos e resumos sobre a matéria. O António e o Miguel referem que precisam de exercícios práticos, o António precisa também de mais tempo para executar as tarefas e o Miguel de mais exemplos.

O António e o Lucas não participam nas aulas com gosto, mas levantam o braço quando querem participar, enquanto o Miguel participa com gosto e não levanta o braço quando quer intervir. Todos participam apenas quando os professores os chamam e

participam expondo as suas dúvidas quando não compreendem o que o professor explica. Têm o caderno em dia, por isso registam tudo o que é escrito no quadro.

Ambos colocaram que as três razões pelas quais acham importante frequentar a escola são aprender coisas novas, querer ter uma profissão e gostar de conviver com os colegas.

Como vivem na instituição referiram que estudam na sala de estudo supervisionados e apoiados pelos monitores. O António referiu ainda que estuda com os colegas e o Lucas sozinho. Como o Lucas anda no Ensino Regular estuda todos os dias em silêncio absoluto, enquanto o António e o Miguel só estudam de véspera para os testes com música ligada. O António gosta de estudar em grupo, enquanto o Lucas e o Miguel preferem estudar individualmente. Estudam todos pelos cadernos, mas para complementar os estudos o Lucas e o Miguel estudam pelo livro, sendo que o António e o Miguel também estudam pelo computador e Internet.

Quando têm dúvidas ou alguma dificuldade, pedem ajuda, o António pede aos colegas, o Lucas e o Miguel aos monitores. O António aprende melhor em grupo, enquanto o Lucas e o Miguel dizem que aprendem melhor individualmente. O Miguel refere ainda que aprende melhor quando faz pequenas pesquisas e o professor explica a matéria.

Têm como expetativas futuras: o António e o Miguel estudarem até ao 12º ano e serem futebolistas, o Lucas quer tirar um curso superior, mas não sabe ainda qual.

- Em relação ao tema “**Sentimentos semanais**”:

António: Todas as semanas correram bem, só fez referencia a participação no campeonato de futebol. Isto veio-se a constatar caderno de acompanhamento escolar (CAE) que varia sempre entre o +/- e o que mais predomina é o +.

Lucas- As semanas correram entre o bem e o +/- dependendo se foi a casa ou não, pois refere muitas vezes esse motivo. A única vez que correu mal foi quando o seu computador avariou. A partir da análise do CAE verificou-se muitos +/- e numa das semanas teve 3 menos porque falava muito nas aulas e isso fez com que ficasse triste.

Miguel- As semanas correram sempre bem, menos quando esteve 6 dias de suspensão e fez trabalho comunitário no parque, quando se aleijou e quando acabaram as férias da páscoa. Revela por duas vezes estar contente quando foi jogar andebol um fim de semana no carnaval, refere regularmente que não aconteceu nada de especial. Isto pode verificar-se no CAE pois passou a melhorar tendo sempre +, e só uma vez por outra, tem +/-, só teve um – por falar muito.

- Em relação ao tema “**Preocupações**”:

António- Todas as suas preocupações desapareceriam por completo se as conseguisse resolver sem ajuda assim nunca ficaria triste e receoso; “iam para o fundo da sua mente para não se lembrar mais delas”. Quando se questiona se alguém iria olhar para as suas preocupações refere que não sabe, mas se fosse alguém seria a sua melhor amiga.

Lucas- Tinha como preocupações, ir ou não a casa; deixar de estar constipado; se a mãe vai melhorar; se vai conseguir ter notas boas nos testes e passar de ano, e se quando chegar ao colégio vai ter problemas e ficar de castigo. Gostava que todas desaparecessem e se resolvessem. A sua família ia olhar para as suas preocupações e iam ajudá-lo a ultrapassá-los.

Miguel- Tinha como preocupações, voltar para casa; que a mãe fique melhor; portar-se bem durante a semana para ir para casa; ganhar os jogos de futsal; ter o CAE em dia.

Análise de grupo: pode-se verificar que todos têm alguém que os ajude a superar as suas preocupações e gostavam que essas mesmas desaparecessem e se resolvessem. Podemos ainda verificar quem o Lucas e Miguel têm em comum o desejo de irem a casa.

- Em relação ao tema “**Mudança**”:

António- As coisas que gostaria de mudar era ter, barba e bigode porque tem 19 anos e ainda não tem barba. Gostava de ter uma loja grande com muitas coisas à venda, como roupa, comida e grafitis para ter um bom “swag”, não iria vender características², mas trocava o que vendia na loja pelas características que queria ter.

Lucas- As coisas que gostaria de mudar era interiormente como, ser perfeito e ter equilíbrio, para assim se sentir bem e porque assim os seus desejos iam ser realizados. Não ia ter loja porque não tinha nada para vender.

Miguel- As coisas que gostaria de mudar era parar de crescer em altura e voltar para casa porque não quer ser mais alto, quer estar sempre com a família e amigos na antiga escola. Acha que se parasse de crescer e voltasse para casa ia sentir-se feliz e diferente porque se ia esforçar mais e dedicar na escola e estar mais há vontade (não sentir tanta pressão). Na sua loja venderia a sua altura e alegria e em troca queria ser mais baixo.

Análise de grupo: pode verificar-se que todos mudavam o que acham ser os seus problemas físicos à exceção do Lucas que mudava a sua vida para ser feliz. Na loja um não venderia nada e os outros 2 venderiam coisas diferentes. O António imagina-se com

² Características relativas a traços pessoais (tanto físicos como de personalidade).

as características do lojista “ser alto e musculado”, enquanto o Miguel realmente só venderia o que precisava e em troca teria o que queria “ser baixo”.

- Em relação ao tema “**Sentimento pela escola**”:

António- A escola para ele é importante porque serve para ter um futuro e ir à escola é vantajoso para a futuro, mas gostava de ficar mais tempo na cama. Acha que a escola podia ser melhor se houvesse uma piscina e aula de parkor. A integração na turma é boa porque se dão todos bem e acha os colegas fixes. Para ele os professores da escola são fixes e quando tem que fazer uma pergunta é para esclarecer uma dúvida e quando faz a pergunta não quer fazer figura de burro. O seu relacionamento com os professores é mau porque não confia neles apesar de achar que um bom professor é fixe, simpático, inteligente e sabe falar com os alunos. O seu comportamento na sala e no recreio depende de com quem esteja e como está naquele dia, se não podem dar-lhe um mau no CAE, mas se for bom não lhe dão recados. Ir as aulas é bom porque aprende coisas que saem nos testes e se não for às aulas tem de pedir o caderno a alguém. Se o seu comportamento na sala for mau dão lhe um recado na caderneta, mas se for bom não lhe dão recados. No que diz respeito às notas dos testes e avaliações no final do período, fica contente quando recebe e que vai ter boas notas, mas se receber negativa fica furioso e as notas baixam. Quando vai a casa fica contente, mas fica triste quando não pode ir.

Lucas- A escola para ele é boa porque pode aprender e ir à escola é vantajoso para aprender mais e vai estar com as amigas, mas fica triste quando não pode ir. Acha que a escola podia ser melhor em tudo. A integração na turma é boa porque já conhecia os colegas, apesar de por vezes não terem a atitude certa com ele. Para ele os professores da escola são bons e quando tem de fazer uma pergunta é para lhe esclarecerem uma dúvida e quando faz, pensa mais do que uma vez se vai ter que ter o dedo no ar. O seu relacionamento com os professores é normal e acha que um bom professor é uma pessoa com quem podemos esclarecer duvidas. O seu comportamento na sala e no recreio é mais ou menos porque fala muito e pode ter um menos no CAE. Ir às aulas é bom porque pode aprender e se não for as aulas pode levar menos no CAE. No que diz respeito às notas dos testes e avaliações no final do período, fica contente quando recebe boas notas, mas se receber negativa fica triste porque pode chumbar. Quando vai a casa fica feliz, se não poder ir fica triste porque não vai ver as irmãs.

Miguel- A escola para ele é fixe porque tem lá os seus amigos e ir à escola é muito fixe e vai aprender varias coisas novas, mas de vez em quando acha uma “seca”. Acha

que a escola podia ser melhor nos intervalos por durarem pouco tempo. A integração na turma é boa porque os colegas são seus amigos e acha-os fixos. Para ele os professores da escola são mais ou menos, por não gostar de alguns e quando tem de fazer uma pergunta é porque tem muitas dúvidas e precisa de as esclarecer, por vezes não percebe nada e não quer perguntar. O seu relacionamento com os professores é “mais ou menos” e acha que um bom professor é aquele que é mais tolerante no comportamento. O seu comportamento na sala e no recreio é normal, porque se porta bem apesar de ter receio de ir para a rua. Ir às aulas é bom porque pode estar mais atento e participar para prender. No que diz respeito às notas dos testes e avaliações no final do período, fica contente quando sobe as notas, mas se receber negativa fica triste porque pode chumbar. Quando vai a casa fica feliz porque vai ver a família, se não poder ir fica triste.

Análise de grupo: pode constatar-se que todos referem que ter que fazer uma pergunta ao professor é para esclarecer as dúvidas e que ficam contentes quando têm boas notas e tristes quando as notas baixam. Quando vão a casa ficam felizes e se não forem ficam tristes porque não podem ver os familiares.

O António e o Miguel acham que os seus colegas são fixos, enquanto o Lucas não acha que por vezes por os colegas não têm uma boa atitude. No que diz respeito às notas o Lucas e o Miguel têm medo de chumbar.

Em relação ao tema “**Autoavaliação**”:

António- Dá muito importância “às coisas que sei fazer mal” que são os trabalhos de grupo pois fica a sentir-se inútil. Isto acontece em situações complicadas porque não sabe expressar as suas ideias. Diz que precisa de estudar e dedicar-se mais.

Lucas- Dá muito importância “as coisas que sei fazer mal” que são a matemática, porque tem negativas e é repreendido por isso. Acha que precisa de estudar mais e ter mais tempo para fazer outras coisas.

Miguel- As coisas que sabe fazer bem e mal estão relacionadas com o desporto, as mal são o basquetebol e volley. Fica muito zangado por não conseguir ultrapassar isso nos jogos nas aulas de educação física. Diz que precisa de treinar mais e ter força de vontade.

Análise de grupo: Todos têm problemas relacionados com as disciplinas/escola, mas o António tem um problema geral que se pode verificar em várias circunstâncias que é a realização dos trabalhos de grupo. Enquanto o Lucas e Miguel acham que precisam de estudar mais e dedicar-se nas disciplinas em questão.

- Em relação ao tema “**Histórias de vida**” (vide transcrição Anexo XIII):

Antônio- “Vivia com a minha irmã mais nova e o meu pai (...) não ia à escola, só fui no primeiro período, no segundo e no terceiro mal pus lá os pés. Antes de ir para a instituição era uma pessoa mais feliz porque fazia o que queria. (...) faltava as aulas. Não me lembro se me explicaram o motivo de ter ido para a instituição, mas acho que foi por faltar a escola. A minha irmã mais nova vive numa instituição”.

Lucas- “Vivia com a minha avó reformada (...) fazia o que queria e não tinha horários. Como as coisas não estavam bem viver com a minha tia (...). Fiquei mais um mês com a minha avó e como as coisas estavam más fui institucionalizado. (...) vivi num CAT quando era pequeno, mas não me lembro onde era. (...). Era um pouco mais alegre e ingênuo. (...) gostava de acabar os estudos e ter filhos para ter um futuro melhor. (...) foi a minha avó que me institucionalizou. (...) tenho duas irmãs e vivem numa instituição. Tenho contacto com elas mais devia falar mais com elas”.

Miguel - “Vivia com a minha mãe e um dos meus irmãos (...) ia brincar com os meus amigos, mas com horários. Acho que foi para a instituição porque tinha muitas faltas disciplinares e faltava às aulas. Antes de ir para a instituição era mais alegre e irresponsável. Agora sou mais alegre e um pouco mais responsável. (...) acabar os estudos com o 12º feito porque, posso ter um futuro melhor. (...) motivo foi porque faltava muito as aulas e tinha muitas participações”.

- Em relação ao tema “**Coisas a melhorar**”:

As 5 coisas que estão a tentar melhorar e a forma como as pretendem alcançar são:

Antônio- melhorar o comportamento (deve ficar calado nas aulas); trabalhos de grupo (deve trabalhar mais e expressar melhor as suas ideias); fazer os trabalhos de casa (deve dedicar-se mais) e não faltar ao respeito (deve ter mais calma).

Lucas- melhorar as notas (mais tempo para estudar); melhorar o comportamento (deve concentrar-se) deixar de chuchar no dedo (pôr álcool na mão) e melhorar a relação com a avó (não responder).

Miguel- Melhorar o comportamento (portando-me bem nas aulas); chegar a horas às aulas (ficar à espera do professor em vez de ficar a brincar com os amigos); melhorar a resistência (treinar mais); melhorar as notas (tem de escutar o professor) e passar a respeitar os professores (não responder mal).

Análise de grupo: podemos verificar que todos acham que devem melhorar o comportamento e a solução é ficarem calados nas aulas, concentrarem-se e portarem-se bem.

O Lucas e Miguel acham que têm de melhorar as notas e a solução é ter mais tempo para estudar e escutarem os professores.

O António e Miguel têm em comum querer respeitar, um fala no geral e outro é mais específico ao falar no professor. Acham que devem ter mais calma a falar com as pessoas e não responderem mal é a melhor estratégia.

O António e Miguel têm todos os seus problemas relacionados com a escola enquanto o Lucas tem problemas relacionados com a escola e a avó.

- Em relação ao tema “**Mais que uma simples conversa**”:

António- é mais fácil falar quando tem a certeza que a sua teoria é a correta sobre a matéria, é mais difícil quando discute com alguém, mesmo não tendo razão, mas a palavra confiança significa confiar em alguém e precisa de se sentir mais confiante nos trabalhos de grupo.

Lucas- é mais fácil falar quando tem confiança na pessoa, é mais difícil quando a pessoa é má para ele, mas a palavra confiança significa confiar em alguém e precisa de se sentir mais confiante quando gozam com ele e quando está no colégio.

Miguel- é mais fácil falar quando está bem-disposto e conhece muito bem as pessoas, é mais difícil quando “estou enervado e perco a razão”, mas a palavra confiança significa confiar nos outros e precisa de se sentir mais confiante quando não vai a casa e nos trabalhos de grupo.

Análise de grupo: podemos constatar que para todos o significado da palavra “confiar” é confiar em alguém.

O António e Miguel têm em comum o precisar de se sentirem confiantes nos trabalhos de grupo. Já o Lucas refere mais problemas pessoais. O Miguel refere mais uma vez a ida a casa.

- Em relação ao tema “**Resolver problemas**”:

António- Quer resolver os problemas que tem com as disciplinas de Inglês, Português, Geografia, Físico Química e História. Para isso diz que precisa de estudar mais, ter os cadernos em dia e que tem alguém que o pode ajudar a resolver os seus problemas, são os seus amigos. Acha que precisa de se empenhar mais e dedicar-se nas

aulas. Quando referiu os problemas que resolveu sozinho destacou os trabalhos de grupo, porque inicialmente não os conseguia fazer, e agora já consegue porque se falou sobre isso e por isso resolveu empenhar-se mais para os resolver.

Não sabe se está preparado para deixar de ter acompanhamento e se consegue melhorar os seus problemas, mas vai tentar. Afirma que gostou de estar com a Rita porque foi fixe e consegui aproveitar melhor o tempo com isso.

Lucas- Quere resolver os problemas que tem em não ir a casa, não ter sitio para morar, não estar na instituição e as duas negativas que teve a Geografia e Matemática. Para isso diz que precisa de se aplicar mais e estudar mais e tem quem o ajude a resolver os seus problemas (família, amigos, professores, monitores ou doutores) e a Rita. Acha que precisa de ter mais tempo para solucionar estes problemas. Quando referiu os problemas que resolveu sozinho destacou o ter conseguido uma chave para o seu cacifo e ter melhorado o comportamento, porque se falou sobre isso e achou que devia melhorar para os professores não implicarem com ele.

Acha que está preparado para terminar o acompanhamento porque se sente bem e porque a Rita o ajudou a perceber certas coisas que até agora não tinha dado conta. Diz que gostou muito de estar com a Rita, que foi bom e que vai ter saudades.

Miguel- Quere resolver os problemas que tem em responder mal aos professores e na disciplina de Matemática (para ele estar na Instituição não é um problema é uma ajuda porque lá tem regras). Para isso precisa de ouvir a professora, ter o caderno em dia, pedir desculpa quando erra, ter calma e não responder mal e que só tem a mãe que o ajude a resolver os problemas porque não confia muito nos outros. Acha que precisa de ter mais motivação e empenho para dar resposta aos seus problemas. Quando referiu os problemas que resolveu sozinho, destacou que melhorou o comportamento portando-se melhor nas aulas e fora delas, passou a chegar a horas às aulas porque quando toca vai logo em vez de ficar a brincar com os colegas, melhorou a resistência porque passou a treinar mais. Afirma que fez estes progressos todos porque a Rita e a professora do Empresários pela Inclusão Social (EPIS) falaram com ele sobre os seus problemas, então quis melhorar.

Acha que está preparado para deixar o acompanhamento porque já aprendeu coisas para poder melhorar e porque está a portar-se bem nas aulas, diminuiu as faltas de atraso e já não responde aos professores. Diz que gostou muito de estar com a Rita.

Análise de grupo: podemos verificar que todos querem melhorar em alguma disciplina, o António e o Lucas têm em comum Geografia, enquanto o Lucas e Miguel têm em

comum Matemática. O António e Miguel acham que têm de se empenhar mais para dar resposta aos seus problemas. Todos têm alguém que os ajude com os seus problemas e referem que o facto de terem falado antes sobre os seus problemas os ajudou a resolver alguns dos problemas que inicialmente referiram no tema “Coisas a melhorar” e que os resolveram sozinhos depois de termos falado sobre isso. Todos gostaram de estar com a Rita e acham que melhoraram. O Lucas e o Miguel referem que estão preparados para deixar de ter apoio, mas o António ainda não está.

Numa apreciação global na “Ficha dos Smilies” os jovens assinalaram que as sessões foram “muito fixes”. Já na “Ficha de avaliação” gostaram muito das sessões, participaram com empenho e acham que foi muito interessante. Tiveram uma apreciação bastante positiva no tema “Mudança”, “Sentimentos pela Escola” e “Autoavaliação”; no tema “Coisas a Melhorar” tiveram uma apreciação mais negativa pois acharam que não foi interessantes e um deles referiu que não gostou.

2. Discussão de Resultados

Os jovens no início das sessões demonstraram serem irrequietos, irresponsáveis, desorganizados e sem interesse. Mas, com o passar do tempo foram demonstrando serem jovens que eram capazes de ser responsáveis, organizados, chegavam a horas, não faltavam e mostravam mais interesse.

Pode constatar-se que ao longo da realização das sessões o António insidia muito sobre os trabalhos de grupo, mas que no final conseguiu superar esse problema abrindo-se mais com os colegas. O Miguel refere muito as idas a casa e como o seu comportamento melhorou vai sempre que pode.

Relativamente ao Questionário (Anexo XXV) passado aos Diretores de Turma no início e no final do acompanhamento destacam-se as seguintes informações:

- A Diretora de Turma (DT) do **António** refere que o aluno já participa um pouco mais, apesar de a sua concentração ser ainda um pouco inconstante, por vezes está com atenção nas aulas e leva o material. Compreende a explicação dos professores e é assíduo e pontual, apesar de o comportamento dele ser bom, pontualmente tem os seus deslises. Acha que é razoável nas disciplinas e que falta pouco às aulas. No 1º Período teve uma participação por ser insolente para com a professora e esteve uma vez de suspensão porque não pediu desculpa pelo que aconteceu. No 2º e 3º período

já não teve nenhuma participação, nem suspensão. Nas observações colocou que “o aluno mostra-se mais enturmado no trabalho de grupo e mais autónomo”.

- A DT do **Lucas** acha que participa ativamente nas aulas, mas que por vezes é inoportuno nos comentários. A concentração é razoável, sendo que é fácil distrair-se. Aparece estar atento às aulas, mas depende do conteúdo. Leva sempre o material e melhorou na compreensão das explicações dos professores. É sempre assíduo e pontual. O comportamento dentro da sala de aula depende de como se sente emocionalmente, mas fora das aulas é bom. Tem dificuldades a Matemática. Não falta às aulas e até à data não teve nenhuma participação, nem suspensão.
- A DT do **Miguel** acha que a participação, concentração e atenção nas aulas é irregular porque depende das disciplinas. Leva o material e por vezes tem dificuldades para compreender as explicações dos professores. Sempre foi assíduo e pontual, evidenciando-se mais agora. O comportamento dentro e fora das aulas é um comportamento que não se adequa ao contexto por ser um pouco ingénuo. Tem dificuldades nas artes florais, mas faz. Não falta às aulas, mas já teve participações, mas não neste período, e teve uma suspensão no 2º período por comportamentos incorretos. Nas observações colocou que o aluno tem todos os módulos feitos, mas que podia melhorar se melhorasse um pouco mais o comportamento apesar de estar melhor.

No que se refere aos objetivos podemos compreender o contexto escolar dos jovens, tanto por observação participante como pela consulta do processo escolar.

- Dado que foi possível conhecer como os jovens institucionalizados vivenciam a escola considera-se que o objetivo foi totalmente atingido. Assim, o António afirma que escola é importante porque serve para ter um futuro e ir à escola é vantajoso para o futuro, para o Lucas a escola é boa porque pode aprender e ir à escola é vantajoso para aprender mais, para o Miguel ir à escola é muito fixe e vai aprender varias coisas novas.
- Ao longo do projeto procurou-se através das sessões sensibilizar os jovens institucionalizados para o sucesso educativo, objetivo totalmente atingido considerando o que os jovens expressaram no registo na “Autoavaliação” (e nos temas “Sentimentos pela escola” e “Coisas a melhorar”. Na “Autoavaliação” como passar por vários pontos os jovens conseguiram fazer uma retrospectiva do que pretendem melhorar e as formas como devem melhorar. Comos todos têm

problemas relacionados com as disciplinas acham que precisavam de estudarem mais, escutar os professores e melhorar o comportamento.

- Outro dos objetivos passava por promover a disciplina, considera-se que o objetivo foi parcialmente atingido, porque ainda se podem registar melhorias, embora através do Caderno de Acompanhamento Escolar (CAE) se verifique que o comportamento na sala de aula do António e Miguel melhorou bastante, enquanto o do Lucas melhorou parcialmente.
- Sensibilizar para assiduidade é um objetivo atingido totalmente, em função da informação do CAE, na articulação direta com os diretores de turma e complementada com a informação das fichas, por exemplo nas “Coisas a melhorar”. No CAE dos jovens notou-se que passaram a chegar a horas as aulas e os diretores de turma referem isso nos questionários. O Miguel refere ainda que acha que deve chegar a horas às aulas para isso tem que ficar à espera do professor em vez de ficar a brincar com os amigos.
- O objetivo promover comportamentos adequados ao contexto, foi totalmente atingido, através dos temas “Resolver problemas”, “Coisas a melhorar” e no questionário passado aos diretores de turma e a informação do CAE. Para melhorar o comportamento: o António afirma que deve ficar calado nas aulas, não faltar ao respeito e deve ter mais calma; o Lucas refere que deve concentrar-se; o Miguel portar-se bem nas aulas, passar a respeitar os professores e não responder mal. Verificou-se que o comportamento na sala de aula foi melhorado tendo cada vez menos avaliações negativas no CAE.
- Por último, o objetivo Promover o aproveitamento escolar, foi também totalmente atingido e pode-se verificar a através dos temas “Coisas a melhorar”, “Sentimentos pela escola”, no CAE e no questionário passado aos diretores de turma.

Em relação a quase todos os objetivos podemos analisar resultados positivos, quer através do CAE e do questionário aos diretores de turma, quer em conversas informais com os professores das respetivas turmas.

Pode concluir-se que os objetivos gerais e específicos do projeto foram atingidos em especial pelos resultados obtidos nas sessões, com base na análise dos indicadores de avaliação do projeto e resultados obtidos através dos instrumentos utilizados.

REFLEXÃO FINAL

A análise e discussão dos resultados obtidos com este projeto de intervenção permitiu constatar que os jovens, conseguiram superar os principais problemas, caminharam para o sucesso educativo, sempre com o objetivo de poderem voltar para as suas famílias.

A realização de mais sessões foi condicionada pela assiduidade dos alunos (não virem à escola) e pela frequência das aulas, pois a sua saída implicaria perderem matéria.

Poderia ter-se iniciado as sessões com a elaboração de um Genograma para se compreender os problemas que interferiram na vida dos jovens e das suas famílias, bem como encontrar os padrões de funcionamento das famílias. A elaboração do Ecomapa poderia ter permitido identificar as relações e ligações dos jovens às pessoas e às estruturas sociais do meio (entidades de primeira linha) onde habitam ou habitaram.

Os jovens que participaram no projeto estão numa situação de perigo, pois está em causa o Direito à Educação, o qual inclui abandono escolar, absentismo escolar e insucesso escolar. Devido a estas situações de perigo terem maior incidência nas escolas, as mesmas passaram a sinalizar mais casos à Comissão de Proteção de Crianças e Jovens. O absentismo escolar já é considerado a situação de perigo que tem maior número de casos nas CPCJ. É um problema recente que cada vez mais afeta as crianças e jovens no meio escolar.

Seria importante conseguir-se trabalhar com as crianças e jovens, que tenham esta problemática, antes de os encaminhar para a institucionalização. Mais especificamente, as entidades com competências de primeira linha, que se regem pelo artigo 4.º da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, como escolas, centros de saúde, hospitais, autarquias locais, segurança social, forças de segurança e as associações e instituições, pois são estas que intervêm de forma direta com as crianças e jovens nos seus contextos naturais de vida.

No âmbito deste projeto de intervenção constatamos que a escola e a instituição de acolhimento mantêm uma boa comunicação, e as sessões individuais realizadas, ao serem um acompanhamento direcionado para o reforço da importância da escola, permitiram um maior empenho por parte dos jovens e um apoio útil para o sucesso escolar. Consideramos que estes jovens deveriam ter tido, antes da sua institucionalização, um acompanhamento mais direcionado por parte das entidades de primeira linha.

Por vezes as crianças e os jovens só precisam de regras e de orientação para conseguirem trilhar o melhor caminho para o sucesso educativo.

Trabalhar com jovens enquanto promotora do projeto, conduziu, também a um crescimento como pessoa e como profissional, visto que não é qualquer um que consegue trabalhar com este público-alvo e compreender o que “passaram” na vida, e por isso terem certos tipos de comportamentos e atitudes. Os jovens confiaram em alguém para contar os seus problemas sem ter o menor receio e viram essa pessoa como uma amiga que estava lá para os ajudar no que fosse preciso.

É gratificante para quem implementa o projeto contribuir de algum modo para o futuro dos jovens, principalmente por terem conseguido resolver alguns dos seus principais problemas e terem começado a ser mais autoconfiantes e responsáveis, por exemplo, quando passaram a chegar a horas às aulas e a terem uma participação mais ativa.

A implementação do projeto permitiu também desenvolver autonomia da própria interveniente, tendo havido boa adaptação ao gabinete e à equipa técnica, adquirindo experiência, junto do público-alvo a que se destinava o projeto, bem como o desenvolvimento de capacidade de iniciativa, persistência, paciência e liderança em situações imprevistas.

Este projeto correu para além das expectativas. Nunca se esperou que corresse tão bem como correu. Graças aos jovens com que se trabalhou neste projeto, pode-se perceber que é uma área muito enriquecedora para se poder ajudar mais jovens a tornarem-se melhores na resolução de problemas escolares, ou até mesmo pessoais.

Acredita-se que no futuro a implementadora do projeto irá sentir-se melhor preparada, profissionalmente e melhor pessoa, para abraçar outros projetos, junto de crianças ou jovens de grupos sociais desfavorecidos e marginalizados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AESA- Agrupamento de Escolas de Santo António. *In* Projeto Educativo Marcar A Diferença (2013-2017). Disponível em http://www.escolasdestantonio.edu.pt/files/62/20152016/pe_versao_final_2015.pdf
- Agrupamento de Escolas de Santo António.* (s/d) (s/t) [Obtido em 02 Dez 2015, www.escolasdestantonio.edu.pt].
- Amado, J. & Freire, I. (2009). *A(s) indisciplina(s) na escola – Compreender para prevenir.* Coimbra: Almedina.
- Amado, J.; Freire, I. (2002). *Indisciplina e Violência na Escola. Compreender Para Prevenir.* Porto: Edições Asa.
- Anaut, M. (2005). *A resiliência: ultrapassar os traumatismos.* Lisboa: Climepsi Editores.
- Araújo, I. (s/d) *Crescer Aprendendo.* [Obtido em 12 Dez 2014, <http://crescersorriraprender.blogspot.pt/P/Glossario.Html>].
- Assembleia da Republica (1999). *Lei de Proteção de crianças e jovens em risco* Lei nº 147/99 de 1 de setembro, in Diário da República, 1ª série-A N.º 204 (1-9- 1999).
- Assembleia da Republica (2015). *Lei de Proteção de crianças e jovens em risco.* Lei n.º 142/2015 de 8 de setembro, in Diário da República, 1ª série- A N.º 175 (8 de setembro de 2015).
- Barbier, H. (2003) Os TEIP, O Projeto Educativo e a Emergência de “*Perfis de Território*”, Educação, Sociedade & Culturas, nº20.
- Barroso, J. (2003). Fatores Organizacionais da Exclusão Escolar. A Inclusão Exclusiva. In Rodrigues, D. (org.). *Perspetivas sobre a Inclusão da Educação à Sociedade.* Porto: Edições Asa.
- Bowlby, J. (1981). *Cuidados Maternos e Saúde Mental.* São Paulo: Martins Fontes.
- Brandão, C., (2007). *O Que É Educação.* São Paulo: Brasiliense.
- Canário, R. (2004). *Territórios Educativos e Políticas de Intervenção Prioritária: uma análise crítica, Perspectiva,* Florianópolis, v.22, n.1.
- Canário, R. (2005). *O Que É A Escola? Um "Olhar" Sociológico.* Porto: Porto Editora.
- Capucha, L. (2008). *Planeamento e Avaliação de Projectos.* Lisboa: DGIDC/ME.

- Carita, A.; Fernandes, G. (1997). *Indisciplina na Sala de Aula. Como Prevenir? Como Remediar?*. Lisboa: Editorial Presença.
- Carvalho, M. J. (2013). *Sistema Nacional de Acolhimento de Crianças e Jovens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Casteleiro, S. (2008). *Pedagogia Social: aspectos essenciais e definitórios*. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade da Beira Interior. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/6258045/Pedagogia-Social-em-Portugal-autor-Steven-Casteleiro>.
- Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (2015). *Relatório anual de atividade das CPCJ 2014*. Disponível em: http://www.cnpcjr.pt/preview_documentos.asp?r=5603&m=PDF
- Constituição da República Portuguesa (1997). Lisboa: Quid Juris? Sociedade Editora.
- Correia, A. R. (2011). *Ensino e Aprendizagem no Contexto de um TEIP: a urgência de educar para e pela sociedade*. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade Aberta de Lisboa. Disponível em: <http://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2086>
- Costa, P.J.; Heleno, S.; & Pinhal, C. (2010). *Juntos no Desafio: Um Guia para a Promoção de Competências Parentais para Pais de Crianças e Adolescentes com PHDA e Perturbações de Comportamento*. Leiria: Textiverso.
- Curto, P. (1998). *A Escola e a Indisciplina*. Porto: Porto Editora.
- Encarnación, A. (2009). *Absentismo Escolar*. Revista Digital Enfoques Educativos, N.º 29.
- Espadinha, M. (2009). *Território Educativo de Intervenção Prioritária*. (documento não publicado).
- Estrela, M. T. (2007). A Indisciplina, os professores e a sua formação In S. Caldeira (Coord.). *Des(ordem) na Escola: mitos e realidades*. Coimbra: Quarteto.
- Estrela, M. T.; & Amado, J. (2000) *Indisciplina, Violência e Delinquência na Escola: uma Perspetiva Pedagógica*. Revista Portuguesa de Pedagogia, XXXIV, 1, 2, 3, 249-271.

- Estrela, M.T. (1997). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula*. Porto: Porto Editora.
- Ferreira, J.P.G.A.; Durigon, S.C.T.; Alfein, E.J. e Cobari, L. Intervenção psicopedagógica institucional: relatos de uma experiência. In SZYMANSKI, Maria Lídia Sica; PEREIRA Júnior, Antonio Alexandre (Org.). *Diagnóstico e intervenção psicopedagógica: reflexões sobre relatos e experiências*. Cascavel: Edunioeste, 2006.
- Formosinho, J. (1987). A Educação Informal da Família. In O Insucesso Escolar em Questão. Área de Análise Social e Organizacional da Educação. Braga: Universidade do Minho.
- Gomes, I. (2010), *Acreditar No Futuro*, Lisboa: Texto Editores.
- González, M. (2005). *El absentismo y el abandono: una forma de exclusión escolar*. Revista de Currículum y formación del profesorado, Vol.1, N.º 1, pp.1-12.
- Guerra, Isabel C. (2006), *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo*, Estoril: Princípa Editora.
- Hilgard, Ernest R. (1975). *Teorias da aprendizagem*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Instituto da Segurança Social, I.P (2015). *Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens 2014*. Disponível em: http://www.seg-social.pt/documents/10152/13326/Relatorio_CASA_2014/1d1ba55c-a987-43c9-8282-e84d31620125/1d1ba55c-a987-43c9-8282-e84d31620125
- Ipfling, H. (1974). *Vocabulário Fundamental de Pedagogia*. Lisboa: Lexis.
- Morgado, C. I. (S.D.). *Mediação em Contexto Escolar: Transformar o Conflito em Oportunidade*. [Obtido em 08/04/2014, <http://www.exedrajournal.com/docs/01/43-56.pdf>].
- Navarro, J. (1998). *Programa de Formação de Educadores*. Lisboa: Oceano-Liarte.
- Pereira, B.; Pinto, A.(Coord) (2001). *A Escola e a Criança em Risco-Intervir para Prevenir*. Porto: Edições Asa.
- Plummer, D. (2012). *Como aumentar a autoestima das crianças: Guia prático para educadores, psicólogos e pais*. Porto: Porto Editora.

Prazeres, V. (Coord); (2008), *Maus Tratos em Crianças e Jovens, Intervenção da Saúde*. Lisboa: Direção Geral De Saúde.

Programa Territórios Educativos De Intervenção Prioritária. (S.D.). [Obtido em 05/12/2015: <http://www.dge.mec.pt/Teip>].

Projeto Educativo Marcar A Diferença (2013-2017). (s/d). [Obtido em 05/11/2015: http://www.escolasdestantonio.edu.pt/files/62/20152016/pe_versao_final_2015.pdf].

Quintães, C. (2009). *Era uma vez a Instituição onde eu cresci: Narrativas de adultos sobre experiências de institucionalização*. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade do Minho. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9957>

Reid, K. C. (1981). Alienation and persistent school absenteeism. *Research in Education*.

Reis, V. (2009). *Crianças e Jovens em Risco: Contributos para a organização de critérios de avaliação de factores de risco*. Dissertação de Doutoramento apresentada na Universidade de Coimbra. Disponível em: <https://eg.sib.uc.pt/handle/10316/11781>

Roig, A.; Ochoterena, P. (1993). *Maltrato y Abandono en la Infancia*. Barcelona: Martínez Roca.

Saavedra, L. (2001). Sucesso/Insucesso escolar: a importância do nível socioeconómico e do género. In *Psicologia*, vol. XV (1), pp. 67-92. Disponível em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4415/1/Lista_44444444_20051227_161529.pdf.

Saez, L. (2005). *La Educación social: intervención socioeducativa en la problemática del absentismo escolar*, *Indivisa*, N. °6, pp. 229 - 240.

Sales, C., Quintas, C., Machado, H., & Faísca, L. (2005). *Absentismo escolar em Portugal: Uma avaliação sistémica*. (Relatório não publicado).

Sampaio, D. (1996). *Indisciplina: Um signo geracional?* Instituto de Inovação Educacional.

Seijo, J. (2003). *Mediação de Conflitos em Instituições Educativas - Manual para Formação de Mediadores*. Asa Editores, 2003

Sousa, J. (2002). *Mediação*. Lisboa: Quimera;

Torres Santomé, J. (1995). *O curriculum oculto*. Porto: Porto Editora;

Trilla, J, coord. (2004). *Animação Sociocultural. Teorias, Programas e Âmbitos*. Horizontes Pedagógico.

Unicef (1990). Convenção sobre os Direitos das crianças. Disponível em: https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pt

Ximenes, D. D. (s/d) *Gestrado*. [Obtido em 11/05/2014, Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho: <http://www.gestrado.org/?pg=dicionario-verbetes&id=235>].

ANEXOS:

ANEXO I- Pedido de estudo

A/C Exma. Sra. [REDACTED]

Agrupamento de Escolas [REDACTED]

O meu nome é Ana Rita Monteiro Dias, estou a frequentar o Mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco em Portalegre e venho por este meio solicitar ao Agrupamento Escolas [REDACTED] a realização de um estudo para o meu projecto mestrado com apoio da vossa instituição.

O meu projecto tem como tema. A institucionalização é uma resposta para jovens com problemas de insucesso educativo?

Tem como objetivos:

- Conhecer como os jovens institucionalizados vivenciam a escola;
- Sensibilizar os jovens institucionalizados para o sucesso educativo;

Procuo desenvolver uma pesquisa que tem por objetivo conhecer como é que jovens institucionalizados são incluídos nas escolas. Pretendo jovens do sexo masculino, com idades compreendidas entre 10 e os 19 anos que se encontram institucionalizadas a longo prazo. Como tal, realizar um acompanhamento individual juntamente com uma pesquisa com metodologias qualitativas recorrendo a dois instrumentos: entrevista individual e histórias de vida.

No âmbito da investigação e da metodologia qualitativa que caracteriza este estudo utilizarei as entrevistas e histórias de vida, como procedimento para a recolha de dados a aplicar nos jovens institucionalizados.

Pretendo com a aplicação das entrevistas individual e histórias de vida, perceber qual é a visão dos jovens, como é que eles pensam, quais são as suas expectativas futuras e compreender qual é o seu projecto de vida, sem nunca relevar a identidade de cada um.

Gostaria de realizar o meu estudo com estes jovens dado que promover a educação e a integração dos mesmos na sociedade.

Muito obrigado pela vossa atenção.

Atentamente,
Ana Rita Dias

ANEXO II- Declaração de implementação do projeto

AGROPAMENTO DE ESCOLAS [REDACTED] ANO LETIVO 2015/2016

DECLARAÇÃO

Eu, Maria Manuela Espadinha, diretora do Agrupamento de Escolas [REDACTED] venho por este meio declarar que Ana Rita Monteiro Dias desenvolveu na Escola EB 2,3 com secundário de [REDACTED] o projeto de intervenção, no âmbito do mestrado em Educação e Protecção de Crianças e Jovens em Risco do Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Educação.

O período de desenvolvimento do projeto de intervenção decorreu desde 1 de novembro de 2015 a 29 de abril de 2016, sob a orientação da [REDACTED], assistente social do Gabinete de Intervenção Social e Psicológica (GISP) do Agrupamento de Escolas de [REDACTED]

[REDACTED] 5 de maio de 2016

A Diretora do Agrupamento

ANEXO III- Ficha “Caracterização do aluno”

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

1. IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO:

Nome: _____ Nº _____

Data de Nascimento : ____/____/____ Idade: _____

Morada: _____

Localidade: _____ Telefone(s): _____

2. IDENTIFICAÇÃO DOS PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

2.1 Nome do Pai: _____

2.2 Nome da Mãe: _____

2.3 Idades: Pai : _____ Mãe : _____

2.4 Profissão:

Pai :

Trabalhador remunerado Desempregado

Domestico Pensionista Reformado

Outra Qual _____

Mãe :

Trabalhador remunerado Desempregado

Domestico Pensionista Reformado

Outra Qual _____

2.5 Habilitações Literárias:

| | 1ºCiclo | 2ºCiclo | 3ºCiclo | 12ºano | Curso médio | Curso Superior |
|-----|---------|---------|---------|--------|-------------|----------------|
| PAI | | | | | | |
| MÃE | | | | | | |

2.6 Encarregado de Educação:

PAI

MÃE

OUTRO

2.6.1- Nome: _____

2.6.2 - Morada: _____

2.6.3- Telefone(s) : _____

2.6.4- Idade : _____

2.6.5- Grau de Parentesco: _____

2.6.6- Profissão : _____

2.7 O teu Encarregado de Educação vem à escola falar com o Director de Turma?

Sim

Não

Às vezes

3. AGREGADO FAMILIAR

Pai

Irmãos Quantos? Idades? _____

Mãe

Outros: Quem? _____

Avós

4. VIDA ESCOLAR

4.1 Como vens para a escola?

- A pé;
- De transportes públicos;
- De carro;
- Outro(s): Qual? _____

4.2 Quanto tempo demoras no percurso casa-escola?

- Menos de 10 minutos;
- Entre 10 e 30 minutos
- Mais de 30 minutos

4.3 Antecedentes escolares

| Ciclo | Ano | Escola | Retenções | | | |
|----------|-----|--------|-----------|---------|---------|--------------|
| | | | 1 vez | 2 vezes | 3 vezes | 4 ou + vezes |
| 1º Ciclo | 1º | | | | | |
| | 2º | | | | | |
| | 3º | | | | | |
| | 4º | | | | | |
| 2º Ciclo | 5º | | | | | |
| | 6º | | | | | |
| 3º Ciclo | 7º | | | | | |
| | 8º | | | | | |
| | 9º | | | | | |

4.4 Disciplinas preferidas:

- 1ª _____
- 2ª _____
- 3ª _____

4.5 Disciplinas em que sentes mais dificuldades:

1ª _____

2ª _____

3ª _____

4.6 Áreas preferidas:

1ª _____

2ª _____

3ª _____

Porquê?

4.7 Áreas que gostas menos:

1ª _____

2ª _____

3ª _____

Porquê?

4.8 As dificuldades que sentes devem-se a:

- Não estares com atenção nas aulas;
- Não trazes o material necessário;
- Teres o material desorganizado;
- Não compreendes a explicação do professor;
- Não estudares o suficiente;
- À forma como decorrem as aulas;
- Compreender textos escritos;
- Memorizar matérias;
-

- Resumir;
 - Exprimir por escrito as ideias e opiniões;
 - Exprimir oralmente as ideias e opiniões;
 - Retirar as principais ideias dos textos;
 - Efetuar cálculos;
 - Outros:
- Quais?
- _____
- _____

4.9 Para combater as dificuldades precisas de:

- Mais tempo para executar as tarefas;
 - Mais tempo para compreender as matérias;
 - Esquemas;
 - Apontamentos;
 - Exemplo;
 - Exercícios práticos;
 - Outros:
- Quais?
- _____
- _____

4.1 Participas nas aulas:

| | Sim | Não |
|--|-----|-----|
| • Com gosto? | | |
| • Levantas o braço quando queres participar? | | |
| • Apenas quando o professor te chama? | | |
| • Tens os cadernos em dias? | | |
| • Quando não compreendes o que os professor explica, expões as tuas dúvidas? | | |
| • Registas tudo o que é escrito no quadro? | | |

5. ESCOLA

5.1 Indica três razões pelas quais achas importante frequentar a escola?

- Aprendes coisas novas;
- Queres ter uma profissão;
- Gostas de conviver com os colegas;
- És obrigado;
- Não tens outro lugar para estar;
- Outras:

Quais?

5.2 O que gostas mais na tua Escola?

5.3 O que gostas menos na tua Escola?

5.4 O que gostas mais na tua Turma?

5.5 O que gostas menos na tua Turma?

6. METODOS DE ESTUDO

6.1 Qual é o teu local habitual de estudos?

- Quarto;
 - Sala de estar;
 - Cozinha;
 - Outro(s):
- Qual?
-
-

6.2 Com quem estudas?

- Os teus pais;
 - Os teus professores;
 - Explicadores;
 - Os teus colegas;
 - Outro(s):
- Qual?
-
-

6.3 Quanto tempo estudas?

- Todos os dias;
- Alguns dias;
- Só aos fins-de-semana;
- Só na véspera dos testes;
- Não estudas;

6.4 Qual é o teu ambiente de estudo?

- Em silêncio absoluto;
- Como música ligado;

• Com televisão ligada;

• Outro(s):

Qual?

6.5 Gostas de estudar em?

Grupo Individual

6.6 Tens computador em casa?

Sim Não

6.7 Tens internet em casa?

Sim Não

6.8 Como costumavas estudar?

• Estudo pelo livro;

• Estudas pelo caderno;

• Estudo pelo computador;

• Estudo pela Internet

• Sublinho textos;

• Faço resumos;

• Leio silenciosamente;

• Leio em voz alta;

• Outra(s):

Qual?

6.9 Quando tens duvidas ou alguma dificuldade pedes ajuda?

- Os teus pais;
 - Os teus professores;
 - Explicadores;
 - Os teus colegas;
 - Outro(s):
- Qual? _____
- _____

6.10 Aprendes melhor quando?

- Trabalhas individualmente;
 - Trabalhas em pares;
 - Trabalhas em grupo;
 - Trabalhar em projecto;
 - Fazer pequenas pesquisas;
 - Participar ativamente nas aulas;
 - O professor explica a matéria;
 - Outro(s):
- Qual? _____
- _____

7. OCUPAÇÃO DOS TEMPOS LIVRES

7.1 Como ocupas os teus tempos livres fora da escola?

- Ler;
- Jogar no computador;
- Ver televisão;
- Ouvir música;
- Estar nas redes sociais

- Sair com amigos;
 - Cozinhar;
 - Andar de bicicleta
 - Praticar desporto;
- Qual ou quais? Onde?

- Outro(s):
- Qual?

7.2 Como gostarias de ocupar os teus tempos livres na escola?

- Desporto escolar;
- Qual ou quais?

- Atelier(s):
- Qual ou quais?

- Sala dos GISP;
- Biblioteca;

Outros:

7.3 Como gostarias de ocupar o tempo quando falta um professor?

- Sala dos GISP;
- Biblioteca;

- Aulas de substituição com atividades da disciplina;
- Aulas de substituição com atividades lúdicas;
- Outra(s)

7.4 Qual o teu desporto preferido?

7.5 Qual o teu livro preferido?

7.6 Qual o teu programa de televisão preferido?

7.7 Qual o teu cantor ou cantora ou grupo musical preferido?

8. SAUDE

8.1 Que refeições fazes normalmente ao longo do dia? Onde?

| | Sim | Em casa | Na escola | Outro local (qual?) |
|----------------|-----|---------|-----------|---------------------|
| Pequeno-almoço | | | | |
| Almoço | | | | |
| Lanche | | | | |
| Jantar | | | | |

8.2 Problemas de saúde:

- Visuais; Quais? _____
- Auditivos; Quais? _____
- Motores; Quais? _____
- Outro(s): _____
Qual? _____

8.3 Doenças:

Sim Não

Se sim qual?

9. EXPECTATIVAS FUTURAS

9.1 Até quando pensas estudar?

- 9ºano
- 12ºano
- Curso Superior Qual? _____

9.2 Que profissão gostarias de vir a ter? _____

Sugestões:

ANEXO V- Ficha “Registo dos Sentimentos”

REGISTO DOS SENTIMENTOS

Nome: _____

| Esta Semana | Senti-me | Porque.... |
|-------------|----------|------------|
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |
| | | |

ANEXO VI- Ficha “Mais alguma preocupação?”

150

fotocopiável

PÉROLAS
Tomar conta de mim mesmo


5

11. Mais alguma preocupação?

Imagina que podias colocar as tuas preocupações numa caixa das preocupações.

O que achas que lhes deveria acontecer? Para onde iriam? Será que alguém iria olhar para elas? Se sim, quem? O que fariam com elas?

Desenha ou escreve sobre o que acontece.



CAIXA DAS
PREOCUPAÇÕES

133

Prós Editora
Como aumentar a autoestima das crianças

Imagina só!

241


ANEXO VII- Ficha “Mudar”

RUBIS
Quem sou eu? | **2**

9. Mudar

Imagina que um mágico te poderia ajudar a mudar alguma coisa em ti. O que gostarias de mudar?

Uma coisa que gostaria de mudar é:




Fecha os olhos e imagina que a mudança que desejaste já se concretizou. De que forma estás diferente? O que está a acontecer agora? Como te sentes? O que irá acontecer de seguida? Desenha ou escreve algo sobre a mudança.

| 81

Porto Editora
Como aumentar a autonomia das crianças
CNEB-CAAC_P06

ANEXO VIII- Ficha “Loja da mudança”

2 | RUBIS
Quem sou eu? 

10. A loja da mudança


Imagina uma loja onde pudesses comprar, vender e trocar características tuas.

Imagina como seria a loja. Imagina o lojista. O que venderias? O que gostarias mais de comprar?

Desenha ou escreve sobre a loja aqui.

PROCURA-SE EMPREGADO
DE LOJA
PRECISA DE TER UMA
LARA SORRIDENTE
😊

82 |

 Rubis
Editora
Como desenvolver a autoestima das crianças

ANEXO IX-” Ficha “Exercício de Pensamento Positivo”

EXERCÍCIO DE PENSAMENTOS POSITIVOS

Por vezes, os nossos pensamentos negativos fazem-nos sentir ansiosos. Quando pensamos que não seremos bem-sucedidos ou não seremos capazes de lidar com a situação, podemos ficar ansiosos. Alterar o modo como pensamos sobre as situações pode-nos ajudar a **aprender a lidar com a ansiedade**. Abaixo encontrar algumas situações que podem causar sentimentos de ansiedade. Para cada exemplo, indica uma forma positiva e uma negativa de pensar sobre a situação. Podes ainda acrescentar à lista algumas situações que aches importante!

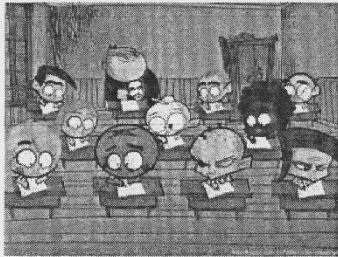
| Situação | Pensamento Positivo | Pensamento Negativo |
|---|---|---|
| Fazer um teste | <i>“Vou fazer o melhor que conseguir e vou ficar feliz com isso. Vai correr tudo bem”</i> | <i>“Vou falhar...Vai ser muito difícil”</i> |
| Ir para a escola | | |
| Ter de fazer uma pergunta ao professor | | |
| Receber as notas dos testes | | |
| Ir as aulas | | |
| Ir a casa | | |
| Comportamento na sala | | |
| Receber as avaliações no final no período | | |
| | | |
| | | |

ANEXO X- Ficha “Perguntas para completares

PERGUNTAS PARA COMPLETARES

| Perguntas | Completa |
|---|-----------------|
| A escola para mim é ...Porquê? | |
| A tua integração na turma é ...Porquê? | |
| Os professores da escola são... | |
| Os colegas da escola são... | |
| O que poderia ser melhorado na escola... | |
| O que é um bom professor... | |
| O teu comportamento dentro da sala de aula é... | |
| No recreio... | |
| O teu relacionamento com os professores é | |

ANEXO XI- Ficha “Quadro de registo auto-avaliação”



Aluno _____
_____, da turma ____ do ____º ano.
Data ____/____/____
O Técnico _____

QUADRO DE REGISTO DE AUTO-AVALIAÇÕES

| | | |
|------------------------------------|--|--|
| 1. COISAS QUE SEI FAZER BEM | 4. EM QUE SITUAÇÕES É QUE ISSO ME ACONTECE? | 5. FORMAS PARA RESOLVÊ-LO |
| 2. COISAS QUE SEI FAZER MAL | 3. O QUE ME ACONTECE DEPOIS? | 6. O QUE NECESSITO PARA CONSEGUIR FAZÊ-LO |

Arrows indicate a flow from 1 to 2, 2 to 3, 3 to 4, 4 to 5, and 5 to 6.

Quadro 18

ANEXO XII- Guião

Período Pré-institucionalização:

1. Com quem vivias? Qual era a ocupação dos membros do agregado?
2. Como era a tua relação com os teus familiares?
3. Que recordações tens desse período da sua vida?
4. O que aconteceu antes de ires para a instituição?
5. Como era a zona onde vivias? Com quem costumava estar? O que costumavam fazer?
6. Já tinhas vivido em mais algum (s) sitio (s)? Onde? Com quem?
7. Quais eram as tuas ocupações (escola, tempos livres)?
8. Como te descreverias antes de entrar para a instituição?

Período de Institucionalização:

9. Quando entraste para a instituição? Até quando achas que vais ficar?
10. Achas que houve mudanças na tua maneira de ser e de encarar a vida? O que é que provocou essas mudanças?
11. Como te descreves depois de entrares para a instituição?
12. Tens algum projeto (s) para o futuro? Qual (s)? Porquê?
13. Tens algum sonho (s)? Qual?
14. De uma forma geral, como é que te sentes em relação à tua vida e contigo próprio?
15. Que avaliação fazes das escolhas e decisões que tens tomando e ao percurso que fizeste até hoje? Porquê?

Primeiro momento de Acolhimento:

16. Lembra-te do 1º momento em que chegas-te à instituição? O que sentiste? O que recordas desse momento?
17. Como está a ser o acolhimento? Sentes alguma dificuldade?
18. Como é que explicas a forma como conseguiste enfrentar e ultrapassar os momentos mais difíceis nestas diversas etapas?

Motivos de Institucionalização:

19. Sabes porque foste para a instituição? Explicaram-te o motivo?

Espaço Físico:

20. Quantas pessoas vivem na instituição? E por quarto? Estavam divididos por grupos?

Horários e Rotinas:

21. Consegue descrever a tua semana? E o fim-de-semana? Tens horários? Quais são as rotinas?

Atividade Lúdicas/ Extracurriculares:

22. Participas em atividades? Funcionam dentro e/ou fora da instituição?
23. Qual é a tua brincadeira/atividade preferida?

Relacionamento entre pares:

24. Como é a relação entre as crianças/jovens na instituição?
25. Tens algum melhor amigo?

Funcionários:

26. Como é a tua relação com os funcionários?
27. Há algum que tu não gostes? Porquê?
28. Tens algum favorito? Porquê?

Técnicos:

29. Existem técnicos na instituição? O que fazem?
30. Há algum que tu não gostes? Porquê?
31. Tens algum favorito? Porquê?
32. Como é a tua relação com os técnicos?

Direção:

33. Quem é responsável pela instituição? Como é? Consegues descrever a pessoa?
34. Como é a tua relação com a direcção?

Regras:

35. Há regras na instituição? Quais são? O que achas em relação a essas regras?
36. Acrescentarias/retirarias alguma regra?
37. O que acontece quando não respeitas as regras?
38. Alguma vez te castigaram ou aos outros jovens? Quem? De que forma? Com que frequência?

Relações com a família de origem:

39. Visitas a Família? Quando? Onde?
40. E a Família, visita-te?
41. Podes telefonar ou mandar SMS?

42. Tem irmãos? Onde vivem? Estão numa instituição? Tens contactos com eles?

43. O que fazes quando vais a casa?

Final

44. Como te sentiste ao realizar este acompanhamento?

45. Queres falar de algum assunto que tivesse ficado por abordar?

46. Posso contactar-te posteriormente, caso seja necessário esclarecer algum ponto?

ANEXO XIII- Histórias de vida

Período Pré-institucionalização:

1. Com quem vivias? Qual era a ocupação dos membros do agregado?

António- Vivia com a minha irmã mais nova e o meu pai que era pedreiro.

Lucas- Vivia com a minha avó reformada.

Miguel- Vivia com a minha mãe e um dos meus irmãos. A minha mãe estava desempregada e o meu irmão trabalhava.

2. Como era a tua relação com os teus familiares?

António- A minha relação não era nada boa.

Lucas- A minha relação até aos 12 anos era boa, mas depois começou a ficar má.

Miguel- A minha relação era boa.

3. Que recordações tens desse período da tua vida?

António- Não ia à escola, só fui no primeiro período no segundo e no terceiro mal pus lá os pés.

Lucas- Tenho boas recordações, pois fazia o que queria e não tinha horários nem tinha de entregar os meus bens.

Miguel- Que ia brincar com os meus amigos, mas com horários.

4. O que aconteceu antes de ires para a instituição?

António- Não ia à escola e mal ponha lá os pés.

Lucas- Como as coisas cá não estavam bem foi viver com a minha tia. Mas as coisas lá também não correram bem. Por isso voltei para Portugal para ter uma consulta e o médico disse que me ia por um aparelho para o coração para ouvir os batimentos cardíacos. Não voltei para lá porque a minha avó não quis. Fiquei mais um mês com a minha avó e como as coisas estavam más foi institucionalizado.

Miguel- Tinha muitas faltas disciplinares e faltava às aulas.

5. Como era a zona onde vivias? Com quem costumava estar? O que costumavam fazer?

António- A zona onde vivia era pacífica. Costumava estar com os meus amigos e jogávamos a bola, ia para casa deles e jogava playstation.

Lucas- Era mais ou menos. Costumava estar com os meus amigos da rua ou na casa de um amigo. Costumávamos brincar, jogar a bola e as escondidas.

Miguel- Era normal. Costumava estar com 2 amigos que estão na mesma instituição que eu. Íamos a vários sítios fazer asneiras.

6. Já tinhas vivido em mais algum (s) sitio (s)? Onde? Com quem?

António- Já tinha vivido 6 meses no verão no Algarve com os meus tios e a minha irmã mais nova.

Lucas- Tinha vivido com a minha mãe perto da zona onde vivia com a minha avó e vivi num CAT quando era pequeno, mas não me lembro onde era.

Miguel- Já tinha mudado de casa na mesma zona 3 vezes. Na primeira vez vivia com os meus pais e o meu irmão. Na segunda com a minha mãe, o meu irmão e o meu tio. Na terceira só com a minha mãe e o meu irmão.

7. Quais eram as tuas ocupações (escola, tempos livres)?

António- Ia a escola e praticava futebol.

Lucas- Ia a escola, nas atividades extracurriculares praticava luta livre e nos tempos livres estudava.

Miguel- Tinha treino de futsal e ia a escola quando me apetecia.

8. Como te descreverias antes de entrar para a instituição?

António- Era uma pessoa mais feliz porque fazia o que queria

Lucas- Era um pouco mais alegre e ingénuo.

Miguel- Antes de ir para a instituição era mais alegre e irresponsável.

Período de Institucionalização:

9. Quando entraste para a instituição? Até quando achas que vais ficar?

António- Entrei para a instituição a 18 de julho de 2014. O combinado foi ficar ate aos 21 anos.

Lucas- Entrei a 6 meses. Vou ficar ate ter casa para morar.

Miguel- Entrei a 12 de maio de 2014. Acho que vou ficar ate acabar o curso.

10. Achas que houve mudanças na tua maneira de ser e de encarar a vida? O que é que provocou essas mudanças?

António- Houve mudanças sim, o que provocou foi ter ido para o colégio.

Lucas- Sem, houve mudanças. Estar na instituição.

Miguel- Não.

11. Como te descreves depois de entrares para a instituição?

António- Sou uma pessoa mais calmo.

Lucas- Sou mais responsável.

Miguel- Agora sou mais alegre e um pouco mais responsável.

12. Tens algum projeto (s) para o futuro? Qual (s)? Porquê?

António- Não tenho.

Lucas- Sim, gostava de acabar os estudos e ter filhos para ter um futuro melhor.

Miguel- Sim, acabar os estudos com o 12º feito porque, posso ter um futuro melhor.

13. Tens algum sonho (s)? Qual?

António- Não, mas já tive um de ser futebolista.

Lucas- Sim. queria ser rico.

Miguel- Sim, ser jogador de futsal.

14. De uma forma geral, como é que te sentes em relação à tua vida e contigo próprio?

António- Bem, porque já não faço traquinices.

Lucas- Umhas vezes bem, outras vezes mal, depende dos dias.

Miguel- Sinto-me bem.

15. Que avaliação fazes das escolhas e decisões que tens tomando e ao percurso que fizeste até hoje? Porquê?

António- Foram boas enquanto durou, porque eu era livre de fazer o que queria.

Lucas- Não lá muito bom, porque se fosse boa não estaria na instituição.

Miguel- Não foram as mais corretas e por isso foi viver para a instituição.

Primeiro momento de Acolhimento:

16. Lembra-te do 1º momento em que chegaste à instituição? O que sentiste? O que recordas desse momento?

António- Sim, estavam 2 rapazes e 3 monitores. Esta triste quando cheguei, mas depois fomos jogar playsation e senti-me melhor.

Lucas- Sim, estava nervoso. O que mãos recorde desse momento foi conhecer as pessoas que estavam na sala.

Miguel- Sim, senti-me mal, pensei que nunca mais ia sair de lá. Recordo que quando foi para a cama pela primeira vez, pensei que não ia mais ver a minha família.

17. Como está a ser o acolhimento? Sentes alguma dificuldade?

António- Um pouco difícil porque não gosto de lá estra por isso por vezes sinto algumas dificuldades.

Lucas- Difícil. Sinto algumas dificuldades com as pessoas de lá porque são injustas com os castigos e tenho dificuldades em seguir as regras.

Miguel- Esta a correr tudo bem, sem nenhuma dificuldade.

18. Como é que explicas a forma como conseguiste enfrentar e ultrapassar os momentos mais difíceis nestas diversas etapas?

António- Convivendo com colegas.

Lucas- Com a ajuda da minha família.

Miguel- Indo a casa.

Motivos de Institucionalização:

19. Sabes porque foste para a instituição? Explicaram-te o motivo?

António- Sim, faltava as aulas. Não me lembro se explicaram o motivo de ter ido para a instituição, mas acho que foi por faltar a escola.

Lucas- Sim, foi a minha avó que me institucionalizou.

Miguel- Sim e explicaram-me o motivo, foi porque faltava muito as aulas e tinha muitas participações.

Espaço Físico:

20. Quantas pessoas vivem na instituição? E por quarto? Estavam divididos por grupos?

António- Sim. Tem capacidade para 40. 4 por cada quarto se não 3 por cada quarto. Os mais velhos estão no andar de baixo e os mais novos no andar de cima. Eu estou num quarto de 4 e no andar de baixo. Nesse andar existi 2salas a dos intermédios e a dos mais velhos.

Lucas- Tem capacidade para mais de 39. A maioria dos quartos são de 4 pessoas. Existe um quarto de 5 e outro de 3. Eu estou num quarto de 4, mas só estamos á 2 por enquanto e estou no andar de cima.

Miguel- São para aí 35. Temos quartos de 3, 4 ou 5. O meu quarto tem capacidade para 4 mais só somos 3 e estou no andar de baixo.

Horários e Rotinas:

21. Consegue descrever a tua semana? E o fim-de-semana? Tens horários? Quais são as rotinas?

António- Acordo e vou para a escola. Mal acaba a escola tenho de voltar. Quando chego lancho ou vou arrumar as coisas. Depois vou para a sala de estudo, tomo banho e depois vou par o pc. Jantamos as 19:15h e depois de jantar vou para a sala para o pc. Deitamo-nos as 22h. Aos fins de semana, podemos nos levantar ate ao meio dia. Almoçamos as 12:30h. Depois fazemos o que queremos (depende da boa disposição dos monitores). Normalmente jogo a bola e vou ter com a minha namorada. Jantamos a mesma hora da semana e deitamos as 00h. Aos fins de semana podemos ficar com os telemóveis. As rotinas são trocar a roupa da cama

a sexta e por a lavar, fazer a troca da roupa de banho, preparara as coisas para a escola e as vezes por a mesa.

Lucas- Acordamos as 7h e tomamos de estrada fora do colégio as 8h (quando entramos as 8:30h). Quando chegamos ao colégio lanchamos e vamos para a sala de estudo mostra o CAE. Se tivermos trabalho vamos tomar banho e voltamos para a sala de estudo. Se não tivermos trabalhos deixamos as coisas prontas para o dia seguinte (fazer a mala) e depois descemos para o quarto e tomamos banho. Depois jantamos no piso de cima as 18:45h. Depois de jantarmos ficamos um pouco na sala de estar a fazer o que queremos. Deitamos as 21:30h, mas vamos as 21h. Aos fins de semana acordamos tarde a maioria das vezes. Tomamos o pequeno almoço e por vezes o banho de manhã. Depois fazemos o que queremos. Almoçamos as 13h e a tarde se os monitores deixarem saímos as vezes. As rotinas são trocar a roupa da cama a sexta e por a lavar, fazer a troca da roupa de banho, por roupa a lavar, preparara as coisas para a escola, por a mesa (rotativo) e limpar a sala quando vamos dormir. Para além disso eu muitas das vezes fico a limpar o quarto aos fins-de-semana.

Miguel- Tenho de me levantar as 7:10h, vestir, fazer a higiene, tomar o pequeno-almoço e ir para a escola (quando entro mais tarde ou fico a ver tv ou a jogar playstation). Quando volto para o colégio vou lanchar, abrir a cama, ir para a sala de estudo por as atividades em dia. Depois vou jantar as 19h, tomar banho e ver televisão ou estar no telemóvel e por fim deitar-me as 21:15h. Aos fins de semana, podemos nos levantar mais tarde. Almoçamos as 13h. Depois fazemos o que queremos e podemos ir ao parque da cidade. Lanchamos 16:30h e jantamos as 19:30h. Dormirmos sempre a mesma hora. Quando vamos a casa não temos horário de chegada. As rotinas são fazer a cama e trocar a roupa da cama a sexta e por a lavar, fazer a troca da roupa de banho, por roupa a lavar, preparara as coisas para a escola, ajudar na cozinha limpar as mesas, levantar os pratos, por as mesas e levar o lixo.

Atividade Lúdicas/ Extracurriculares:

22. Participas em atividades? Funcionam dentro e/ou fora da instituição?

António- Sim, artes marciais mistas (MMA) e funcionam fora.

Lucas- Sim, tenho Xadrez as segundas e estagio na C&A as quartas e são fora da instituição.

Miguel- Sim, Tenho MMA e Futsal funcionam nos dois sítios.

23. Qual é a tua brincadeira/atividade preferida?

António- Futebol, mas no colégio é jogar no pc.

Lucas- Era natação se pudesse voltar, mas por causa da minha doença não posso.

Miguel- Futsal e MMA.

Relacionamento entre pares:

24. Como é a relação entre as crianças/jovens na instituição?

António- É boa dou-me bem com toda a gente.

Lucas- Mais ou menos, não me dou mal com alguns.

A- Boa.

25. Tens algum melhor amigo?

António- Sim.

Lucas- Sim, ele aconselha-me muito.

Miguel- Não.

Funcionários:

26. Como é a tua relação com os funcionários?

António- Boa.

Lucas- Depende dos funcionários.

Miguel- Boa.

27. Há algum que tu não gostes? Porquê?

António- Sim, porque me fala mal e tem atitudes.

Lucas- Sim, porque só estão bem a ver os outros, mal e vão fazer queixinhas aos doutores.

Miguel- Não.

28. Tens algum favorito? Porquê?

António- Não.

Lucas- Sim, 5 porque me tratam bem quando me ralham tratamos do assunto entre nos. São minhas amigas.

Miguel- Não.

Técnicos:

29. Existem técnicos na instituição? O que fazem?

António- Sim, um doutor para as atividades, outro é psicólogo que orienta-nos e 3 doutoras duas tramam dos documentos e a outra é responsável pela instituição.

Lucas- Sim, não sei o que fazem.

Miguel- Sim, não sei o que fazem.

30. Há algum que tu não gostes? Porquê?

António- Não.

Lucas- Sim, porque teve uma ação para comigo que não gostei.

Miguel- Não.

31. Tens algum favorito? Porquê?

António- Sim, porque tem uma atitude fixe comigo.

Lucas- Sim, 2 porque sabem interagir connosco como deve ser.

Não.

32. Como é a tua relação com os técnicos?

António- É basofe.

Lucas- É boa.

Miguel- Boa.

Direção:

33. Quem é responsável pela instituição? Como é? Consegues descrever a pessoa?

António- Sim, é uma pessoa super fixe, que no trata bem e todos por igual.

Lucas- Sim, boa pessoa esta a implementar boas regras.

Sim, é boa pessoa, fixe porque gosto dela.

34. Como é a tua relação com a direção?

António- Boa.

Lucas- Tem dias.

Miguel- Boa.

Regras:

35. Há regras na instituição? Quais são? O que achas em relação a essas regras?

António- Sim, sei algumas. São absurdas como por exemplo deitar mais cedo e quando estamos de castigo vamos a seguir o jantar.

Lucas- Sim, algumas são exageradas, pois dão nos, muita liberdade numas coisas e noutras não.

Miguel- Sim, no CAE se tiver um vermelho não pode ir a casa. Só me lembro desta. Não sei bem

36. Acrescentarias/retirarias alguma regra?

António- Sim, ao deitar ficar sempre com os telemóveis.

Lucas- Não sei.

Miguel- Não

37. O que acontece quando não respeitas as regras?

António- Fico de castigo. Não ir a cas, deitar mais cedo, fazer tarefas diárias, as regalias são todas retiradas. Só podemos ver televisão e temos trabalho acrescido na sala de estudo.

Lucas- Ficamos de castigo, encarregues de limpar as coisas, ir para a cama mais cedo e não ir a casa.

Miguel- Ficamos de castigo e por vezes não vamos a casa.

38. Alguma vez te castigaram ou aos outros jovens? Quem? De que forma? Com que frequência?

António- Sim, as monitoras. Fiz as tarefas domesticas 2 vezes por mês.

Lucas- Sim, um técnico. Levei uma chapada como repreensão.

Miguel- Sim, os doutores. Limpar o parque, não ir a casa, ajudar as funcionarias na cozinha. Só quando me porto mal.

Relações com a família de origem:

39. Visitas a Família? Quando? Onde?

António- Sim, nas ferias e aos fins de semana, mas não são todos e também agora não tenho ido. Vou para a casa da minha irmã mais velha aos fins de semana e nas ferias para a casa dos meus tios.

Lucas- Sim, aos fins de semana vou para casa da minha avó.

Miguel- Sim, aos fins de semana vou para a minha casa.

40. E a Família, visita-te?

António- Não, só vem me visitar as vezes uma prima durante a semana, mas é raro.

Lucas- Não.

Miguel- Não.

41. Podes telefonar ou mandar SMS?

António- Sim.

Lucas- Sim.

Miguel- Sim.

42. Tem irmãos? Onde vivem? Estão numa instituição? Tens contactos com eles?

António- Sim, a minha irmã mais velha vive com o meu cunhado e o filho. A minha irmã mais nova vive numa instituição. Tenho contacto com elas.

Lucas- Sim, tenho duas irmãs e vivem numa instituição. Tenho contacto com elas mais devia falar mais com elas.

Miguel- Sim, uns vivem na guine e um com a minha mãe em casa. Só falo com alguns.

43. O que fazes quando vais a casa?

António- Aos sábados fico no pc a ver anime e a jogar. Aos domingos vejo tv e saio com a minha irmã cunhado e sobrinho.

Lucas- Vejo televisão, estou no pc e vejo filmes com as minhas irmãs. Vou ver a minha mãe e já não brinco na rua.

Miguel- Fico em casa com a minha mãe.

Final

44. Como te sentiste ao realizar este acompanhamento?

António- Senti igual apesar de que consegui melhorar alguns problemas

Lucas- Senti-me bem porque fizeste com que me apercebesse de certos problemas.

Miguel- Bem, porque consegui melhora os meus problemas

45. Queres falar de algum assunto que tivesse ficado por abordar?

António- Não.

Lucas- Não.

Miguel- Não.

46. Posso contactar-te posteriormente, caso seja necessário esclarecer algum ponto?

António- Sim.

Lucas- Sim.

Miguel- Sim.

ANEXO XIV- Ficha “Coisas que estou a tentar melhorar”

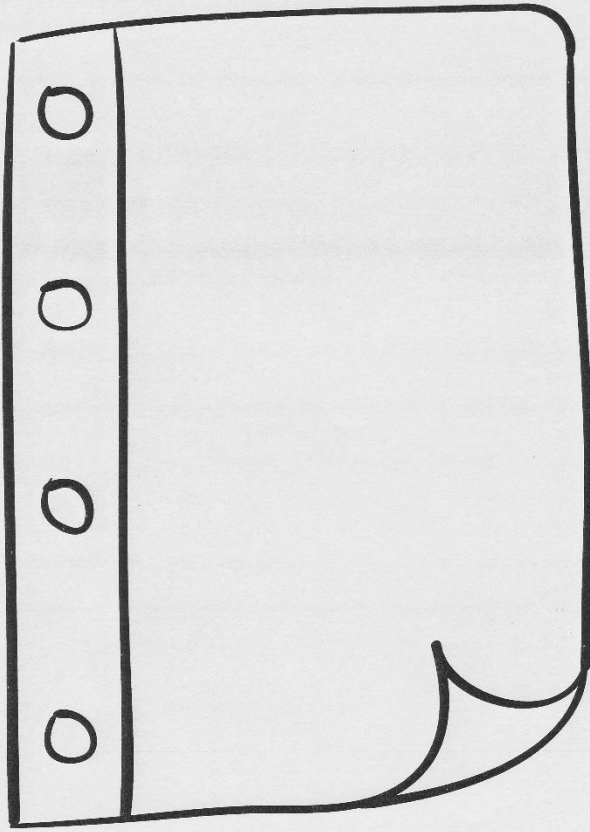
OURO | Sentir-me bem como sou | **4**

3. Coisas que estou a tentar melhorar

Ao longo da nossa vida, vamos aprendendo coisas novas e, muitas vezes, fazemos melhor algumas coisas que já conseguíamos fazer ou que já sabíamos. Vamos imaginar que no dia de dar prémios na escola de mágicos também são dados prémios pelas coisas que estás a tentar melhorar.

Estas são coisas que sabes serem um pouco difíceis para ti neste momento; por isso, estás a tentar aprender um pouco mais sobre elas ou praticá-las regularmente, de forma a torná-las mais fáceis para ti.

Pensa em cinco coisas que estejas a tentar melhorar e escreve-as aqui.



| 113

Porto Editora *Como aumentar a autoestima das crianças*

CNEB-CAAC_F08

ANEXO XVI- Ficha “Tempo de falar”

SAFIRAS
Mais do que uma simples conversa

13. Tempo de falar

Existem momentos em que sentes que tens dificuldade de dizer o que queres dizer? Vamos pensar em alguns momentos em que é fácil falarmos uns com os outros e noutros momentos em que isso não é tão fácil.

É fácil falar quando


É mais difícil quando

11

Porto Editora Como aumentar a autoestima das crianças

ANEXO XVII- Ficha “Confiança”

4 | **OURO**
Senti-me bem como sou



6. Confiança

C O N F I A N Ç A

O que significa a palavra “confiança”?

Algumas pessoas podem parecer muito confiantes. A maioria de nós sente-se confiante em algumas coisas que faz e em alguns lugares. Noutras coisas, temos de construir a nossa confiança.

116 | Pensa numa coisa que gostasses de ser capaz de fazer com mais confiança.
Gostava de me sentir mais confiante quando

Porto Editora
Como aumentar a aderência das crianças

ANEXO XVIII- Ficha “Problemas”

1. Problemas

Pensa nos teus problemas e escreve-os nesta página, como forma de demonstrar se são pequenos e médios e os problemas verdadeiramente grandes.

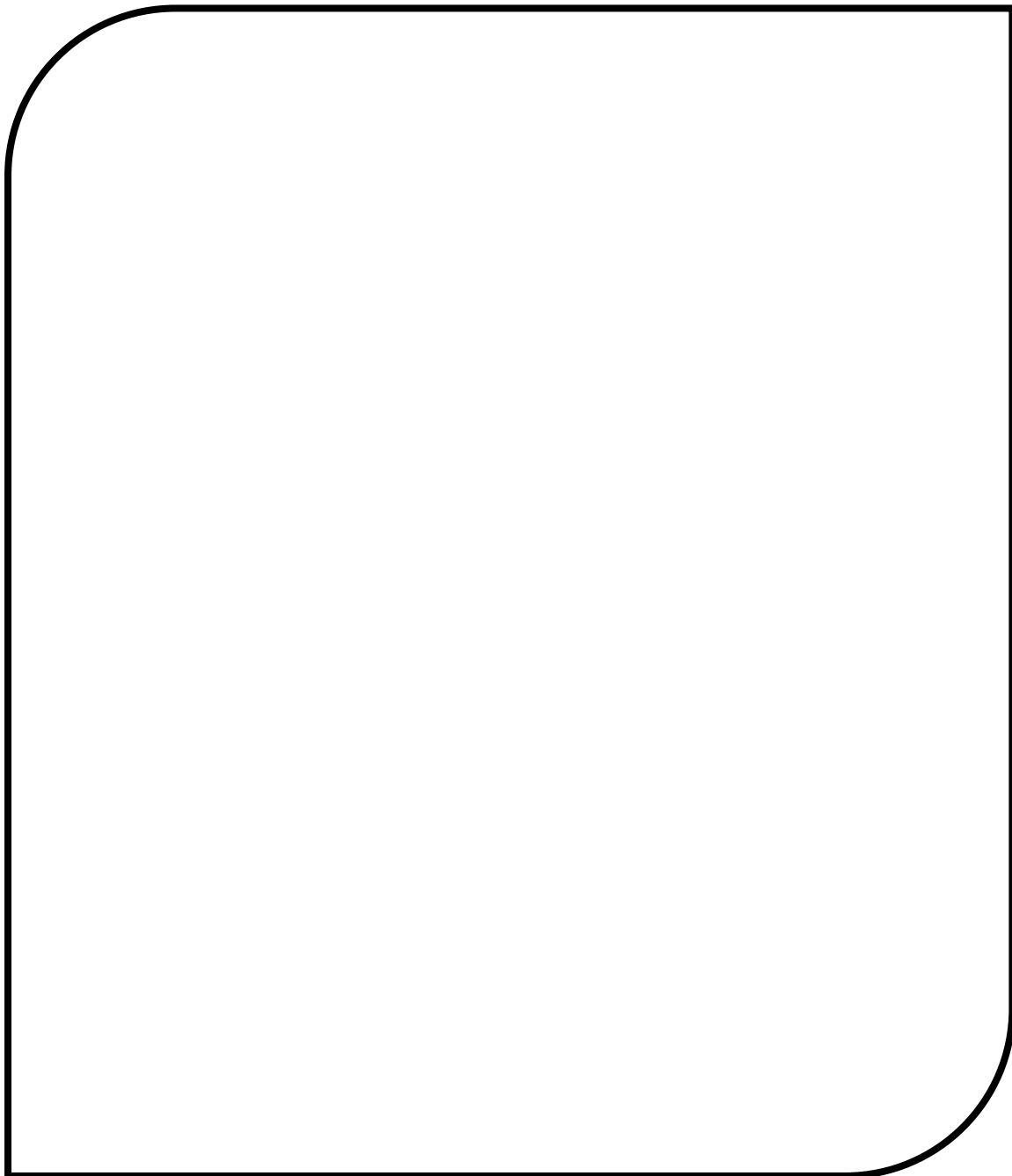
A large, empty rectangular box with rounded corners, intended for writing about problems. The box is defined by a thick black border and occupies most of the lower half of the page.

ANEXO XIX- Ficha “Falar de problemas”

2. Falar de problemas:

Às vezes, somos confrontados com problemas que simplesmente não conseguimos resolver. É como os problemas não tivessem solução. Pensa naquilo que precisas de fazer se fores confrontado com os problemas e se tens alguém que te possa ajudar a resolvê-los.

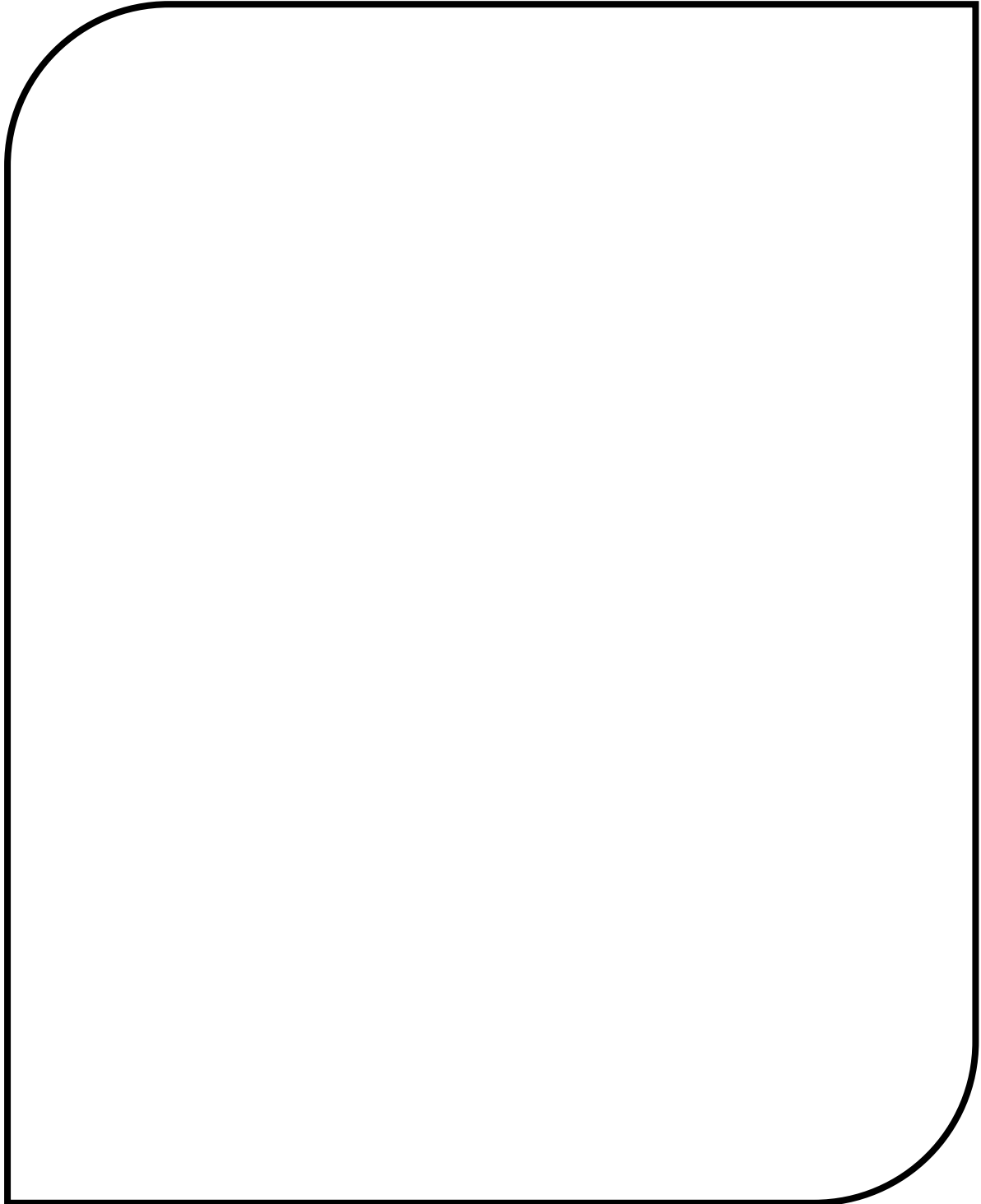
Quando estiveres preparado, desenha ou escreve sobre isso.



ANEXO XX- Ficha “Algo muda”

3. Algo muda

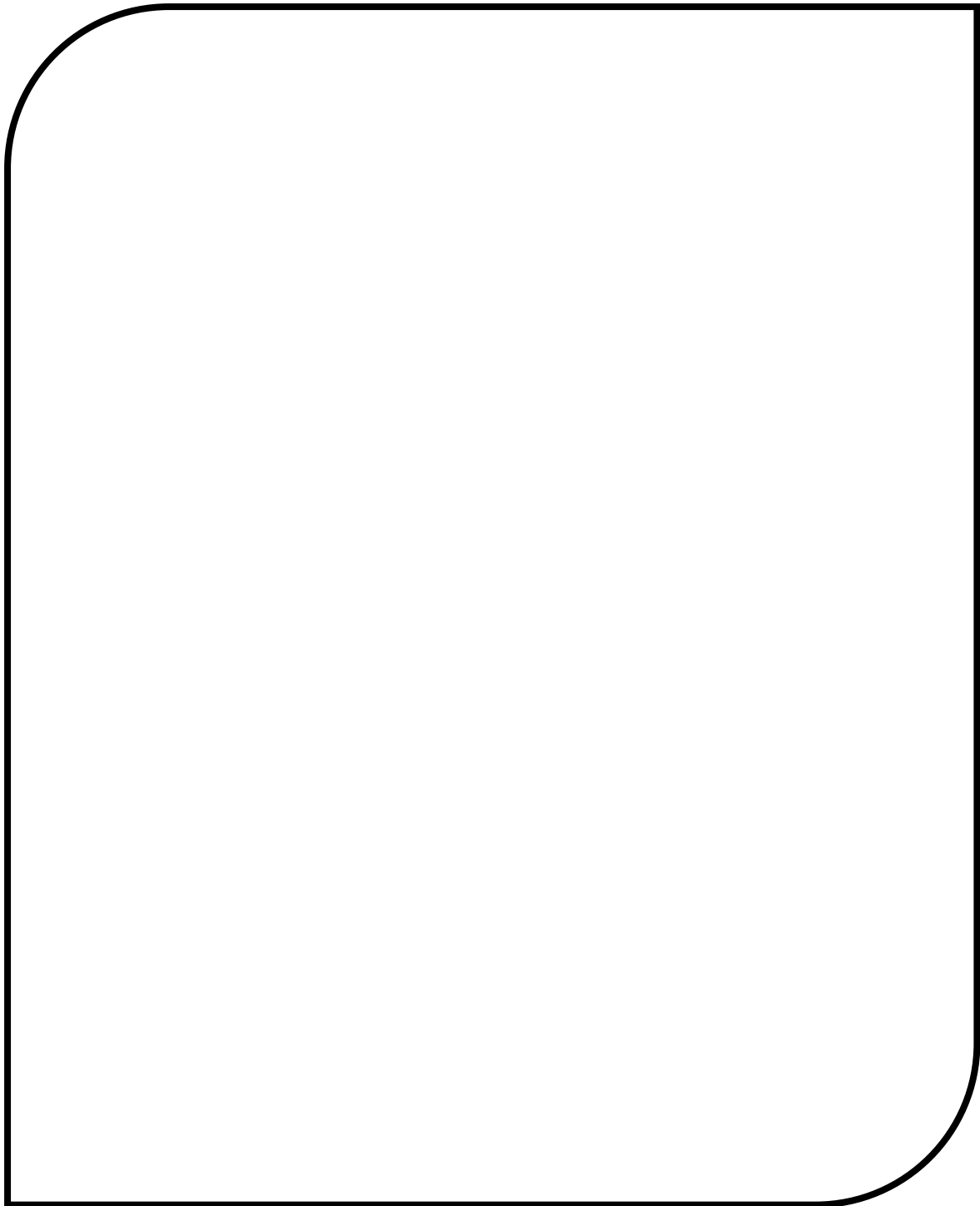
Enche esta página com um desenho ou palavras, que de alguma forma, represente uma solução ou resposta para os teus problemas.



ANEXO XXI- Ficha “Menos um problema”

4. Menos um problema

Pensa em algumas situações em que tenhas resolvido problemas sozinho. Desenha ou escreve sobre isso aqui.

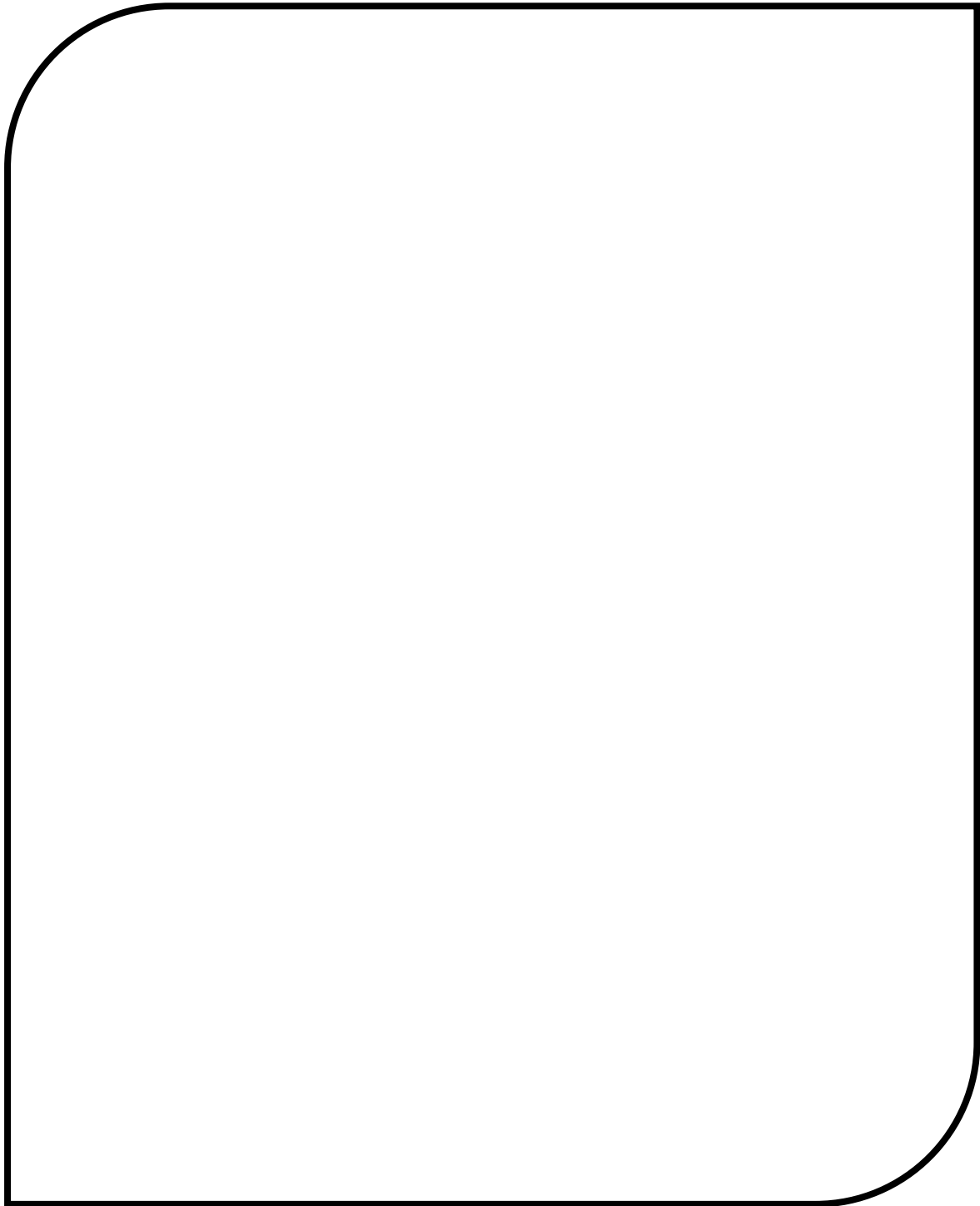
A large, empty rectangular box with rounded corners, intended for drawing or writing. The box is defined by a thick black border and occupies most of the lower half of the page.

ANEXO XXII- Ficha “Novo caminho”

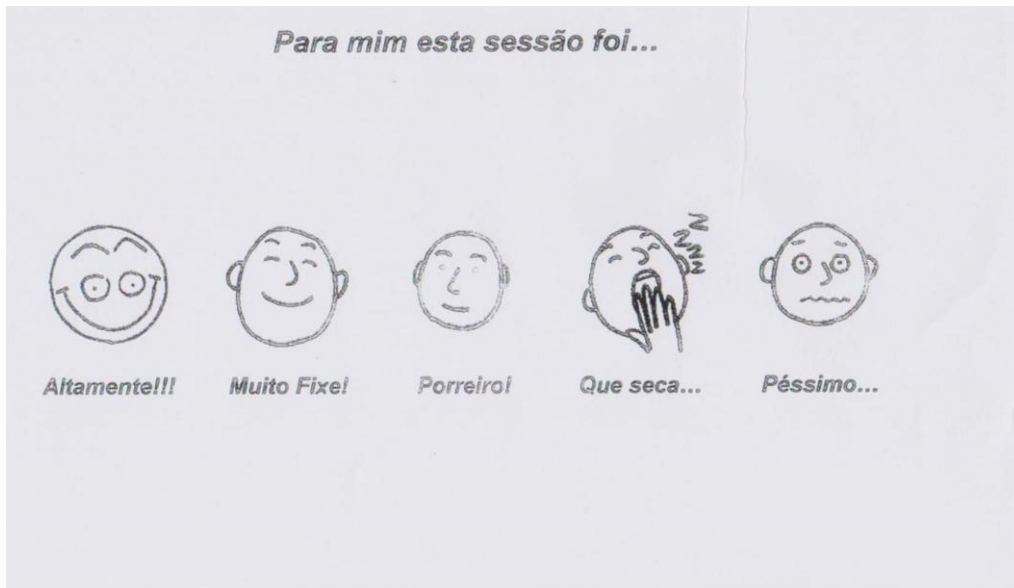
5. Novo caminho

Imagina-te antes de incisares as sessões comigo.


Agora repara se te sentes um pouco diferente, em comparação com o que sentiste quando chegaste aqui pela primeira vez. Achas que estás preparado para deixares de ter acompanhamento?



ANEXO XXIII- “Ficha dos Smiles”



ANEXO XXIV- “Ficha de avaliação das atividades”

Ficha de avaliação da Atividade (Aluno(a)) 

Nome do aluno: _____ Nº: _____, turma: _____, ano: _____
Atividade: _____ Data: ____/____/____

O que pensas da atividade:

| | | |
|--|--|--|
| <input type="checkbox"/> Gostei muito | <input type="checkbox"/> Gostei | <input type="checkbox"/> Não gostei |
| <input type="checkbox"/> Participei com empenho na atividade | <input type="checkbox"/> Participei na atividade | <input type="checkbox"/> Não participei na atividade |
| <input type="checkbox"/> Foi muito interessante | <input type="checkbox"/> Foi interessante | <input type="checkbox"/> Foi pouco interessante |

ANEXO XXV – Questionário aos Diretores de turma

| Aluno/Ano Turma | |
|--------------------|---|
| | <p><u>1.</u> Como é a participação nas aulas?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> |
| | <p><u>2.</u> Como é a concentração nas aulas?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> |
| | <p><u>3.</u> Está com atenção nas aulas?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> |
| | <p><u>4.</u> Traz o material?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> |

1



5. Compreende as explicações dos professores?

6. É assíduo e pontual?

7. Como é o comportamento dentro e fora das aulas?

8. Em que disciplinas tem mais dificuldades?

9. Falta às aulas?

10. Teve participações disciplinares?

Se sim quantas?

11. Este ano já teve suspenso quantas vezes?

Se sim qual o(s) motivo(s)? Quantos dias?

12. Observações:

Data

O Prof. Titular de Turma

___/___/___
